MONUMENTO
Á
ELEVAÇÃO DA COLONIA DO
BRAZIL A REINO,
E AO
ESTABELECIMENTO
DO
TRIPLICE IMPERIO LUSO.

AS OBRAS DE
PUBLIO VIRGILIO MARO,
TRADUZIDAS EM VERSO PORTUGUEZ,
E ANNOTADAS POR
ANTONIO JOSE' DE LIMA LEITÃO,
Cavalleiro da Ordem de Christo, Doutor em Medicina pela Escola de Paris, e Physico Mòr da Capitania de Moçambique.

TOM. I. Contendo as Bucòlicas, e as Geòrgicas.

RIO DE JANEIRO: 1818.
NA TYPOGRAPHIA REAL.
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

EU ELREY Faço saber, aos que este Alvará virem: Que Sendo-Me prezente o requerimento em que pedia o Doutor Antonio José de Lima Leitão o privilegio exclusivo para a traducção, que em verso solto pretendia imprimir das Obras de Publio Virgilio Maro, com a Faculdade de o ceder; E Tendo Consideração, ao que com resposta do Desembargador Procurador da Minha Real Coroa e Fazenda se Me expoz em Consulta da Meza do Meu Desembargo do Paço, com cujo Parecer Fui Servido Conformar-Me por Minha Immediata Resolução do primeiro deste mez, e anno; Hei por bem Conceder ao Supplicante privilegio exclusivo por tempo de quinze annos contados da data deste para que nenhuma pessoa, Livreiro, ou Impressor possa vender, imprimir, ou mandar vir de fora dos Meus Reynos e Dominios a dita traducção das Obras de Virgilio debaixo da pena de perderem todos os exemplares della, que lhes forem achados; E Hei outro sim por bem Conceder-lhe Faculdade para ceder em outro o mesmo privilegio, com tanto que não exceda dos ditos quinze annos. E este se cumprirá, como nelle se contém, e valerá, posto que o seu effeito dure por mais de hum anno, sem embargo da Ordenação do L. 2.º Tit. 40 em contrario. Pagou de Novos Direitos mil e oitenta réis, que se carregarão ao Thesoureiro delles a f. 173 do L. 5.º de sua receita, como se vio do Conhecimento em forma registrado a f. 39 vers. do L. 13.º do Registro geral. Dado no Rio de Janeiro a treze de Julho de mil oitocentos e dezoito.

REY

ALvará, por que Vossa Magestade Ha por bem Conceder ao Doutor Antonio José de Lima Leitão,

com Faculdade de cedel-lo em outro, o privilegio exclusivo para a traducção das Obras de Publio Virgilio Maro, como acima se declara.

Para Vossa Magestade ver.

Por Immediata Resolução de Sua Magestade do primeiro de Julho de 1818 em Consulta da Meza do Desembargo do Paço, e Despacho da mesma de nove do dito mez e anno.

Monsenhor Miranda. *Monsenhor Almeida.*

Bernardo José de Souza Lobato o fez escrever.

João Pedro Maynard d' Affonceca e Sá o fez.

Deste 3200.

Nesta Secretaria do Registro Geral das Mercês fica registrado este Alvará. Rio de Janeiro 24 de Julho de 1818. Pg. 3200.

Visconde de Magé.

Monsenhor Miranda. Gratis.

Pg. 1080; e aos Officiaes 3320. Rio 28 de Julho de 1818.

José Maria Rapozo de Andrade e Souza.

Pg. 4000 de Sello. Rio de Janeiro 28 de Julho de 1818.

Medeiros.

Registrado na Chancellaria Mór do Reyno do Brasil a f. 163 do L. 10.º dos Officios e Mercês. Rio de Janeiro 29 de Julho de 1818. Pg. 1600.

José Leocadio do Valle.

AS

BUCÓLICAS.

OFFERECIDAS

Ao Ill.mo, e Ex.mo Senhor

FRANCISCO JOSE' MARIA DE BRITO,

Do Consêlho de SUA MAGESTADE o REI Nosso Senhor, Seu Ministro Plenipotenciario nomeado junto do Rei dos Paizes-Baixos-Unidos, e actualmente Seu Encarregado de Negócios em França.

Crebras – amiudadas, redobradas, frequentes, repetidas

Ao Ill.mo, e Ex.mo Senhor Francisco Josè Maria de Brito, do Consélho de SUA MAGESTADE o REI Nosso Senhor, sendo nomeado Ministro Plenipotenciaria junto do Rei dos Paizes-Baixos-Unidos.

ODE.

. . . . Tuis certam, vaga Musa, telis
Delige metam.
Sume quem dulci feriamus arcu
Nobilem . . .
Pind. ex Vers. Sudorii.

Strophe 1.ª

Desce dos altos Cèos, Verdade augusta
Solemne juramento
Sôbre altar puro no Sanctuàrio da Honra,
Vai dar o Vate Almiro á face do Orbe.
Sinto rinjir os quicios;
Jà vejo patentear-se o sacro Alcàçar:
Revolve a austera Deosa a ardente pyra;
Crebras linguas de fôgo aos astros manda.

Antistrophe 1.ª

Longe, longe de mim, vulgo profano;
Com a sòrdida bôcca
Oh! não lhe manches venerando o nome.
Aberto o livro està c' o sêllo eterno,
Para lançar meus votos.
Eil-a, que chega em nuve auri-purpùrea,
A candida Verdade . . . Ouvi-me, oh povos,
Quando àttentos a mim vêdes os Numes.

E' PODO 1.º

„ Por vòs, tremendas ondas,
„ Que vêzes nove circundaes o Averno,
„ Sagrar juro à Verdade os sons da Lyra,
„ Odios juro à Lisonja.
„ A Màrcia em meu amor cantei verdades,
„ Verdades cantarei, mais rigorôso,
„ No louvor, que Varões arranque ao Lethes.

STROPHE 2.ª

Respeitosa mudez, êxtase sancto
Reina, recresce a flamma,
E a coma vem lamber-me! Auspìcio fausto!
Bate-me o peito!... A mente-se escandece...
Brito... Salve! Oh salve!
No ar a Diva floreia alvo estandarte;
Diz — Brito — a estampa de oiro. San Verdade,
Com tigo cantar vou teu nobre alumno.

ANTISTROPHE 2.ª

Lindas Filhas de Jove, altas Camenas,
Vòs, que nos dôces braços,
Pelos jardins florentes do Permesso,
Inda infante o levastes, esmeradas,
Onde a Sapiencia fulge;
Na Aganippe caudal vinde banhar-me;
Sublime harpêjo me tecei na Lyra,
Que de ornar digno sêja o Amor da Pàtria.

E' PODO 2.º

Não temas, varão probo,
Que offender-te a modèstia vão meus versos;
As ondas do Acheronte inda murmurão
Meu sacro juramento.
Sei eu, e trôe no Orbe, que em teu peito

Resvala a Adulação esmorecida,
Qual no fèrreo broquel setta resvala.

STROPHE 3.ª

Pêlo Sìculo pego revoltôso,
De escolhos semeädo,
Onde Scyla feroz medio o salto,
Onde estua Carybdes pavorosa,
Rebramando tormentas;
A mil baixeis peritos sepultura;
Passou illeso o cautelôso Ulysses
C' o fito coração na pàtria amada.

ANTISTROPHE 3.ª

Tal entre os furacões, que à cega Europa
O alicerce abalàrão,
Que vìctimas culpadas, e innocentes
Da fatal Ambição no altar immundo
Immolàrão sem conto;
Prudente junto ao Sena (então sobêrbo!)
Travessaste a borrasca gloriôso,
C' o Rei na bôcca, e o Rei no ìntimo peito.

E' PODO 3.º

Sim, excelso Monarcha,
Inspirar-te o Cèo quiz tão nobre escôlha;
Pura tem Brito a mente, as mãos tem puras:
Nelle o Bàtavo, e o Mundo
Resplandecer verão nôvo Araüjo.
Sou vate; e dos fatìdicos arcanos
Penetro o grôsso vèo co' a luz de Apollo.

STROPHE 4.ª

De quanto amparo aos Lusos foragidos
Não tem sido o seu braço?

Oh! Quantas vezes, vencedor prestante,
Não prostrou da Desgraça o monstro horrendo,
E das mãos sanguinosas
Lhe arrebatou o assaltëado Luso?
Se os filhos tôdos teus assim luzissem,
Raïar nova aurea idade, Elysia, viras.

ANTISTROPHE 4.a

Dize-o tu, grão Filinto, amor das Musas,
Tu, que em immortal canto,
Jà o fazes zombar do nêgro Olvido;
Tu, que provado tens em grào supremo
A não commum virtude,
Que essa alma tão benèfica lhe endeusa:
Quem o dirà mais que eu? Eu, que achei Brito
Sempre prompto a valer, sempre Mecenas?

E' PODO 4.o

Em pomar bondadôso,
Ou enregele Orion, ou Syrio abraze,
De àrvores vàrias stão pendentes fructos
De sasonado gôsto;
Assim do coração, em tôdo o tempo,
Pendem-lhe prontos bens. Em clima estranho
Esta àrvore se è tal, no seu qual fôra?

STROPHE 5.a

Se eu, como Orpheo, podera ao Reino escuro
Descer co' a maga Lyra; (*)
Como elle eu, inflammado, as Irmãs feras

(*) Imitação de uma passage da famosa Ode de Rousseau ao Conde de Luc. Paris em Dezembro de 1814.

Por ti, por ti, Appoio dos honrados,
Fôra implorar. — Oh Deusas,
(Lhes dicera) „ ao meu Brito, ao Cèo tão caro,
„ Tão util aos humanos, compassivas,
„ Dai-lhe o mais longo fio, o mais ditôso.

ANTISTROPHE 5.ª

„ E se do Styx o Deus inexoravel,
„ Injusto, vol-o veda,
„ Cortai, não hesiteis, a minha vida,
„ E à que ao claro varão è reservada
„ Atai-a; assim se digne
„ O Destino surrir-vos amorôso. —
Com preces taes eu abrandara as Parcas,
E A'tropos dura largaria o ferro.

E' PODO 5.º

Mas se a tanto eu não valho,
Com indeleveis rasgos posso ao menos
Gravar-te em vivo bronze as acções bellas
No templo da Memòria;
Acções, que as portas te abrem do almo Elysio,
Onde iràs, cheio das bençôes da Pàtria,
O nùmero engrossar dos Heròes Lusos.

PREFACIO DO TRADUCTOR.

****

APARTO-ME do uso de começar os prefácios pêla confissão da propria incapacidade; confissão não sincera, modestia affectada, que leva a mira em mais se engrandecer, e melhòr captar a benevolencia; mas que não illude homens sensatos. Se Phaetonte soubesse que seria despenhado no Pò, não se affoitaria a reger o côche paterno.

Olhei para as traducções de Leonel da Costa, e de João Franco Barrêto; confrontei com ellas alguns pedaços, que eu vertêra, e conclui que mais do que elles me approximara da concisão Latina, e não moldava os meus versos pelo gosto reinante quando elles escrevêrão. Vi a das Geòrgicas feita por Osòrio; achei-a pouco concisa. Persuadido destas vantagens puz peito à traducção, com o fito de mais do que elles allargar a esphera da nossa lingua, mostrando nella Virgilio em frase mais Virgiliana. Calculei, segundo o preceito de Horàcio, (1) se os meus hombros fraquea-

(1) Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam
Viribus, et versate diu quid ferre recusent,
Quid valeant humeri. Hor. de Art. Poet.

rião a peso tão ingente : achei que não. Enganar-me-hei ; pode muito bem ser ; mas será de boa fè ; e nêste caso è de justiça que se me leve em conta o desêjo, e deligencia de accertar, e o fito de utilizar a litteratura nacional. Achar-se-hão palavras com usos novos, e mesmo novas palavras. E' este o methodo de enriquecer as linguas. Em ambos os casos malhei o meu trabalho a cunho Latino ; pois que, como a lingua Grêga era a fonte, onde se ia prover a Làcia (2), esta è a que nutre a nossa. Jà Camões o fez ; tem-no feito os bons poetas, que jà passàrão ; e hoje inda com audàcia nobre o faz o sempre illustre Filinto Elysio. (3) Foi, e serà sempre honrôso trabalhar em enriquecer prudentemente o idioma pàtrio. E por que não o tentarei eu tambem ? (4)

Consultei os melhores Commentarios. Es-

---

(2) Et nova, et ficta nuper habebunt verba fidem, si Græco fonte cadant. Hor. Ibid.

(3) . . . . . Quid autem
Cæcilio, Plautoque dabit Romanus, ademptum
Virgilio, Varioque ? Ego cur acquirere pauca,
Si possum, invideor, cum lingua Catonis, et Enni
Sermonem patrium ditaverit, et nova rerum
Nomina protulerit ? Licuit, semperque licebit
Signatum præsente nota producere nomen.
Hor. Ibid.

(4) Atar mais uma rosa às outras rosas
Da grinalda, que os Clàssicos tecêrão.
Fil. Elysio. T. 4.

forcei-me em pôr o maior esmêro de que eu fôsse capaz : assim os erros meus não serão devidos à falta de trabalho ; mas sim á da capacidade. Recorri às traducções melhores que tem as quatro linguas , filhas da Latina ; porêm mais me utilisàrão Delille na Francêza , Hanibal Caro , e Ambrò␣gio na Italiana. A minha è mais concisa do que as delles , e com ella me parece que provo aos meus compatriotas , e às mais nações que a lingua Portugêza è das que hôje vivem a mais chegada à Latina em concisão , e bellézas.

Fazendo o meu possivel para fazer descer à minha traducção todas as figuras do original , com tudo algumas vêzes me atrevi a não traduzir litteralmente. O gènio da lingua Lusa , ainda que è o mais pròximo do da Latina , não è por tanto o mêsmo. A essencia das traducções poèticas è representar as imagens do original tão vigorosas como nêlle estavão ; e pois que certas palavras , e modos de dizer , que no original erão sublimes , deixão de o ser na còpia ; convêm por isso que para esta se busquem os que em sublimidade emparelhem os daquelle. Cicero , traduzindo Eschines , e Demòsthenes dizia (e vertia prosa) que traduzir não è dar ao leitor as coisas por conto , mas sim por pêso.

Animei-me a dar intelligencia a alguns lugares desconforme à que os commentadores lhes tem dado athè hoje : e por que o

não faria eu entendendo que melhorava a versão ? Enganei-me ? Reprovem-ma , destruindo as rasões , que alleguei. Não è muito que eu me engane na intelligencia de Poetas , quando os mais affamados commentadores là tem claudicado , e cujos parecéres se achão refutados por outros intèrpretes de igual lote.

Reprovei lugares de traducções alheias : quando eu contrarìo maneiras de pensar de outrem , não è na pèssima intenção de certo Filisto , orador , e familiar de Augusto (5) , que contradizia tudo a eito por se alardear mais erudito que os outros ; caracter perverso , e baixo , e que inda hoje tem nìmios sectarios ; faço-o sim , como Sòcrates , respeitando as leis da decencia , e da honra , para appurar a verdade : Assim , espero que o meu trabalho , a não ter outra valia , terà a de pelo menos despertar outros , que melhor o desempenhem.

Fiz unicamente as annotações , que me parecêra de necessidade absoluta para a intelligencia do Poeta ; não sendo o meu fim principal o commental-o , mas sim o traduzil-o poeticamente.

Se algum erudito me quizer honrar com observações sobre passagens , que eu mal entendêra , acceital-as hei com docilidade , e agradecimento : então consultarei outros

(5) Vid. Vida de Virgilio.

eruditos; e, verificada a validade de taes observações, consignal-as-hei, appontando a quem a litteratura deve aquella correcção.

Ia traduzindo Virgilio, e compondo outros ensaios em litteratura jà nas horas vagas do meu curso mèdico, e dos ramos a elle accessorios, já nas que me restavão da pratica em hospitaes de extraordinaria concurrencia; e êste modo de vida continuarei emquanto Deus m'a der. Sabida lei è que no homem vivo um grande estimulo, que o abattêra, cessa, ou perde muito de sua intencidade, applicando-se-lhe um estimulante diverso daquelle que o produzio, inda que lhe seja igual em força dada com tudo a aptidão do individuo a supportar taes impressões; este alivio, ou abolição de estimulo pende da mudança do modo de existencia na màchina estimulada. Esta lei physico-vital abrange as funcções do entendimento. A alma, cançada pela meditação sobre um problema de mathematica, uma questão physiologica, ou confrontação de opiniões de direito &c. soffre, e enfraquecida se embota: vai então o pensador esforçar-se em crear, ou analysar expressivas imagens poeticas, rasgos hardidos de pintura, sonoros concertos de musica; eis logo vai sentindo a alma, athè alli oppressa, reganhar o seu elastèrio espiritual, e recobrar o quasi perdido vigor. Isto è o que a natureza ensinou aos grandes sabios de todas as sciencias, e o caminho, que a

natureza ensina, è o mais seguro, e agradavel. (6) Trilhado foi elle pelos primeiros medicos. Olhem em Hippòcrates um abismo em bellas letras, em politica, em philosophia: foi Galeno insigne em bellas letras: Celso athè escreveu da arte militar: Boerhaave foi um grande mûsico: Haller despregou à imaginação os vôos contemplando sonorôso a magestade dos Alpes, e a sua patria, a Suissa, o escolheu por seus talentos politicos para ser um de seus primeiros magistrados: foi Zimmerman poeta excellente, a quem se deve um poema sobre os desastres de Lisboa, e a grande obra da Solidão: o nosso insigne Antonio Nunes Ribeiro Sanches, primeiro medico e conselheiro de Estado em Russia, que portentosa erudição! Não nomeio mais por não ser enfadonho. Estes grandes homens são as escoras da Medicina; uns a formarão, outros lhe derão grande accrèscimo, a pezar de se darem tambem a estudos differentes: estavão capacitados das rasões, que deixo appontadas. Seguil-os-hei, inda que de rastos, e de longe; dizendo como o cèlebre Fenelon fez dizer ao seu Telèmaco = eu não sou Hèrcules; mas è honroso tentar imital-o; e dando por agora à patria con-

(6) Tutum iter est, jucundum est, ad quod natura te instruxit.

Senec. Epist. 31.

ta dos meus òcios, athè que venha tempo mais favoravel para lha dar das minhas fadigas.

Esta ùltima parte do meu discurso não è para os sabios, pois que melhor do que eu conhecem o assumpto della; não è para os charlatães, e maldizentes, pois que delles não faço caso; è sim para algumas pessoas, que, não estando ao alcance destas rasões, julguem de bôa fè que è incompativel com a vida de um medico, ou de outro qualquer professor das mais sciencias, entreter-se em objectos de gôsto.

Não fallarei no miseravel prejuizo, em que estão no nosso paiz certas cabeças ôccas, de que è necessario ser extravagante, e louco para ser poeta: deixalas-hei enlodarse a seu gôsto, e sò me entreterei a mostrar-lhe de longe no alto do Pindo um Augusto com um Virgilio; um Deniz, Rei de Portugal, com um Camões; um Frederico 2.º, Rei de Prussia, com um Voltaire; dizendo-lhes unicamente que não confundão com os poetas alguns insignificantes trovadores, e que se algumas muito raras vezes virão môços dotados de poètico engenho serem estravagantes; busquem-lhe a fonte na mà educação que lhes corrompeu a indole, e lhes annuviou o estro para nunca darem nada à Posteridade.

VIDA DE VIRGILIO,

Attribuida por alguns a Donato.

Publio Virgilio Maro nasceu de familia humilde, principalmente pelo pai Maro, que alguns dizem fôra Oleiro, outros que estivera assoldadado com certo viajante Mago, que, por ve-lo industriôso, o casara com huma filha sua; e que, encarregando-o o sôgro de sua agricultura, e rebanhos, augmentara seus bens com a cultura dos bosques, e com a criação das abêlhas. Nasceu no primeiro Consulado de Cn. Pompeio Magno; e de M. Licinio Crasso; no dia dos Idos de Outubro, em uma Aldea por nome Andes; não longe de Mantua. Maia, sua mãe, trazendo-o no ventre, sonhou que devia parir um ramo de loiro; que, apenas toccasse a terra, ella o veria agigantar-se alli mesmo em forma de arvore carregada de varios fructos, e flôres: e no dia seguinte, indo com o marido para o campo, apartou-se do caminho, e n'uma cova felizmente pario. Conta-se que o menino não chorasse à nascença, antes no manso semblante mostrasse não dùbia esperança de mais pròspera condição. Outro presagio acconteceu. A vergôntea de àlamo, logo alli disposta segundo o costume nos partos, tão breve cresceu, que emparelhara logo com os àlamos muito antes plantados: foi por isto chamada arvore de Virgilio; e consagrada com summa devoção das mulheres prenhes, e paridas, à qual ião prometter, e pagar votos.

Passou em Cremona o principio da idade; isto è athè aos sete annos; e aos dezassete recebeu a toga viril, sendo Consules os mesmos, que o erão quando elle nascêra; neste mesmo dia do seu

nascimento morreu o Poeta Lucrecio. Virgilio passou de Cremona a Milão, e de là pouco depois a Napoles, onde com alta vehemencia se deu ao estudo das lettras Gergas, e Latinas, applicando-se por fim com desvelo extremo à Medicina, e Mathematicas. Como ficasse nestas materias mais que os outros erudito, e versado, veio a Roma, onde logo travou amizade com o Estribeiro Mor de Augusto, e lhe curou os cavallos de varias molestias. A Virgilio mandou dar Augusto a ração de pão de um simples estribeiro para o recompensar. No em-tamto presenteàrão os Crotonìates a Cesar com um potro de admiravel formosura, que, pelo juizo de todos, dava esperança de forças, e celeridade immensa. Vendo-o porem Maro dice ao Estribeiro Mor que o pôtro nascêra de ègua doentia, e que não havia de ser forte, nem ligeiro: cumprio-se o prognòstico. O Estribeiro Mor narrando-o a Augusto, este lhe mandou duplicar a ração de pão. Mandando-se de Hespanha cães a Augusto, conheceo-lhes Virgilio a raça, e que havião de ser possantes, e leves. Sabido isto manda-lhe Augusto segunda vez dobrar a ração de pão.

Duvidava o Imperador se era, ou não filho de Octavio; e julgou que Virgilio, tendo conhecido a raça dos cães, e pôtro, e suas qualidades futuras, poderia satisfazer-lhe a curiosidade. Estando livres dos circunstantes, chama a Virgilio para a parte mais escusa do Palacio, e lhe pergunta se o conhecia, e ao poder, que elle Imperador tinha, de additar os homens. Conheço, diz-lhe Maro, que tu, Cesar Augusto, gosas de poder quasi igual ao dos Deoses immortaes para fazeres feliz a quem te appraza. Estou pois no animo, — respondeu Cesar —, de te fazer ditoso, se deres ao que te pergunto veridica resposta. Praza ao Ceo, — diz Maro —, que eu possa satisfazer-te! Então lhe torna Augusto: hà quem julgue que eu não sou filho de Octavio; que dizes? Maro, rindo-se algum

tanto : facil è, lhe responde, — o explanar-to, se me dás licença que eu impune diga o meu parecer. Jura Cesar que dicto algum levaria a mal, e que antes o recompensaria. A isto Maro, cravando os seus nos olhos de Augusto : facil, — diz — podem os philòsophos, e mathematicos conhecer os pais nas differentes classes de animaes ; no homem de nenhuma fórma è possivel : mas cólho de ti conjectura verosimil para poder saber que emprêgo teu pai exercêra. Attento esperava Augusto a decisão. Diz pois Virgilio : segundo o que posso colligir, ès filho de um moleiro. Pasmou Cesar, e revolvia no animo como tal podesse acontecer. Interrompe-o Virgilio : ouve como o conjecturo. Tendo eu annunciado, e predicto o que pode ser sabido por varões em sciencia consummados, tu, Principe do Orbe, uma, e outra vez me mandas recompensar com rações de pão ; julguei eu pois que tal proceder convinha ou a moleiro, ou a filho de moleiro. Agradou a Cesar a galantaria. De hoje em diante — diz-lhe Augusto, — não por moleiro ; mas serás premiado por magnanimo Rei. Estimou-o em muito, e o recommendou a Pollion.

Foi de estatura grande, cor morena, aldeão no semblante, de compleição vario : padecia frequente do estômago, garganta, e cabêça : muitas vêzes lançou sangue pela bocca : era de pouco comer, e pouco vinho bebia. A fama diz que elle fôra libidinôso com meninos ; porem os bem intencionados julgárão que elle os amava como Sòcrates a Alcibìades, e Platão os seus meninos. Entre tôdos amou ardentemente Cebetes, e Alexandre, que na segunda E'cloga chama Alexis, e que Pollion lhe dera. Nem a um, nem a outro deixou sem erudição ; foi grammàtico Alexandre, e Cebetes poeta. Divulgou-se que elle frequentara uma certa Plòcia Hièria ; porem affirma Ascònio Pediano que elle depois dizia aos mais môços que o convidara Vàrio muitas vêzes a tratar aquella mulher ; mas

que elle pertinaz o recuzara. Do resto consta que tão probo fôra de vida, lingua, e intenções que em Nàpoles tinha o appellido de virgem (Parthenias); e se em Roma era visto, o que raro accontecia, logo que percebia que o pùblico nelle reparava para o applaudir, costumava entrar na mais próxima casa. Offerecendo-lhe Augusto os bens de certo desterrado, elle os não quiz acceitar. Possuio pela liberalidade dos amigos quasi cem sextèrcios (dez contos de reis); e teve caza no monte Esquilino, junto ao jardim de Mecenas, onde ìa morar quasi sempre vindo de Campânia, ou Sicìlia. Conseguio tudo que a Augusto pedio. Cada anno mandava sommas aos parentes, com que abundantemente vivessem, os quaes perdeu adulto; destes o pai cego, e dois irmãos inteiros, Silo inda imberbe, e Flacco jà homem, cuja morte chora sob o nome de Daphnis (1). Entre todos os estudos, como acima dicemos, applicou-se mais à Medicina, e Mathemàticas. Teve um processo unico, e esse pleiteou sò uma vez. Conta Melisso que fôra tardo no fallar, e dava mostras de ignorante. Sendo inda menino agoirou bem em poesia, fazendo este dìsticho contra Balista, mestre de gladiadôres, coberto de pedras pela infamia de seus roubos:

Monte sub hoc lapidum tegitur Balista sepultus;
Nocte, die, tutum carpe, viator, iter.

De pedras tal montão cobre a Balista;
Vai noite, e dia, viandante, a salvo.

Compoz depois o Catalecton, Moreto, Prìapeia, Epigrammas, e Diras; e, tendo quinze annos, compoz o Mosquito, cujo assumpto è este: dormia cançado pela calma um pastor à sombra de

(1) Veja-se o argumento da 5.ª E'cloga.

uma arvore ; vem a elle da visinha lagoa uma serpente ; vôa o Mosquito , e pica o pastor na testa. Este com a dor acorda , e com a mão machuca o Mosquito ; eis vôa a serpente , mata-a , e ergue um tùmulo ao Mosquito , pondo-lhe este dìsticho :

Parve culex , pecudum custos tibi tale merenti
Funeris officium , vitæ pro munere , reddit.

Pela mercê da vida , oh meu mosquito ,
Faz-te um pastor tão merecida exèquia.

Escreveu tambem o Ethna , de que nada se sabe ; e começando a cantar as acções Romanas , offendeu-se do assumpto , e da asperêza dos nomes , e passou às Bucòlicas para celebrar Asinio Pollion , Alpheno Varo , e Cornèlio Gallo , que se prestàrão a indemnisal-o na distribuição dos campos alem do Pò , que depois da batalha de Philippes se dividirão pelos soldados veteranos , segundo a ordem dos Triûmviros. Deu depois à luz as Geòrgicas em louvor de Mecenas ; pois que este immediatamente o soccorreu contra a violencia de um Claudio , soldado veterano , ou , como outros julgão , do Centurião Ario , pelo qual por pouco não foi môrto em altercação sobre a cessão dos campos. Principiou logo a Eneida , poema vario , e multiplice , quasi à maneira dos dois poemas de Homero , no qual juntou frequentes nomes , e assumptos Grêgos , e Latinos , e cantou , como principal objecto , a origem de Roma , e a de Augusto. Consta que quando escrevêra as Geórgicas , meditava todos os dias pela manhã muitos versos , e que , ao correr do dia , os ïa reduzindo a pequeno numero ; e que dizia que elle fazia versos como as ursas parião os filhos , e que depois , como ellas , à fôrça de os lamber , os afformoseava. Dizem alguns que composera primeiro a Eneida em prosa , repartindo-a logo em dôze livros ; e muitos crem que , se mais

vivesse, comporia vinte, e quatro athè Augusto, e principalmente com muita deligencia os feitos deste. Em quanto estava com uma obra, e outras lhe occorrião, bosquejava somente estas guardando-as para quando accabasse a que entre mãos tinha; por isso deixou algumas por finalizar: outras escorou em versos de pouca monta, dizendo brincando que estes erão espeques, e pontalêtes, que sustinhão o edificio athè à chegada de sòlidas columnas.

Induzido por Asinio Pollion accabou as Bucòlicas no espaço de um triennio. Governava este a provincia Transpadana, por cujo favor Virgilio, sendo distribuidos pêlos soldados veteranos de Augusto os campos de Cremona, e Mantua, não perdeu as suas possessões, que recuperou, tendo sido dadas a Claudio, ou a Ario. Maro amou em extremo este Pollion, e reciprocamente querido recebeu dêlle muitas dàdivas. Sendo por elle convidado a uma cêa, ficou encantado da formosura, e agilidade de Alexis escravo do hòspede, o qual, conhecendo isto, lho deu. Virgilio estimou com prodigiôso amor a C. Asènio, filho deste Pollion, e a Cornèlio Gallo, famôso Orador, e poeta não medìocre, que em Latim traduzio Euphorion, e escreveu em quatro livros os seus amôres com Cythèride; e gosando primeiro da amizade de Cezar, foi depois suppliciado por suspeitas de conjuração contra elle. A tal ponto levou Virgilio o seu amor para com este Gallo que o quarto livro das Geòrgicas do meio athè ao fim fôra destinado aos louvôres delle; o que depois substituio, por ordem de Augusto, com a fàbula de Aristeo.

Em sete annos completou as Geòrgicas em Napoles; e em dôse a Eneida, parte em Sicilia, parte em Campania. Tiverão as Bucòlicas tanto successo que muitas vêzes forão recitadas em scena por cantôres. Ouvindo Cicero certos versos della, e entendendo logo em seu juizo profundo que nascidos não erão de commum estro, mandou recitar

do princìpio a Ecloga inteira : tendo-a pois attento escutado , diz no fim : *magnæ spes altera Romæ* , ès outra esperança da grande Roma : julgando-se elle a primeira esperança da lingua Latina , e que Maro seria a segunda. Inserio Virgilio depois estas palavras à Eneida.

Voltando Augusto da victòria de A'ctica , e , para refazer-se de fôrças , demorando-se em Atella , o poeta lhe leu por quatro dias seguidos as Geòrgicas , continuando Mecenas a leitura , sempre que o incommodo da voz o embaraçasse. Pronunciava com grande suavidade , e esmêro admiravel. Seneca refere que Julio Montano , poeta costumava dizer que roubaria , se podesse , a Virgilio a voz , o semblante , e a hypocrisia : que os mesmos versos , pronunciando-os elle , soavão bem ; e na bocca de outros parecião àridos , e quasi mudos. Houve tanta fama da Eneida apenas começada que Sêxto Propèrcio não duvidou fazer esta predicção :

Cedite , Romani scriptores , cedite , Graii ;
Nescio quid majus nascitur Iliada.

Cede , escriptor Romano , cede , oh Graio ;
Não sei que nasce mor que a grande Ilìade.

Augusto , vindo da expedição de Cantàbria , rogou por cartas a Virgilio , jà affagando-o , jà por graça ameaçando-o , lhe mandasse algum livro , ou alguns versos da Eneida : Virgilio negou-lho. Porem muito depois , estando jà o poema accabado , lhe recitou tres livros inteiros , o segundo , o quarto , e o sêxto ; mas este principalmente por causa de Octàvia , que , attenta à narração , desmaiou aos versos à cêrca de seu filho : *Tu Marcellus eris &c.* Tu seràs Marcello. Tornando com custo a si , mandou dar a Virgilio por cada verso dez sextèrcios (um conto de reis). Recitou-os a mais pessoas ; mas não frequentes vêzes , principalmente os versos ,

em que tinha dùvidas, para melhor conhecer o juizo que os homens fazião. Conta-se que Erote, livreiro, e liberto seu jà alcançado em annos, costumava recitando dizer estes dois meios versos; e Virgilio, ouvindo-os uma vez, lhe repentinasse o fêcho:

Erote - *Misenum Æolidem* - (Virg.) - *Quo non præstantior alter.* -

Misseno Eöleo; . . . Ninguem foi mais bello,

Erote - *Ære ciere viros* - (Virg.) - *Martemque accendere cantu.* -

Move a tuba os varões; . . . põe Marte em flammas.

Emendou as Bucòlicas, e as Geòrgicas. Tendo jà cincoenta, e dois annos, determinou, para fazer as ùltimas correcções na Eneida, passar a Grècia, e a Asia, e de empregar um triennio em limar toda a obra, dando depois à philosophia o resto da vida: mas como na viagem encontrasse Augusto em Athenas, que voltava do Oriente a Roma, intentou voltar com elle: e indo ver Megara, villa visinha de Athenas, cahio n'uma doença de languor, que foi augmentando em rasão da navegação não interrompida: chegando a Brundùsio peorou de dia em dia, e là morreu no 1.º das Calendas de Outubro, sendo Consules Cn. Plancio, e Q. Lucrecio. Vendo-se perto da morte pedia frequentemente, e com muita instancia a sua carteira, na intenção de queimar a Eneida: o que sendo-lhe negado, mandou no seu testamento que a queimassem como não accabada, e incorrecta. Varo, e Tucca admoestàrão Augusto que o não consentisse. Legou os seus escriptos a Vàrio, e a Tucça, precedendo a condição de que nada lhes ajun-

tarião que delle não fosse ; é de que deixarião, quaes estavão, os versos imperfeitos. Quiz que seus ossos fossem transferidos a Nàpoles, onde vivera muito, e suavissimo tempo ; e estando jà muito doente fez para si este epitaphio :

Mantua me genuit ; Calabri rapuere ; tenet nunc
Parthenope : cecini pascua, rura, duces.

Grei, campo, armas cantei ; meu bêrço è Mantua ;
Calàbria me roubou ; meu tum'lo è Nàpoles.

Forão trasladados para Nàpoles os seus ossos por ordem de Augusto, como elle havia determinado, na rua *Puteolana* dentro de dois caixões de pedra, e o dìstico, que elle composera, là està escripto. Legou metade dos seus bens a Valèrio Procul, seu meio irmão ; a quarta parte a Augusto ; a dècima a Mecenas ; e o resto a L. Vario, e Plòcio Tucca, que depois da sua morte emendàrão a Eneida por ordem de Cesar, do modo que o poeta o pedìra. Ninguem opinou que a Eneida devia ser queimada ; sobre o que restão versos de Sulpicio Carthaginez :

Jusserat hæc rapidis aboleri carmina flammis
Virgilius, Phrygium quæ cecinere ducem ;
Tucca vetat, Variusque simul, tu, maxime Cæsar,
Non sinis, et Latiæ consulis historiæ.
Infelix gemino cecidit prope Pergamus ìgni,
Et pene est alio Troja cremata rogo.

Mandou Virgilio dar às flammas ràpìdas
Canto, que immortalisa o heròe Troyanno,
Prohibe-o Tucca, e Vario, e o não consentes,
Màximo Cesar ; poupas Làcia història.
Morrera em duplo incêndio o triste Pèrgamo,
E em outra pyra ardêra accêsa Troya.

Tambem de Augusto hà versos notaveis sôbre o mesmo assumpto ; eis o principio :

Ergone supremis potuit vox improba verbis
Tam dirum mandare nefas ? Ergo ibit in ignens
Magnaque doctiloqui morietur musa Maronis ?

E poude improba voz no ùltimo arranco
Mandar crime tão cru ? Tem de ir às flammas
Do doctìloco Maro a grande musa ?

E pouco depois :

Sed legum servanda fides : suprema voluntas
Quod mandat , fierique jubet , parere necesse est
Frangatur potius legum veneranda potestas ,
Quam tot congestos noctes , diesque labores
Hauserit una dies. &c.

Porem a fè das leis guardar se deve ?
Convem cumprir as ùltimas vontades ?
Quebre-se antes das leis poder sagrado ,
Do que um sò dia suma taes fadigas
Em tanto dìa , e noite amontoadas. &c.

Nada Vario ajuntou ao que Virgilio tinha começado ; tal foi a ordem de Augusto : sò retocou a obra , deixando por accabar os versos , que Virgilio assim deixara. Muito se tem esforçado em suppril-os ; mas não vencêrão a difficuldade ; por que todos os meios versos , exceptuando este — *Quem tibi jam Troja* — parece ter sentido perfeito. O Grammàtico Niso dizia ter ouvido a gente antiga que Vario mudara a ordem de dois livros , trocando o segundo , e treceiro ; e que tambem emendara o principio do primeiro livro , cortando-lhe estes versos :

Ille ego , qui quondam gracili modulatus avena

Carmen, et, egressus silvis, vicina coegi
Ut quamvis avido parerent arva colono,
Gratum opus agricolis: at nunc horrentia Martis
Arma, virumque cano....

Eu, que outr'hora cantei em tenue avena,
E, dos bosques sahindo, as lavras pròximas
Fiz ob'decer ao àvido colono,
A agrìcolas frugaes grato presente;
Do rispido Mavorte hòrridas hoje
Canto as armas, e o heròe....

Não faltàrão detractôres a Virgilio: não é de admirar; têve-os Homero. Publicadas as Bucòlicas, um anònimo escreveu Antibucòlicas somente em duas E'clogas; mas sem sal, nem graça, das quaes eis os principios:

Tìtyre, si toga calda tibi est, quo tegmine fagi?

(1) Se tens calma co' a toga, por que, oh Tìtyro,
De faia c'um capote inda te embuças?

Sequentis

Dic mihi, Damœta, cujum pecus? Anne Latinum?
Non, verum Ægonis: nostri sìc rure loquuntur.

(2) De quem tal grei, Dameta? E' pois Latina?
Não; mas de Egon: no campo assim se falla.

Ao recitar esta passage das Geòrgicas — *Nu-*

---

(1) Allude ao nome — tègmine — que quer dizer cobertura; por isso o criminavão de pouco exacto.

(2) Louca reprehensão a Virgilio por haver imitado de Theòcrito este verso da 5.ª Ecloga. Batto — Dic mihi, ò Coridon, cujum pecus; est ne Philondæ?

dus ara, sere nudus — accodio um — *habebis frigora, febrem..* Nu lavra, nu semeia — eis frio, eis febres.

Hà contra a Eneida um livro de Carbilio Pictor, com o tìtulo de Eneidomastix. M. Vipsanio dizia que não era tùmido, nem esteril; mas feito com palavras communs. Herennio sómente lhe notou os vicios, e Perilio Faustino os roubos. Hà volumes de Q. Octàvio Avito, onde estão marcados os versos compilados, e de donde. Asconio Pediano diz no livro, que contra os detractôres do Virgilio escrevêra, que poucas objecções elles fizerão, e que principalmente dicerão não ter elle guardado a ordem historica, e approveitar-se muito de Homero. Accrescenta que Virgilio assim se costumava defender deste crime: Por que não tentàrão elles tambem estes roubos? Entenderão então que fôra mais facil roubar a maça a Hèrcules do que um verso a Homero: dava por fim as costas, deixando saciar-se a inveja dos malèvolos. Tambem conta Pediano que fôra benigno, e amador de tôdos os bons, e eruditos; que nunca fôra invejoso, de sorte que sabendo de algum dicto ajuizado, não se alegrava menos do que se elle proprio o houvesse dito; que a ninguem vituperou; que louvou os bons; e que fosse de tanta humanidade que todos, a não serem os grandes perversos, não sò o estimassem, mas o amassem tambem. Nada tinha que fôsse seu sò; a sua biblioteca não era mais dêlle do que dos outros doutos, e repetia frequente o antigo dizer de Eurìpides: *os bens dos amigos são communs.* Têve por socios todos os poetas coevos, de tal sorte que, andando entre estes a inveja, tôdos o frequentàrão Vario, Tucca, Horacio, Gallo, Propèrcio. Dizse que Anser, por que seguio o partido de Antònio, não era do seu bando. Cornificio, por ser de perversa naturêza, não poude supportar-lhe a virtude. Foi verdadeiro desprezador da glòria. Quan-

do alguem lhe mandava versos, que desempenhasem o assumpto, não somente não tinha ciumes, mas athè nadava em grande regosijo. Succedeu chuver muito todas as noites, e clarear pela manhã o tempo durante jogos, que Augusto mandara fazer: então compoz um dìstico, onde juntou o louvor, e felicidade do Imperador, e nas portas do Paço o fixou, sem nomear o autor. Dizia assim:

Nocte pluit tota, redeunt spectacula mane:
Divisum imperium cum Jove Cæsar habet.

Tôda a noite choveu, de dia hà jogos:
Cesar com Jove dividio o impèrio.

Procurando Augusto por muito tempo de quem fôssem estes versos, não poude encontrar o autor: porem um certo Bathyllo, poeta mediocre; vendo os outros callados, diz que elle o è. Foi por isto honrado, e premiado por Cesar. Virgilio não o soffreu, e na mesma porta fixou estes quatro comêços de verso:

Sic vos non vobis . . . .
Sic vos non vobis . . . .
Sic vos non vobis . . . .
Sic vos non vobis . . . .

Taes vòs não para vòs . . . .
Taes vòs não para vòs . . . .
Taes vòs não para vòs . . . .
Taes vòs não para vos . . . .

Buscava Augusto quem completasse estes versos. Como debalde os outros fossem instados, Virgilio, propondo-se-lhe o dìstico, assim o findou:

Hos ego versiculos feci; tulit alter honores.
Sic vos non vobis nidificatis, aves.

Sic vos non vobis vellera fertis , oves.
Sic vos non vobis mellificatis , apes.
Sic vos non vobis fertis aratra , boves.

Estes versos eu fiz ; têve outro as honras.
Taes vòs não para vòs fazeis ninho , aves.
Taes vòs não para vòs daes lã , ovêlhas.
Taes vòs não para vòs daes mel , enxames.
Taes vòs não para vòs araes , novilhos.

Conhecido o engano , foi Bathyllo por algum tempo a fàbula de Roma ; Maro porem foi exaltado. Se alguma occasião tinha na mão a Ennio , e alguem lhe perguntava o que delle fazia , dava em resposta que separava o oiro do estrume de Ennio. Na verdade aquelle poeta tem egrègias sentenças sob palavras mal ornadas. Perguntando-lhe Augusto de que modo se governasse felizmente uma cidade ; se os mais prudentes , — responde — , tiverem o timão dos negòcios , e os bons se preferirem aos màos : assim os bons terão honras , e nenhuma injustiça se farà aos outros. Mecenas diz-lhe : Virgilio , de que se não pode o homem fartar ? A similhança , ou multidão de tudo , — responde — , enche o estômago , excepto do saber. Mais lhe perguntou : de que modo se pode conservar alta , e feliz fortuna ? Respondeu : se tanto se affincar em exceder os outros em liberalidade , e justiça , quanto se è mais do que elles abastado em honras , e riquêzas. Costumava dizer que nenhuma virtude era tão commoda ao homem do que a paciencia , e que nenhuma desventura era tão àspera que com prudente paciencia o varão forte a não podesse vencer. Esta sentença inserio assim na quinta Eneida

Nate Dea , quo fata trahunt , retrahuntque sequamur ;
Quidquid erit , superanda omnis fortuna ferendo est.

. . . . . prole divina ,

Anda, e desanda o fado; è força ir co' elle;
Vence a paciencia a mais cruel desgraça.

Certo amigo seu narrando-lhe as maledìcencias, e inimizades de Cornificio contra elle: Qual julgas, — diz —, a causa dessas maledicencias? Nunca offendi a Cornificio; pelo contrario, eu o amo. Por ventura não te lembras da sentença de Hesiodo que o architecto tem inveja do architecto, e o poeta do poeta? Dos màos fallou aquelle Grêgo; por que os bons amão os mais eruditos. Mas tenho na mão decente, e gloriosa vingança: com maior cuidado me applicarei à virtude, para que, sendo eu mais brilhante nella, rebente elle com inveja mais vehemente. Estava na familiaridade de Augusto um certo Filisto, orador, e medìocremente instruido em poètica, de vàrio, e multìplice engenho, que se forçava em reprehender tôdos os dizeres de todos; não para demesclar do falso a verdade; mas para parecer mais erudito. Em qualquer parte que fosse, vexava Virgilio com maledicencias, e graças picantes. Maro quasi sempre, ou sem responder se retirava, ou tincto em pudor ficava callado. Uma vez defronte de Augusto lhe dice que não tinha lingua, pois que se a tivesse, defenderia a sua causa. Calla-te, ràbula, responde-lhe Virgilio: esta minha mudez faz defensor da minha causa a Augusto, e a Mecenas: com esta trombêta, quando quero fallo o que em toda a parte, e por muito tempo serà ouvido; mas tu com essa loquela não sò os ouvidos dos homens, athè mesmo os muros estragas. Augusto então com grave aspecto reprehendeu Filisto. Maro dice: se este, oh Cesar, conhecêra o tempo de estar callado, raras vezes fallaria; deve-se sempre callar, exceptuando quando a mudez te offenda, ou o discurso aos outros approveite. Aquelle, que contende sem conhecer se seja util o fito da contenda, os sàbios o ajuntão ao número dos loucos. Tendo Augusto

já gosado do summo poder, veio-lhe á mente se conviria omittir a tyrannia, entregando todo o poder a Consules annuaes, e a repùblica ao Senado. Sobre este assumpto consultando, teve Mecenas, e Agrippa de parecer diverso. Agrippa em longa oração insistio em que era util a elle, ainda que não decorôso, largar a tyrannia; Mecenas porem se esforçava em provar o contrario. Nutava o animo de Augusto, erão vàrios os pareceres firmados em rasões varias. Perguntou então a Virgilio, se convinha ao homem privado fazer-se tyranno na sua repùblica. Respondeu-lhe: a tyrannia foi sempre molesta tanto aos tyrannos como aos cidadãos; pois que de necessidade se vive em grande suspeita, e temor; os tyrannos do odio dos cidadãos, e os cidadãos da injustiça dos tyrannos: mas se os cidadãos tivessem algum homem justo, a quem muito amassem, util seria á cidade se nelle só estivesse o poder. Por isso, se justiça, qual hôje fazes, a todos fizeres sempre sem consultar alhêas opiniões, convem a ti, e ao orbe que tu domines; visto que de tal sorte tens a benevolencia de todos, que te crem um deus, e como tal te adorão. Cesar, adoptando este parecer, conservou a regalia. Ouvio Virgilio da bocca de Scyron os preceitos de Epicuro, e sòcio teve a Vàrio nesta doutrina. Inda que inserisse nos seus livros opiniões de todos os philòsophos, foi com tudo do pensar dos Acadèmicos; pois que a todas preferio as sentenças de Platão.

ARGUMENTO DA 1.ª E'CLOGA.

Octavio, bandeado com M. Antonio, venceu na batalha de Philippes a Bruto, e a Cassio, e deu em recompensa a seus soldados veteranos todas as terras visinhas de Cremona, e de Mantua, despojando cruelmente dellas os possuidores legitimos. O pai de Virgilio, que tinha uma fazendinha junto de Mantua. foi incluido nesta calamidade. Tendo-se porem então em alta conta o merito, e os talentos, houve excepção para o pobre velho. Virgilio, seu filho, tendo ganhado com seus versos a amizade de Pollion, que naquelle paiz commandava algumas Legiões, recebeu deste uma carta de recommendação para Mecenas, que estava em Roma. Virgilio, e seu pai, forão ter com elle, que os appresentou a Octavio, o qual lhes permittio a conservação de suas possessões. Foi em testemunho de gratidão que o poeta, tendo vinte, e nove annos de idade, compoz esta E'cloga, na qual elle se representa sob o nome de Tityro.

E' CLOGA 1.ª

Tìtyro, Melibeo.

Melibeo.

TÌtyro, à sombra de patente faia (1)
Tu reclinado, a teu sabor discorres
Silvestre consonancia em tènue avena.
Nòs da patria os confins, e os doces campos
Deixamos; sim, da patria nòs fugimos:
E tu, à sombra quieto, ensinas, Tìtyro,
Resoar aos bosques Amaryllis bella.

Tìtyro.

Oh Melibeo, um Deus tal paz me outorga: (2)
Deus sempre elle ser-me-ha; frequente as aras
Meus tenros anhos tingir-lhe-hão c'o sangue.
Minhas vaccas errar, qual vês, manda elle;
E que eu toque a meu gosto o agreste càlamo.

(1) Começa Melibeo reprehendendo moderadamente a Tìtyro por haver, no meio das calamidades da patria, acceitado a protecção dos inimigos, que a arruinarão; e de, a tal preço, estar socegado cantando os seus amores à sombra de faia patente a todos; tão pouco era o medo que tinha Tìtyro dos inimigos. Tomo o — *patulos* — na sua rigorosa significação de — *patente* — como derivado do verbo — *pateo* —. Dando a este adjectivo a significação de — *copado* — corta-se a amplidão, que daquelle modo me parece affòrmosear o dizer de Melibeo.

(2) Virgilio chama por lisonja Deus a Augusto, que então era Octavio.

Melibeo.

Não to invejo de certo ; muito o admiro ,
Vendo tão tôrvo o horror nos campos todos.
Eis que eu , mesmo achacado , levo ao longe
As cabrinhas : esta anda apenas Tìtyro ;
Pois que , pouco hà parida , aqui dois gèmeos ,
Ai ! deixa entre as cerradas aveleiras ,
A esperança da grei na pedra nua !
Lembro-me que este mal me predicerão ,
Se de mente alienada eu não stivesse ,
Muita vez os carvalhos fulminados ;
Predice-o em cava azinha a gralha esquerda.
Mas , Tìtyro , esse Deus quem seja , dize.

Tìtyro.

A cidade , a quem dão de Roma o nome ,
Melibeo , similhante a cri à nossa , (1)
Para onde nòs pastores costumamos
Frequente anhos levar ; como era eu louco !
Qual similhante ao cão via eu seu filho ,
Qual o cordeiro a mãe , tal co' as pequenas
Sohia comparar as grandes coisas :
Porem esta sublima tanto a frente
Entre as outras cidades , quanto se erguem
Entre flexiveis vìmes os ciprestes.

Melibeo.

Qual tanta causa a ver te induzio Roma ?

Tìtyro.

A liberdade : veio , inda que tarda ,

(1) Mantua.

Inertes dias meus olhar benigna ; (1)
Já cortando eu embranquecida a barba ; (2)
Porem benigna olhou-me, e vem com tudo
Longo tempo depois, des que Amaryllis
Eu sirvo, e renuncio a Galatea.
Confesso que a esperança de ser livre,
Nem a ambição do ganho me erão dadas
Servindo eu Galatea ; inda que a bandos
De meus curraes as victimas sahissem ;
Inda que o pingue queijo se appertasse
Para a cidade ingrata, cheia de oiro

---

(1) Tityro defende-se da increpação de Melibeo dizendo : o inimigo, de que tu me fallas, tem qualidades de um Deus, e na sua protecção acho a liberdade, que na patria me era vedada : o reino delle excede a superioridade, que eu lhe julgava sobre a nossa patria.

(2) Eis um escolho dos interpretes. Como pode o *candidior barba* do original pertencer a Tityro, que era um joven pastor de vinte e nove annos ? Como pode entender-se o buço loiro, segundo Pomponio, se a vinte e nove já se tem a barba cerrada como sempre há de ficar ? Não admittirei com Probo que Virgilio por mera liberdade poetica se fizesse velho : fôra com effeito puerilidade não digna delle. Ouso pois affastar-me das interpretações conhecidas, e ver neste lugar sobresahir o talento, com que o poeta se embebeu no fallar campestre, e familiar. E' muito usual dizer-se, particularmente entre o povo, estas, e similhantes frazes — Há cem annos que trabalho nisto. — Tal negocio me fez crear cabellos brancos — Obtive-o depois de velho. Tudo isto è para mostrar o quanto certa acção tardou, e o ardor, com que era desejada. E' uma hyperbole sublime no seu genero. Desta natureza julgo o presente fallar de Virgilio.

Nunca tornou a minha dextra a casa. (1)

Melibeo.

Eu admirava por que os Deuses triste
Chamavas, Amaryllis, e guardavas
Na arvore pròpria os pendurados pomos.
Tityro aqui não stava. O mesmo pinho,
As mesmas fontes, os arbustos mesmos,
Oh Tityro, saudosos te chamavão. (2)

Tityro.

Que devia eu fazer? Não me era lìcito

(1) O pastor conta que a sua felicidade chegou a ponto de não sò alcançar a liberdade, mas tambem de no mesmo tempo desfazer-se de Galatea, pastora interesseira, que lhe fazia gastar o pouco, com que a sua cidade ingrata lhe pagava os seus gados; e de alcançar o ser amado de Amaryllis, que era cheia de boas qualidades.

(2) Não posso seguir o sentir daquelles, que entendem Mantua sob o nome de Galatea, e Roma sob o de Amaryllis. Esta pastora, faz votos pela volta de Tityro, que tinha ido a Roma, e lhe guarda fructos nas arvores; ora como se pode entender esta por aquella? Longe de me deixar embaraçar por esta pertendida difficuldade, vejo neste fallar de Melibeo a mais engraçada naturalidade pastoril. Ignorava eu — diz Melibeo — os teus novos amores; porem agora jà me não admiro por que Amaryllis fazia ansiosas supplicas aos Deuses, e deixava nas arvores os pomos para melhor os conservar fora da estação. Erão aquellas supplicas por ti, para ti erão aquelles pomos. A'rvores, fontes, arbustos, cheios de saudade estavão a chamar Tityro.

Sahir da servidão, nem n'outros sitios
Os Deuses conhecer, là tão presentes.
Vi esse Moço então, por quem se accendem
Doze dias cada anno os meos altares.
Sim; então Melibeo elle o primeiro
Minha supplica ouvio: pascei como antes,
(Diz) mancebos, os bois; jungi os toiros.

Melibeo.

Velho feliz! Conservaràs teus campos! (1)
Tenl-os grandes assaz; inda que sumão
Os lodosos paùis de basto junco,
Ou pedras nuas a extensão dos pastos.
Tentadas não serão por herva insòlita
Prenhes ovelhas tuas, e nocivo
Não tem de ser-te o mal do gado proximo.
Velho feliz! Aqui à frêsca sombra
Còguitos rios, sacras fontes gosa.
Deste lado no proximo limite
A seve, que sacia Hybleos enxames (2)
Do salgueiro co' a flor, frequente ão somno
C' o ligeiro susurro ha de induzir-te:
Dalli, sob alta penha o canto às auras
Darà o podador; nem mesmo em tanto
Roucos trocazes, teu desvelo, e a rôla
Queixas não cessaráo no olmo elevado.

Tìtyro.

Leves cervos no mar pascerão antes,

(1) Melibeo, sabendo que o pai de Virgilio fora com este a Roma por cuja intercessão conservara os seus bens, allude-lhe esta falla. Com esta intelligencia se desvanecem as difficuldades, que esta passage appresentava.

(2) Hybleos, do monte Hybla em Sicilia.

A onda exporá em praia nus os peixes ;
Beberá antes o exilado Partho (1)
Aguas do Arar, (2) Germania (3) agua do Tigre, (4)
Mudados os confins de ambos os povos,
Do que escape a meu peito o gesto delle.

Melibeo.

Mas nós iremos, uns á A'frica adusta,
Parte á Scythia, (5) e de Creta ao leve Oaxes, (6)
E aos Britannos de todo fora do Orbe. (7)
Pois acaso os confins hà tanto patrios,
Da pobre choça o tecto a barro unido, (8)
As minhas posses vendo, admirar devo
Depois de algumas segas ? Estas lavras
O ìmpio soldado possuirà tão cultas !
Um bàrbaro estas messes ! Eis thè onde
Os tristes cidadãos pucha a discordia !
Eis para quem semeamos nossos agros !
Agora enxerta, Melibeo, pereiros !
Na ordem accostumada põe as vides !

(1) Os Parthos, povos da Parthia, região na Asia.
(2) O Arar, hoje Saona, rio de França.
(3) Germania, grande paiz na Europa.
(4) Tigre, consideravel rio da A'sia : nasce nos montes da Armenia, despeja-se no Eufrates, com o qual entra no Golfo Pèrsico.
(5) Scythia, região na Europa, e A'sia.
(6) Oaxes, rio de Creta, hoje Candia, ilha no Archipelago.
(7) A Inglaterra, ou ultimo paiz, que dessa parte se conhecia então. Fora do Orbe, por estar despegada do continente.
(8) O tecto era de colmo, que para mais segurança o embarrarão. Não è raro encontrar-se nos Classicos, e no uso familiar *a* por *com*, e *de* ; por isso dice unido a barro em lugar de com barro.

Ide, minhas cabrinhas, ide, oh gado
Feliz outr'hora: na verdosa gruta
Deitado eu nunca mais tenho de ver-vos
Pender ao longe da espinhosa penha:
Não mais cantarei versos: não cabrinhas,
Não mais deveis colher sob minha guarda
Salgueiro amargo, flórido codeço.

Tityro.

Poderàs esta noite aqui comigo
Tomar descanço na viçosa folha:
Temos de requeijão muita abundancia,
Tenras castanhas, sasonados pomos.
Já fumão dos casaes ao longe os tectos,
Dos altos montes sombras mores cahem.

ARGUMENTO DA 2.ª E'CLOGA.

Facil è de conhecer o assumpto desta E'cloga. Trata-se, segundo os Interpretes, de um joven escravo de Pollion, que Virgilio queria obter. Parece que o tal menino não tinha muita inclinação para o poeta. Em vão se phantasiou que Virgilio, sob o nome de Coridon, convidava um simples pastor, chamado Alexis, a viver com elle no campo. Ora, um pastor è individuo affeito ao campo, e que nelle vive, para que pois persuadi-lo à vida campestre? Por que rasão se lhe gabaria os encantos de tal vida, como se elle os não conhecêra? Julgo por tanto que o fito desta E'cloga è persuadir a Pollion que dê o escravo, e ao escravo que seria tão feliz no campo em companhia delle, como o era no palacio dos grandes. Virgilio quiz simplesmente, pintando esta paixão intensa, imitar Theocrito, e expressar o vivo dezejo de obter aquelle escravo.

E' CLOGA 2.ª

Alexis.

O Pastor Corydon ardente amava
O bello Alexis, do senhor delicias;
Mas no amor nem se quer tinha esperanças.
Ousava tão somente vir assiduo
Ao cerrado faial de cume umbroso:
Là solitario assim à selva, ao monte
Sem theor clamava com baldado affinco.
Oh duro Alexis, nada te è meu canto;
Nenhum dò tens de mim; dar-me-hàs a morte!
Agora fresco, e sombras gosa o gado;
Verdes lagartos cobre a çarça agora;
Para os ceifeiros Thèstylis contunde,
Cançados pelos ràpidos calores,
Os alhos, e o serpão, fortes em cheiro:
Mas com roucas cigarras murmurando
Ao sol ardente arbustos me arremedão,
Em quanto corro atoado a teus vestigios.
De Amaryllis soffrer melhor não fôra
As tristes iras, os desdens altivos?
Não me fôra melhor soffrer Menalca,
Inda que elle è moreno, e tu ès candido?
Não confies na cor, bello menino;
A alva flor do alfinheiro se despreza,
A morena violêta se apprecia.
Tu em nada me tens, nem mesmo indagas
Quem sou, Alexis; quão farto de leite,
Quão rico em nìvio gado. Mil cordeiras
Vagão minhas nas Sìculas montanhas;
Leite novo não falta em frio, ou calma.
Canto os versos, que usava Amphion de Dirce (1)

(1) Amphion, filho de Jove. Pela melodia de seu

Se no Aracyntho littoral chamava (1)
Os grandes armentios sonorôso.
Nem tão disforme sou ; na praia hà pouco
Me estive a ver ; nem mesmo o mar bolia :
Se a image , que encarei me não illude ,
Sê tu mesmo o juiz , não temo a Daphnis.
Oh comigo habitar campos, que ennojas, (2)
Te appraza , e a choça humilde , encravar cervos ,
Cabritos guiar ao verde malvaisco !
Comigo a Pan no bosque imita o canto : (3)
De juntar muitos càlamos com cêra
Foi Pan , que esta arte nos mostrou primeiro ;
Cuida as ovelas Pan , e os guardas dellas.
Toccar co' a flauta os labios não te pêze :
Quanto para o saber não fez Amintas ?
Tenho de sete desiguaes canudos
Flauta composta , que m' a deu Dameta ;
Dice , morrendo : ès dono seu segundo.
Dameta o dice ; Amintas louco a inveja.
Dois montêzes cabritos , que n'um valle
Não sem p'rigo encontrei , de brancas malhas ,
Duas vezes no dia as pingues têtas
Secção de ovêlha minha ; eu tos reservo
Thèstyles que lhos dê me roga hà muito ;

---

canto attrahio dos montes as pedras para a fundação de Thebas , de que foi chamado — Dirceo — nome de uma fonte daquella cidade.

(1) Aracyntho , monte consagrado a Minerva em A'ttica. O *Actæo* do Original è , segundo os commentadores , por ficar à borda do mar. Sèrvio è um delles.

(2) Diz-se em bom Portuguez — este manjar me enfastia — ou — eu enfastio este manjar — Não faltão exemplos nos Classicos de taes usos em verbos similhantes ; por isso puz — campos , que ennojas — por — campos , que te ennojão. —

(3) Pan , Deus dos Pastores.

Conseguil-o-hà, jà que meus dons ennojas.
Vem cà, lindo menino: olha que as Nymphas
Em cheios canastreis te off'recem lìrios:
A branca Nais, para ti colhendo
Da dormideira a flor, a viola pàllida (1)
Lhe une o narcisso, e do endro a flor odora:
Com outras suaves hervas a alfazema
Entretecendo então, pinta esmerada
Com o aureo malmequer brandas violêtas.
Eu mesmo colherei banhado em gôso
Alvejantes maçãs de tenro fêlpo,
E castanhas, que amou minha Amaryllis:
Juntar-lhes-hei ameixas cor-de-cêra;
Em honra ficarà tambem tal fructo:
Loiros, colher-vos-hei, visinho myrtho;
Dest' arte mesclareis cheiros mimosos.
Rùstico ès, Coridon; soberbo Alexis
As dàdivas despreza, e mesmo Iöla
To não cedêra, se valessem dàdivas.
Ai! Ai! Que fui urdir-me, oh desditoso?
Austro lancei, desacisado, às flôres
Lancei o javalì às fontes lìquidas.
A quem foges? Ah, louco! os mesmos Deuses, (2)

(1) Tem-se explicado por — *viola* — e — *vaccinium* — a mesma flor da violêta; mas eu creio a explicação nada exacta. A — *viola pallens* — do texto não pode competir á nossa violeta — *vaccinium* —, e a quem o poeta jà chamara — *vaccinia nigra* — Parece-me que esta — *viola pallens* — è a — *viola alba* — de Plinio, e que Linneo classificou em — *Tetradynamia seliquosa*, — na familia dos — *Cheiranthus*. — Horacio diz della: Livr. 3. Od. 3.

Et tinctus viola pallor amantium.

(2) Um delles foi Apollo, que pastoreou os rebanhos do Rei Admeto.

Pàris Dardànio, em bosques jà morárão. (1)
Palacios, que fundou, Pallas habite;
A nós os bosques mais que tudo agradem.
Anda êm busca do lôbo a leôa torva,
Anda em busca da cabra o mesmo lôbo,
Do flórido codêço a doida cabra,
E a ti, Alexis, Coridon te busca!
Escravo è cada qual de seus prazêres.
Repara, que os arados suspendidos
Trazem ao jugo os bois, e o sol fugindo
Vai as crescentes sombras duplicando:
E o amor me abraza! A amor qual seja o têrmo?
Corydon, Corydon! Que insania a tua!
Quasi cèrcia tens vide no olmo opaco:
Por que antes com mais fructo não preparas
Qualquer util ao menos, que o uso exija,
De vime entretecido, ou molle junco?
Se este Alexis se esquiva, acharàs outro. (2)

(1) Pàris, filho de Priàmo, Rei de Troia.
(2) Imitação do Idil. 11. de Theocrito — *Invenies Galateam forte, et pulchriorem aliam.* — Metastasio o imitou na sua Nise:

Un' altra enganatrice
E' facile a trovar.

ARGUMENTO DA 3.ª E'CLOGA.

UM desafio è o assumpto desta E'cloga: disputa-se sobre o merito do canto. Os dois pastores principião com insultos, depois se põem a cantar, tendo estipulado um premio para o vencedor. Palemon è o juiz do combate. A essencia dos versos alternados è que aquelle, que rèsponde, o faça em igual numero de versos, e em sentido anàlogo ao dos que precedêrão. Leonel da Costa não conservou a belleza do original sobre a igualdade do nùmero dos versos. Hà quem pense que esta E'cloga è uma sàtyra allegòrica de algum inimigo do poeta; mas eu não o creio, accingindo-me ao parecer do Abbade Des Fontaines. Virgilio, o modesto Virgilio, não quereria representar um homem, que dicesse a outro tantas coisas injuriosas. Sò bem se vê a sàtyra contra Bàvio, e Mèvio. Os pastores findão propondo-se um ao outro um enigma, e o juiz Palemon não ousa decidir qual seja o vencedor.

E' C L O G A 3.ª

Menalca, Dameta, Palemon.

Menalca.

DE quem tal greî? De Melibeu, Dameta?

Dameta.

Não, mas de Egon: confiou-ma Egon hà pouco.

Menalca.

Ovêlhas, grei oh sempre desgraçada!
Em quanto elle a Neera anda ameigando,
E teme que ella a elle me prefira,
Este alheio pastor muge as ovelhas
Cada hora duas vêzes, subtrahindo
Ao gado a força, o lèite aos tenros anhos.

Dameta.

Lembra-te que a varões com mais cautella
Se devem coisas taes lançar em rôsto.
Conhecemos quem te .... e em que sagrado;
Os mesmos bodes de travez te olhàrão,
Inda que as Nymphas, como faceis, rirão.

Menalca.

Foi isso quando a arbusto, e as vides novas
De Micon visto fui cortar co' a foice.

Dameta.

Ou aqui junto das annosas faias,
Quando quebraste a flauta a Daphnis, e o arco,
Tu, perverso Menalca, os invejaste,
Quando viste que as derão ao menino:
Se algum mal não fizesses, morrerias.

Menalca.

Que farão os senhôres quando a tanto
Ladrões se attrevem? Não te vi, eu mesmo,
Roubar, oh pessimo, a Damon o bode,
Lycisca a ladrar muito? E quando clamo:
Là vai ladrão; recolhe a grei, oh Tityro!
Tu por detraz dos canaviaes te occultas.

Dameta.

No canto elle vencido, por ventura
Não me restituiria aquelle bode,
Premio dos versos desta minha flauta?
Sabe; o bode era meu; Damon o dice
Mas negava podel-o restituir-me.

Menalca.

Tu venceste-o no canto?... Jà tens tido
Flauta junta com cêra? Não sohias
Na encruzilhada esperdiçar, indouto,
Em gaita rouca miseraveis versos?

Dameta.

Pois queres que entre nòs expr'imentemos
O que possa cada um em verso alterno?
Eu apposto comtigo esta novilha;
Acceita; duas vezes vem ao tarro;
Sustenta com seu leite duas crias:
Dize que apposta para as lides trazes.

Menalca.

Nada appostar da grei ouso comtigo:
Pai, e madrasta injusta em casa tenho;
Duas vezes no dia o gado contão
Ambos elles, e um conta os cabritinhos:
Trago porem, jà que te appraz a insania,
O que mesmo diràs de amor valia;
São dois copos de faia, obra entalhada
Pelo divino Alcimedon em margem
No facil tôrno branda vide junta
Diffusos cachos vestes de hera pàllida.
No meio hà bustos dois: Conon (1). Qual o outro?..

(1) Conon, nascido em Samos, illustre Mathe-

Exacto às gentes descreveu todo o Orbe, (1)
Tempos de sega, de lavoira os tempos.
A' bôcca os não cheguei; tenho-os guardados. 55

Dameta.

E o mesmo Alcimedon fez-me dois copos,
E as azas lhe abraçou de molle acantho;

mático, amigo, e segundo Pomponio, mestre de Archimedes. Em obsequio a Ptolomeu Evergete, Rei do Egypto, deu elle o nome de *coma de Berenice* a uma constellação, como se colhe de uma obra de Callìmaco, traduzida por Catullo. O outro, de quem o pastor se esquece, creio-o, segundo o P. la Rue, o mesmo Archimedes, cujo nome è de difficil pronunciação para um pastor; e tambem por que esta intelligencia robora a que dou ao seguinte verso. Querem outros que seja ou Arato, nome, que em Grêgo significa o movimento das estrellas; ou Hesìodo, que escreveu Geòrgicas.

(1) Não posso concordar com o que os intèrpretes tem dito athè hoje sobre o nome — *ràdius* — do original. A maior parte diz que — *ràdius* — aqui è a vara, ou quiçà, règua mathemàtica: acho muito froixa tal intelligencia. Alguns querem, como Des Fontaines, que seja a linha, que em Geometria tambem se chama raio; pois que para se fazerem mappas geogràphicos, e astronòmicos se empregão taes linhas. Tambem me não quadra esta interpretação. Tomo pois o — *ràdius* — neste lugar pela exactidão mathematica, applicando-lhe a figura metonymia. Este homem, cujo nome esqueceo ao pastor, era celebre, e o que mais sobresahio na descripção do globo, e estações; por isso o seu busto era entalhado em obras como uma gratidão da parte do pùblico. Ora não se è cèle-

Poz-lhe no meio Orpheo, seguindo-o os bosques. (1)
A' bocca os não cheguei; tenho-os guardados.
Mas copos valem nada ante a novilha.

Menalca.

Não foges hôje: o que quizeres trago.
O primeiro, que vier, oiça a contenda:
Eis Palemon! Farei depois do canto
Que não mais a ninguem co' a voz fatigues.

Dameta.

Eia, se o podes; não sou eu quem tarda:
A ninguem fujo. Cumpre que o medites,
Visinho Palemon, no fundo juizo;
Não è negocio de entidade pouca.

Palemon.

Dizei; jà que em molle herva nos sentamos;
Toda a àrvore rebenta, o campo todo;
De vêrde folha agora os bosques se ornão;
E' agora quando o anno è mais formôso.
Eia, Dameta; segue-o, tu, Menalca.
Và canto alterno; alterno as Musas o amão.

Dameta.

Por Jove, oh Musas, dou principio aos versos;
Enche o potente Jove o immenso inteiro:

---

bre por se fazer uma coisa como de ordinario se faz; mas sim por se fazer optimamente. Muitos astrònomos, e geògraphos havia então; mas era aquelle o tido por mais exacto.

(1) Orpheo, grande poeta, filho de Apollo, e de Calliope.

Preza elle as terras, os meus versos preza.

Menalca.

E de amar-me tambem se digna Phebo;
Seus dons vê Phebo sempre em minha stancia,
Os loiros, e o jacinto cor de rosa.

Dameta.

Com um pomo jogou-me Galatea,
Môça lasciva, e foi-se p'ra os salgueiros;
Mas que eu visse antes quiz que ella o jogàra.

Menalca.

Amintas, meu amor, vem espontâneo
Offerecer-se a mim; mais conhecida
Jà não è Dèlia dos podengos nossos.

Dameta.

Jà para a minha Venus tenho dàdivas;
Pois que eu mesmo notei de certo o sitio,
Onde fizerão ninho aèrias pombas.

Menalca.

Ao menino mandei dez aureos pomos,
Na arvore agreste eleitos; mais não pude;
Mandar-lhe-hei à manhã outra remessa.

Dameta.

Oh quantas vêzes, e em que dôce assumpto
A Galatea ouvi! Porção oh ventos,
Levarieis dos Deuses aos ouvidos.

Menalca.

Que emporta, Amintas, que me não desprezes
Dentro em teu coração, se eu guardo as rêdes,
Em quanto os javalis andas seguindo? (1)

Dameta.

Iola, manda-me hoje a loira Phyllis;
Hoje è o meu natal: quando eu immole
Pela messe a novilha, vem tu mesmo.

Menalca.

Em amor Phyllis anteponho a todas;
Chora-me ao despedir, e muito, Iola:
Adeus, adeus, — me diz — lindo Menalca.

Dameta.

E' o lôbo terrivel aos presepes,
A' loira messe a chuva, o vento às arvores,
E o são a mim as iras de Amaryllis.

Menalca.

E' dôce a lympha às lavras, o medronho
Aos anhos desmammados, o salgueiro
Ao gado prenhe, a mim o ùnico Aminthas.

Dameta.

Pollion tem muito amor à minha Musa
Apezar de ser rùstica: Pièrrides,

(1) De que me serve o teu amor extremo, se tu me deixas sò, e vàs para onde talvez perigosas occasiões te fação esquecer de mim?

A novilha creai ao vosso alumno.

Menalca.

Pollion mesmo compoz-me versos novos;
Toiro pascei, que jà ensaie a luta,
E para traz c' os pès a areia espalhe.

Dameta.

Quem te ama, tambem venha onde te appraza,
Oh Pollion; aureo mel para elle mane,
E a àspera çarça lhe produza amomo.

Menalca.

Quem não odia a Bàvio ame teus versos,
Oh Mèvio; elle às rapozas ponha o jugo,
E se divirta em ordenhar os bodes.

Dameta.

Vòs, que as flores colheis, morangos novos,
Fugi deste lugar, fugi, mancebos;
A fria cobra està occulta na herva.

Menalca.

Cuidado ovêlhas; não affastar muito;
Infieis as margens são: mesmo o carneiro
Tambem anda seccando agora os vellos.

Dameta.

As cabras appartar, que andão pascendo,
Vai, Tityro, do rio; em fonte fresca
Eu todas lavarei quando for tempo.

Menalca.

Recolhei as ovêlhas, oh mancebos;
Se a calma, como hà pouco, appanha o leite,
Cançaremos em vão ao gado as têtas.

Dameta.

Ai! Ai! Em pingue campo quam myrrado
Meu toiro tenho! O mesmo amor destroe
O gado, e dessé gado o triste dono.

Menalca.

De certo o amor não causa a ruina destes;
Apenas c' o osso estão: saber não posso
Que olhar me fascinou os tenros anhos.

Dameta.

Dize-me, e julgar-te-hei um grande Apollo,
Em que terras do Cèo parêça espaço,
Que o ambito de tres varas não exceda? (1)

Menalca.

E dize-me em que terras nascem flores
Dos reis trazendo em si o nome escripto;
Podes possuir depois tu sò a Phyllis? (2)

(1) Tem-se dado tratos os interpretes para advinharem estes dois enigmas; mas não se conformão. A maior parte diz que se deve entender um pôço de tres varas de diametro, em cuja àgua se figura ver outro tanto espaço de Cèo.

(2) Sobre o segundo enigma o melhor que se tem dito è que estas flôres são as do jacinto, que parecem ter escriptas em si as primeiras letras do

Palemon.

Pôr-vos de accôrdo sobre tal litigio,
Mancêbos, não me cumpre: tu ès digno,
Digno tambem tu ès dessa novilha:
Cada um de vòs amôres tema suaves,
E quaes são os amargos exp'rimente.
Vedai a lympha; assaz bebeu o gado.

ARGUMENTO DA 4.ª E'CLOGA.

Pela autoridade de Sèrvio se tem geralmente attribuido esta E'cloga ao louvor do nascimento de um filho de Pollion, chamado Salonino. Adverte porem o Abb. Des Fontaines que è errònea esta asserção, visto que Salonio era neto, e não filho de Pollion, e nascêra mais de quarenta annos depois da apparição desta E'cloga. Alem disto, Virgilio não diria do filho de Pollion, que não era rei, nem imperador, e que de mais havia pouco tempo que se reconciliàra com Augusto, havendo abraçado antes o partido de M. Antonio:

Pacatumque reget patriis virtutibus orbem.

Guiarà c' o pàtrio zêlo o orbe pacato.

O P. Catrou achou em Ascensio, antigo commentador de Virgilio que este menino era Marcello,

nome de Ajax, filho de Telamon, o qual, segundo a fabula, foi transformado nesta flor. Diz Ovidio, Metam. 10, vers. 215.

Ipse suos gemitus foliis inscripsit, et *ai*, *ai*
Flos habet inscriptura. . . . . .

filho de Marcello, e de Octàvia, irmã de Augusto, que o adoptou. Porem o Jornal de Trevoux (Julho de 1702) explica, segundo expõe o Abb. Des Fontaines, esta difficuldade com mais clareza, dizendo que esta E'cloga fôra feita em occasião do Nascimento de Druso, filho de Tiberio Nero, e de Lìvia, que o pario no palacio de Augusto; pois que estando pejada de Druso, casou com Augusto por consentimento de seu primeiro marido. Suetonio, contando-nos este facto, foi quem deu a chave desta E'cloga.

E' C L O G A 4.ª

Druso.

POr pouco (1) eia a mòr canto, oh Musas Sìculas; (2)
A todos não agradão os arbustos,
Nem tamargueira humilde: as selvas sejão
Dignas do Consul, se cantamos selvas.

(1) Entendo o — *paulo* — do original por adverbio de tempo, e não de quantidade: eis a minha rasão. Entre o canto pastoril, e o canto real hà differença de assumpto extraordinario, para que o poeta podesse dizer — *canto assumpto pouco maior* —. Pelo contrario, tomando-o por — *pouco tempo* — se vê: 1.º A modèstia de Virgilio, que, affeito a estylo campestre, não se julga capaz de por muito tempo altear o vôo: 2.º O dezejo, que tinha de obsequiar Augusto, e Pollion; pois que fez o esfôrço, ainda que por pouco tempo, de sahir de sua pequena esphera.

(2) Invoca as Musas da Sicilia, alludindo a Theòcrito, poeta Siciliano, que escreveu versos pastoris.

Do evo o prazo já vem cantando em Cumas: (1)
Nasce de novo grande sèrie de eras;
Volta Astrea, os Satùrnios reinos voltão; (2)
Já desce do alto Cèo nova progenie.
Tu ao menino aspira nado há pouco,
Que fim darà, primeiro, à fèrrea gente,
E a de oiro espalharà no inteiro mundo,
Casta Lucina: teu irmão já reina. (3)
Tu, sendo Consul tu, desta era o ornato,
Pollion, começarà, e os grandes mêzes (4)
Darão princìpio ao gyro majestoso:
Sob teu govêrno, se de nossos crimes
Alguns restos há inda; um teu aceno
As terras livrarà de horror perpètuo.
Terà vida de um Deus, Heroes mesclados
Verà c' os Deuses serà delles visto:
Guiarà c' o patrio zêlo o orbe pacato.
Por ti, menino, a terra os dons mais tenros
Produzirà sem culto, e a cada passo
Heras errantes c' o marroio nêgro,
E a alfazema, que enreda o alegre acantho.
Para casa trarão mesmo as cabrinhas
Do dôce leite as têtas volumosas;
Não temerà o armento os leões ingentes:
Produzir-te-ha teu bêrço flôres suaves:

---

(1) E' sem duvida a profecia attribuida à Sibylla, que houve em Cumas, cidade de Campania.

(2) Astrea, Deusa da Justiça.

(3) Sigo o sentir de Varro, que crê que esta Lucina è Diana, e não Juno; tanto pelo irmão Apollo, como pelo epìtheto de casta que não cabe a Juno. O reinado de Apollo è o das Sciencias, e das artes.

(4) Crê-se pela maior parte que Virgilio quiz significar o grande anno Platònico; porem parece-me mais verosimil tomar-se grandes mezes, ou grandes tempos por època, em que terião lugar grandes acontecimentos.

Tem de morrer a serpe, e do veneno
Tem de morrer essa herva atraiçoada;
Virà em toda a parte o Assyrio amomo.
Tambem ler poderàs louvor, e feitos
De Heroes, e de teu pai, e ver a fundo
A virtude o que seja; pouco, e pouco
Lourejarà no campo a tenra espiga:
A uva purpùrea penderà das çarças,
Suarão mel como orvalho os duros robres.
Da prisca fraude restarão com tudo
Poucos vestigios, que a tentar induzão
Thetys com lenhos, a murar cidades, (1)
E com sulcos rasgar o seio à terra.
Tem de tambem haver um novo Tiphys, (2)
E nova Argos, que leve Heroes de escolha: (3)
Tem de tambem haver novas pelejas,
E irà de novo a Troia um grande Achilles.
Depois jà quando a roborada idade
Te constituir varão, o navegante
Darà de mão às ondas perigosas;
Nem fructos mudarà nàutico pinho;
Tudo produzirão as terras todas;
Nem attormentarão ao campo ancinhos,
Nem foice às vides; jà tambem aos toiros
O forte lavrador tirarà jugos;
Nem a lã fingirà diff'rentes côres:
Mas o mesmo carneiro nesses prados
De lirio flavo tingirà seus vellos, (4)
Jà de grã suave-rúbida; e a mezella
Os anhos vestirà, que andão pascendo.
— Taes sèculos, correi — De accôrdo as Parcas,

(1) Thetys aqui è a grande Deusa do mar, filha do Cèo, e de Vesta: significa o mar.
(2) Tiphys, pilôto dos Argonautas.
(3) Argos, nome da nào, que levou Jason, e outros, à conquista do celebre Velocino.
(4) Vulgarmente chamado lirio dos tintureiros.

Por consenso inviolavel dos Destinos,
Dicerão, rodopiando à pressa os fusos. (1)
Oh toma, eis jà o tempo, as grandes honras,
Dos Deuses perdilecta descendencia,
Grande renôvo do supremo Jùpiter!
Vê convexo nutar do mundo o pêzo,
As terras, o amplo mar, o Cèo profundo;
Vê c' o sec'lo, que vem, qual gôso unanime.
Oh tanto a vida, e a mente se me allongue
Quanto convenha a celebrar teus feitos!
Nem tem de me vencer no verso harmònico
Nem esse Thràcio Orpheo, nem mesmo Lino, (2)
A mãe a um, ao outro o pai presente;
A Lino o bello Apollo, a Orpheo Calliope: (3)
Se Pan pleitear comigo, juiz a Arcàdia; (4)
A Arcàdia juiz, dar-se-hà Pan por vencido.
Começa a agradecer, tenro menino,
O maternal amor c' o dôce riso; (5)
Soffreu a mãe dez mezes longas penas;
Começa, meu menino: à mêza os Deuses,
Nem as Deusas no leito, não consentem
Os que para seus pais se não surrirão.

(1) — Rodopiar — verbo elegantemente creado do nome — rodopio — pelo nosso illustre Filinto Elysio.
(2) Lino, poeta Thebano, filho de Apollo.
(3) Calliope, filha de Jove, e Musa da Epopea.
(4) A Arcàdia, região da Grecia.
(5) Este riso tem dado muito que entender aos intèrpretes: não se concorda se è da mãe, ou do menino. Parece-me infallivel o elle ser do menino. E' tão natural esta exhortação — Paga, meu menino, com teu innocente riso o amor de tua mãe, e as dôres, que por dez mezes soffreu comtigo: quem não hé grato aos cuidados paternaes, nenhum Deus serà seu protector.

ARGUMENTO DA 5.ª E'CLOGA.

Esta E'cloga contem o elogio fùnebre, e a apotheòse do Pastor Daphnis. Incerto è quem seja este pastor. Querem uns que seja o pertendido filho de Pollion, de quem Virgilio, segundo elles, celebrou o nascimento na E'cloga precedente. Pièrius accrescentou que era Quintìlio de Cremona, amigo de Virgilio, e de Horacio. Imaginou o bom Vives que Virgilio, sem o saber, pintou a morte, e ressurreição de N. S. Jesus Christo. Houve quem se persuadisse que era Flacco Maro, irmão de Virgilio, fundados neste distico, de quem se ignora o autor.

Tristia fata tui dum fles in Daphide Flacci,
Docte Maro, fratrem diis immortalibus æquas.

Não me parece crivel que o modesto Virgilio desse tão grandes louvôres a um irmão seu. Julgo dever seguir o parecer de Scaliger de tomar Daphnis por Fùlio Cesar, não obstante Des Fontaines crêl-o frìvolo.

E' C L O G A 5.ª

Daphnis.

Menalca. Mopso.

Menalca.

Por que, oh Mopso, aqui nos não sentamos
Entre o olmêdo mesclado de aveléiras,

Jà que peritos ambos nos juntamos,
Tu no ligeiro càlamo, e eu nos versos?

Mopso.

Menalca, mais velho ès; devo ob'decer-te:
A' sombra aqui, que os zèphiros abanão,
Ou melhor nesta lapa descancemos:
Repara como nella tem lastrado
A agreste vinha de não densos cachos. (1)

(1) Diz o texto:

. . . . . aspice ut antrum
Silvestris raris sparsit labrusca racemis.

A meu ver, o *raris racemis* dà a entender cachos, cujos bagos estavão muito separados uns dos outros. O nosso engenhôso Bocage, cujo talento ninguem mais do que eu apprecia, não entrou aqui no dizer de Virgilio, o que se perceberà no primeiro intuito vendo-se a sua traducção. Eil-a:

Olha como verdejão dentro della
De uvas agrestes pequeninos cachos.

Os cachos da vinha silvestre sendo rubros não podem verdejar. Diz Plin. Hist. Nat. — *Labrusca quoque ænautem fert . . . . fert uvas rubentes cocci modo* — Tambem não copiou o — *sparsit* —, e tão pouco o — *raris* — Creio que Leonel da Costa verteu melhor esta passage, dizendo:

Olha como cobrio c' os cachos raros
Esta sombria lapa a silvestre uva.

Ambrogio Florent. diz:

Mira come di radi grappoletti

Menalca.

Sò Amintas te emula em nossos campos.

Mopso.

Que? Se no canto julga exceder Phebo.

Menalca.

Começa, Mopso; se ao amor de Phyllis, (1)
Ou se em louvor de Alcon versos te lembrão, (2)
Ou de Codro ao combate; eia começa; (3)
Là stà no prado c' os cordeiros Tìtyro.

Mopso.

Uns, que hà pouco escrevi na vêrde faia,
E alternos os notei, taes que os cantava,
Ensaiarei: depois manda-me Amintas.

La silvestre labrusca ha sparso l'antro.

Des Fontaines diz — Voi comme elle (a gruta) est tapissée de cette vigne sauvage, chargée de qualques grappes de raisin.

(1) Phyllis aqui, è a filha de Licurgo, Rei de Thràcia; era ella a amante de Demophoonte.

(2) Alcon de Creta; era tão habil em tirar o arco que de uma frechada matou a serpente enroscada no côrpo do filho, e com a frecha nem o toccou.

(3) Codro, rei de Athenas, estando em guerra, e sabendo pelo oraculo que o exercito, cujo chefe fosse morto, seria vencedor; desfarçou-se em camponez, armou rixas com alguns dos inimigos, e se fez por elles matar. Fugirão estes apenas souberão o accontecido.

Menalca.

Quanto o brando salgueiro à oliva pàllida
Quanto a rasa alfazema ao rosal rubro,
Tanto, julgo eu, a ti Amintas cede.

Mopso.

Deixa graças, mancêbo: a lapa entramos.
O extincto Daphnis por tyranna morte
As Nymphas deploravão: seus suspiros
Presenciastes, oh rios, e aveleiras,
Quando chamando crueis aos Deuses, e astros,
Tinha em braços a mãe filial cadaver.
Ninguem em dias taes, Daphnis, bois fartos
Levou ao frio arroio, e rez nenhuma
Libou a lympha, nem trilhou a relva.
Os Afros leões choràrão tua morte;
Dizem-no as selvas, Daphnis, e asp'ros montes.
Daphnis jungio ao côche Armènias onças,
O primeiro, coreas poz a Baccho,
De pâmpanos vestio a hàstea flexivel.
Como de àrvores è a vide ornato,
Das vides a uva, do rebanho os toiros,
Da pingue lavra a seara; os teus adornas.
Depois que o fado te levou, os campos
Deixou o mesmo Apollo, a mesma Pales, (1)
O triste joio cresce, e a avêa esteril
No campo onde surgio cevada a montes;
Por branda viola, por narciso rubro
Nasce a çarça espinhosa, o cardo nasce.
Sparzi folhas na terra, assombrai fontes,
Oh pegureiros; isto exige Daphnis.
Tum'lo lhe erguei, gravai do tum'lo em cima:
— Da selva ao Cèo eu fui cèlebre Daphnis,

(1) Pales, Deusa dos pastores, e pastos.

— Pastor formôso de formôso gado. (1)

(1) Na intelligencia deste verso não posso concordar com o que os interpretes tem dito athè hoje. Diz o texto :

Formosi pecoris custos , formosior ipse.

E tem-se unanimemente traduzido — partor de formosa grei mais formôso do que ella. —

Que se comparem entre si objectos da mesma idea abstracta observados em sujeitos de especie differente , acho-o muito justo. Comparar o valor de um guerreiro com o de um leão ; confrontar a graça , com que se ri uma joven belleza , com a de uma rosa ao accabar de abrir-se , lizongea naturalmente o guerreiro , e a bella : porem a idea abstracta da formosura de Daphnis exclue a da formosura do gado. Um mancebo achar-se-hia insultado ouvindo-se comparar na formosura com um carneiro. Esta reflexão junta ao encontrar-se nos poetas Romanos , e mesmo nos escriptores em prosa , comparativos sem vislumbres de comparação , e sò com o valor de positivos, me rezolveu a traduzir o verso deste modo. Diz Horat. Sat. 7. Liv. 3 :

Dav.
Aut insanit homo , aut versus facit.
Horat.
Ocius hinc te
Ni rapis , accedes opera agro nona Sabino.

Ocius è um adverbio comparativo. Horacio não diz a Davo — Se te não vàz daqui mais depressa — pois que como a acção de ir-se não tinha começado , elle não podia mandar que ella fôsse mais ràpida , visto faltar o termo de comparação que dirigisse a Davo em obdecer-lhe : creio sim que o

Menalca.

Tal, divino poeta me è teu canto,
Qual è na relva ó somno aos fatigados;
Qual o matar a sêde na ignea sesta
Em saltante ribeiro de agua pura:
Nem sò na flauta, o mestre em voz igualas;
Tu lhe hàs de succeder, feliz mancebo.
Dir-te-hei com tudo, jà que a vez me chega,
Do modo que eu poder, estes meus versos,
E a Daphnis teu sublimarei aos astros;
Daphnis aos astros levo: amou-me Daphnis.

Mopso.

Qual dàdiva maior poderas dar-me?
De cantar-se foi digno este mancebo:
Louvou-me, e hà muito Stimicon teus versos.

Menalca.

Daphnis admira, e estranha o Olympio limen;

poeta lhe diz — se te não vaz daqui depressa — Semelhantes rasões se podem applicar a passages desta natureza; como por exemplo a este verso de Virg. Georg. 3.

Hunc quoque, ubi aut morbo gravis, aut jam segnior annis, . . .

Segnior aqui toma-se por *segnis*: pois que o cavallo estava tardo pelos annos; mas não mais tardo visto elle não sel-o no vigor da idade.

Daqui concluo que os poetas Latinos usavão algumas vêzes de comparativos em lugar de positivos, ou fosse pela necessidade na metrificação; ou para roborarem a significação positiva.

E vê candido aos pès nuvens, e estrêllas.
Por elle o gôso encheu selvas, e campos,
Pastores, Pan, e as Dryades Donzellas;
Nem urde tramas ao rebanho o lôbo,
Nem dolos traça a rêde aos leves cervos;
Meu Daphnis bondadôso ama o socêgo.
Mesmo os frondosos montes tè aos astros
Voz lançâo de alegria; mesmo as penhas,
Mesmo os arbustos jà tal canto entoão:
Um Deus olha, Menalca; um Deus è elle!
Oh Daphnis bondadôso, aos teus aspira!
Eis quatro aras: tens duas, duas Phebo.
Cada anno copos dois de novo leite,
Duas talhas tambem, hei de votar-te
De aureo çumo de oliva; e mais que tudo
Com aura Bàcchica espertando as mêzas,
No frio ao lume, pela sega à sombra,
O Arvìsio vinho, que è segundo nectar, (1)
Prodigarei a potes; fazer hei de
Que Dameta descante, e Egon da Lycia,
Que imite Alphisibeo saltantes Sàtyros.
Sempre assim te honrarei, e quando às Nymphas
Votos solemnes tributarmos do uso,
E quando aos agros lustrações fizermos.
Em quanto o javali amar as serras,
E o peixe os rios, a cigarra em quanto
Pascer no orvalho, no tomillo a abêlha,
Durarà teu louvor, teu nome, e glòria.
Far-te-hão votos cada anno os lavradores,
Bem como os fazem a Lyeo, e a Ceres;
E, faltando a tal jus, tens de punil-os.

Mopso.

Qual prêmio, qual, dar-te-hei por esses versos?

(1) E' o vinho de Chio, ilha no Archipèlago, na qual està o promontorio Arvìsio.

Nem tanto appraz-me de Austro o novo silvo,
Nem o brando rumor do mar nas praias,
Nem ribeiro por pedras murmurando.

Menalca.

Dar-te-hei primeiro esta delgada flauta:
Ella è que me ensinou estes dois cantos:
— Ardente Corydon amava Alexis —
— De quem tal grei? De Melibeo, Dameta? —

Mopso.

Pois toma este cajado, que è formôso
Por ter os nòs iguaes, de bronze o conto,
Complacente Menalca: instante Antigenes
Rogou-mo em vão; de amar-se era então digno.

ARGUMENTO DA 6.ª E'CLOGA.

CRê-se em geral que esta è a mais bella E'clega de Virgilio. O velho Sileno ensina os dois pastôres Chromis, e Mnansylo a origem das coisas, e a formação do universo. Para que o sèrio de tal lição não enfastiasse, juntou-lhe vàrias passages da fàbula, que formão graciosas imagens. Querem os mais dos intèrpretes que o Philòsopho Syron, que ensinara a Virgilio, e a Varo a doutrina de Epicuro, seja representado na pessoa de Sileno, e que os dois pastôres sejão Virgilio, e Varo. Com effeito, tinha então grande sèquito em Roma a doutrina de Epicuro, que Lucrecio vivamente pintara no seu poema — De Rerum Natura — *; porem hà quem diga que o poeta abandonou esta doutrina pela de Pythàgoras, e Platão, dando por prova o 6.º Liv. da Eneida. Fontenelle despregou toda a sua còlera*

litteraria contra esta E'cloga : talvez fôsse para se exercer na difficuldade da materia.

E' CLOGA 6.ª

Sileno.

ERguer melìflua a voz minha Thalia (1)
Dignou-se em metro Sìculo a primeira, (2)
Nem teve pejo de habitar os bosquês.
Ouvindo que eu cantava os reis, e os prèlios,
Cynthio me pucha a orêlha, e assim me avisa : (3)
— E' do pastor guardar pingues ovêlhas,
— Tityro, e versejar humilde assumpto.
Agora eu (pois que, oh Varo, mais que muito (4)
Hàs de ter quem dezêje as tristes guerras,
E os louvôres cantar, que jà ganhaste)
Canção discôrro agreste em tènue avena.
Cantando hôje, obedêço. Se com tudo
Alguem me ler, alguem de amor captivo,
A tamargueira nossa hà de cantar-te,
Ha de cantar-te, Varo, a selva inteira :

(1) Thalia, Musa inventôra da Comedia.

(2) No theor de Theòcrito, poeta Siciliano.

(3) Cynthio, sobrenome de Apollo. Era uso antigo puchar-se levemente a orêlha de alguem, que se queria admoestar.

(4) Varo, — Quintìlio Varo, homem de grande consideração no reinado de Augusto. Foi Consul, e Governador de Syria ; porem depois, mandado com tres legiões a Germania, as perdeu retalhadas por Armìnio, rei dos Germanos. Augusto lhe dice estas memoraveis palavras — Varo restitue-me as minhas legiões — Varo suicidiou-se com o pezar de as haver perdido.

Pàgina outra não hà mais cara a Phebo,
Do que a que inscreve em si de Varo o nome.
Eia, Camenas: No antro os dois meninos,
Mnansylo, e Cromis a Sileno virão (1)
Prostrado a somno sôlto, e as veias túmidas
Do vinho, que hontem, como usual bebêra:
Là stavão sparsas longe da cabêça
Desmanchadas capellas, e pendia
Da aza jà gasta o corpulento cântaro.
Frequente pelo ancião ambos illusos.
Sobre esperado carmen, prisões tecem
Destas capellas, e prendel-o emprehendem.
Aos tìmidos vem sòcia juntar-se Egle,
Egle das Naides todas a mais bella;
E ao jà de olhos abertos vai pintando
Com sanguineas amoras testa, e faces.
Então do engano rindo-se diz elle:
Por que me ataes, meninos? Desprendei-me;
Que vòs podesses ver-me foi bastante.
Versos ouvi pedidos: tendes versos;
Para aquella reservo outro presente.
Elle começa. Então de companhia
Vir c' os Faunos dançar viras as feras,
E os robres rìgidos menear os topes:
Nem tanto à Phèbea voz folga o Parnasso, (2)
Nem tanto Orpheo admirão Rhòdope, e I'smaro. (3)
Cantava como forão confundidas
As molèculas do ar, no vàcuo ingente,
Com as do fluido fôgo, e mar, e terras:
Como dellas se urdio tudo que existe,
E foi crescendo em orbe o tenro Mundo:

(1) Sileno, aio de Baccho, velho muito galhofeiro. Costumava andar montado n'um jumento, e sempre muito bêbabo.

(2) Parnasso, monte da Phòcia em Grecia, consagrado a Apollo, e às Musas.

(3) Rhòdope, e I'smaro, montes de Thràcia.

Como o chão começou a endurecer-se,
O reino de Nereo a pôr-se à parte,
E a moldar-se graduado às formas todas:
Como à luz do sòl novo a terra pasme;
E as chuvas se despenhem de altas nuvens,
Que sob ellas corrião: como os bosques
Comecem a surgir, e como vaguem
Animaes raros por ignotos montes.
Jogadas pedras d'ahì conta de Pyrrha, (1)
Satùrnios reinos, e Cancàsias aves, (2)
De Prometheo c' o roubo: ajunta a fonte (3)
Em que Hylla foi deixado, e a voz dos nautas
Como — Hylla, Hylla — resoasse em toda a praia.
E Pasìphae feliz, se bois não fossem, (4)
Que folga com o amor do nìveo toiro.
Ah donzella infeliz, que insania a tua! (5)

---

(1) Pyrrha, mulher de Deucalion. Depois do diluvio, jogàrão elles, por ordem de Jove, pedras para traz das costas: as que o marido jogava, fazião-se em homens, e as de Pyrrha em mulheres.

(2) O ãbutre, que roìa as entranhas de Prometheo no monte Càucaso, por haver elle roubado fôgo do sòl, com que animou a estàtua, que de barro fizera.

(3) Este Hylla era o Ganimedes de Hèrcules. Ião elles na nau Argos, e, surgindo n'uma praia a fazer agua, o menino desappareceo, sendo depois chamado em vão. Diz-se que as Nymphas o roubàrão.

(4) Pasìphae, filha do sòl, e mulher de Minos, rei de Creta, a qual, enamorada de um novilho branco, chegou, por astucia de Dèdalo, a gosar delle, de quem teve um monstro meio homem, e meio toiro. — o minotauro.

(5) Os commentadôres dizem que os Romanos davão às vêzs o nome de — *virgo* — donzella — às mulheres casadas quando erão bonitas, e loirei-

De ficticios mugidos cumulàrão
As Prètides os campos ; mas nenhuma (1)
Dos brutos emprehendeu torpes affagos ,
Inda que receiasse ao collo o arado ,
E hàsteas buscasse bem na lisa frente.
Ah donzella infeliz , nos montes erras !
Elle agora em descanço , reclinado
No mimoso jacinto o lado nìveo ,
Rumina hervas sem-cor sob atra asinha , (2)
Ou no grande rebanho atraz vai de outra.
Fechai , Nymphas Dicteas , fechai , Nymphas (3)
Jà dos bosques as vielas ; talvez òbvio
Se nos mostre do toiro o trilho errante :
Pode ser que outras vaccas o conduzão
Thè Gorthìnios presepes , requestado (4)
Pela verde herva , ou pelo amor do armento.

---

ras. Achão-se exemplos deste uso em Plauto , e em Terencio.

(1) As Prètides , filhas de Preto , rei dos Argivos : por se pavonearem que erão mais bellas do que Juno forão por esta punidas com a mania de se accreditarem vaccas.

(2) Não que as hervas fossem incolôres antes de serem comidas ; mas , como os quadrùpedes do genero dos ruminantes as puchão do quadruplo estômago para novamente as passarem pela mastigação , ellas sobem então jà descoradas pelas alterações , que alli tiverão.

(3) Nymphas Dicteas , isto è de Creta ; assim chamadas do monte Dicteo , que està nesta ilha. Sileno para pintar ao vivo os transportes de Pasìphae , a faz fallar neste lugar — *Claudite Nymphæ* — &c. A prosopopeia segue immediatamente a apòstrophe. Eis o dêdo do gigante.

(4) Gorthynia , cidade de Creta , junto à qual havia pastos excellentes , onde , diz a Fàbula , iâo pastar os cavallos do sòl.

Tambem canta a donzella, que admirada
Estanca ao ver os pomos das Hespèrides : (1)
Tambem as Phaetontìades circunda (2)
C' o musgo da amargosa arbòrea casca,
E levanta da terra os altos àlamos.
Canta como uma das irmãs trouxera
Para os montes Aönios Gallo errante
Por beiras do Permesso : como fôra
Por todo o Phebeo côro respeitado :
Como em celeste metro o pastor Lino,
De flôres, e àpio amaro ornada a coma,
Lhe dicera : estes càlamos as Musas,
Toma-os, te dão ; o velho Ascreo os teve (3)
Com elles costumava os rijos ornos,
Do canto à fôrça, despenhar dos montes :
Dize ao bosque Gryneo a origem nelles, (4)
Um dos bosques, que a Apollo mais faz honra.
Para que eu diga, se è sabida a fama,
Como a filha de Niso, a triste Scylla, (5)

(1) Esta foi Atalanta, filha de Scheneo, rei de Scyros, ilha do mar Egeo. Teimou em não querer cazar se não com aquelle, que a vencesse na carreira. Depois de ter vencido muitos pertendentes, foi vencida por Hippomenes. Este môço obteve pomos de oiro do jardim das Hesperides, e, correndo atraz della, lhos jogou para diante. Ella, vendo-os parou pela bonitêza delles, e o môço a apanhou então.

(2) As Phaetontìades, erão as irmãs de Phaetonte, transformadas depois em àlamos.

(3) O velho Ascreo è Hesìodo, que nasceu em Ascra, cidade de Beòcia.

(4) Grinea era, segundo Strabo, uma cidade em Eölida, onde Apollo tinha um templo sumptuôso.

(5) Houverão duas Scyllas, uma foi filha de Niso, rei de Megaras, a qual entregou o pai a Minos, seu amante, tendo-lhe cortado antes o cabêl-

Da inguinal candidez nutrindo em torno
Ladrantes monstros, sobre as altas ondas
Dulìchias nàos vexasse, e os nautas tìmidos (1)
Ah! lacerasse c' os mastins marinhos?
Ou como os membros de Tereo narrara
Em ave transformados? Quaes manjares,
Quaes dons lhe preparara Philomela? (2)

---

lo, que era o pallàdio do seu poder: outra foi filha de Phorco; tendo ella por amante a Glauco, e a Circe por competidôra, esta lhe fez nascer nas verilhas cabêças de cães, que ladravão. A infeliz com tal horror se precipitou no estreito do mar de Sicìlia, (hoje estreito de Messina,) junto do cachôpo chamado Carybdis. Virgilio, Ovidio, e Propèrcio as confundem, tomando a filha de Niso, que de outro modo fôra punida, pela filha de Phorco. Diz Ovid. Am. Lib. 3 — 12:

Per nos Scylla patri canos furiata capillos
Pube premit rapidos inguinibus que canes.

Diz Properc. Lib. 4 — 4.

Quid mirum in patrios Scyllam sævisse capillos,
Candidaque in sævos inguina versa canes!

(1) Dulìchio, nome dado tambem à ilha de I'thaca. Estas nàos são as de Ulysses, rei desta ilha, o qual perdeu parte dos seus companheiros devorados por Scylla.

(2) Philomela, e Progne erão filhas de Pandion, rei de Athenas. Tereo rei de Thràcia, casou com Progne, della teve um filho por nome Itys. Violou elle depois à traição Philomela, sua cunhada, e, com mêdo que ella se queixasse, lhe cortou a lingua. Fez a triste conhecer tão hòrrido crime por meio da escripta. As duas irmãs degolàrão Itys,

Quão ràpido aos desertos se partira ;
Com que azas o infeliz andasse voando
Sôbre os soberbos àtrios , seus outr' hora ?
Canta elle tudo o que o ditôso Eurotas (1)
A Phebo ouvio , mandou sabel-o aos loiros :
Jogão-no aos astros os pulsados valles :
Athè que Vesper recolher o gado
Nos corraes manda , e conhecer-lhe o nùmero ,
E jà se avança , constrangido o Olympo. (2)

derão-no a comer a Tereo , e lhe mostràrão a cabêça do menino no fim do banquête. Elle corre a matal-as ; mas sùbito foi mudado em Poupa , Philomela em rouxinol , Progne em andorinha , e Itys em faison.

(1) Eurotas , rio da Lacònia : chama-se hoje elle Basilipòtamo.

(2) O Olympo estava tão encantado do que ouvia a Sileno que sò por constrangimento deu passage a Vesper.

ARGUMENTO DA 7.ª E'CLOGA.

Esta E'cloga , feita no gôsto do 8.° *Idyllio de Theòcrito , tem dado cançaço aos intèrpretes sobre a allegoria , que em si contem ; porem baldadas tem sido todas as indagações. Melibeo conta o diàlogo , ou lide em canto , dos dois pastôres Corydon , e Thyrsis ; e por fim è de parecer que fôra Corydon o vencedor , visto que se portara com mais moderação , e mais justiça.*

E' C L O G A 7.ª

Melibeo , Corydon , Thyrsis.

Melibeo.

A Caso à sombra de resoante asinha
Sentou-se Daphnis : tinhão ambos guiado
Thyrsis , e Corydon os seus rebanhos
Para o mesmo lugar ; ovêlhas Thyrsis ,
E Corydon cabrinhas não mungidas ;
Ambos na flor da idade , A'rcades ambos ;
Iguaes no canto , a responder dispostos.
Eis que o varão da grei , o bode , foge , (1)
Em quanto ao frio vedo os tenros myrthos ;
Nisto Daphnis descubro , e elle me brada :
Vem presto ; a salvo tens bode , e cabritos ,
Oh Melibeo ; se demorar-te podes ,
Descança aqui à sombra olha os novilhos
Como vem pelo prado à fria lympha ;
Aqui o vagarôso , o vêrde Mincio
De tenra cana as margens entretece ;
C' os enxames murmura o sacro robre.
Que devia eu fazer ? Nem tinha em casa
Nem Phyllida , ou Alcippe , que encerrasse
Os anhos desmamados , e com Thyrsis
Ia abrir Corydon um grão certame :
Pospuz o meu mister delles ao brinco.
No entanto começàrão a altercar-se
Os dois mancebos em alternos versos ;
Alternos lhos dictar approuve às Musas.
Dizia uns Corydon , logo outros Thyrsis.

(1) Neste mesmo sentido dice Virgilio na 3.a Georgica

Quem legere ducem , et pecori dixere maritum.

Corydon.

Oh Lybètrides Nymphas, meus amôres, (1)
Ou versos me inspirai, quaes ao meu Codro; (2)
Próximos aos de Phebo elle faz versos:
Ou, se o não podem todos, eu penduro
Resoante a flauta neste pinho sacro.

Thyrsis.

Oh pastores da Arcàdia, o novo poeta
De hera ornai; rale a Codro a inveja as vìsceras;
Ou se for a louvar-me constrangido,
Atai-me às fontes o marroio nêgro; (3)
Não manche a lingua mà futuro o vate.

Corydon.

De cerdôso javardo esta cabêça,
E de cervo vivaz ramosas pontas,
Da-te o tenro Micon: se isto me outorgas, (4)
Seràs Dèlia de màrmore polido,
E punìceo cothurno tem de ornar-te.

Thyrsis.

De leite um pote, e as libações, que observas,
Jus tens Priapo de esperar cada anno;
E's guarda do pobre hôrto. Fiz-te agora

---

(1) As Musas assim chamadas de Lybetro, fonte na Beòcia a ellas sacra.

(2) Codro era um bom poeta contemporâneo de Virgilio.

(3) Herva, que se julgava antìdoto contra as màs linguas.

(4) Se me permittes fazer versos tão bons com os de Codro.

De màrmore, qual pude; mas se as crias
Completarem a grei, tens de ser de oiro. (1)

Corydon.

Mais dôce para mim que Hybleo tomilho,
Mais candida que o cysne, mais formosa,
Nerina Galatea, que era branca; (2)
Assim que os fartos bois aos corraes tornem,
Vem, se o teu Corydon tens n'algum prêço.

Thyrsis.

Seja-te eu mais amargo que hervas Sardas, (3)
Mais hòrrido que a rude gilbarbeira,
Mais vil que o vil sargaço, se mais longo
Não me è que anno tal dia. A casa fartos
Ide, se inda hà pudor, ide novilhos.

---

(1) Não è de crer que pastôres tivessem com que pagar estàtuas de màrmore, e muito menos de oiro. Sem dúvida este fallar tinha algum sal no tempo de Virgilio.

(2) Este nome — Nèrina — parece ser patronimico de Nereo: por tanto Nèrina Galatea, por ser tão bella como as filhas de Nereo.

(3) Hervas Sardas, isto è, nascidas em Sardenha, onde, segundo a antiga crença, havia certa herva, que fazia fazer carêtas, e rir por fôrça a quem a comia: de là vem o chamar-se riso Sardo, ou Sardònico ao riso forçado symptoma de certa especie de Nevrose. Da-se tambem este nome a um tal risosinho amarello, com que os charlatães, e impostôres em qualquer sciencia, ou arte pertendem desapprovar trabalhos de outrem, aos quaes elles miseraveis nem são capazes de tomar o pêzo.

Corydon.

Musgosas fontes, relva, que convidas
Ao brando somno, vêrde medronheiro,
Que de sombra não densa as stàs cobrindo;
Solstìcio à grei vedai: eis o ìgneo estio,
Eis pullulão botões na vide alegre.

Thyrsis.

Aqui sempre està fôgo, e pingues hachas,
Aqui sempre flammeja, e as portas sempre
Negras de fumo estão. Tal mêdo temos
Do Boreal frio aqui, qual tem o lôbo
Da timorata grei, da marge o rio.

Corydon.

Vê os zimbros, e ouriços das castanhas;
Por baixo da arvore espalhados pomos
A cada passo vê; tudo està rindo:
Porem se destes montes se ausentara
Alexis bello, os rios viras sêccos.

Thyrsis.

Escalda o campo, a relva à sêde morre
Por vicio do ar, Lyeo pampìneas sombras
Inveja p'ra vitìferos cabêços:
Tudo ha de verdejar vindo-me Phyllis;
Descerà muito Jove em chuva alegre.

Corydon.

Gratìssimo è a Hèrcules o chôpo,
A vide a Baccho, o myrtho à linda Venus,
Seu loiro a Phebo, a Phyllis a aveleira;
Em quanto Phyllis a ame, ao myrtho, ao loiro
A aveleira o primor ceder não ha de.

Thyrsis.

Pulchèrrimo è o freixo nas florestas,
O pinho no hôrto, junto ao rio o chôpo,
E no alto monte a faia: e se mais vêzes
Me vens ver, bello Lycida, te cêda
Nas florestas o freixo, o pinho no hôrto.

Melibeo.

Dêstes me lembro, e que o vencido Thyrsis
Debalde contendeu. Corydon tenho
Por vero Corydon desde esse tempo.

ARGUMENTO DA 8.ª E'CLOGA.

ESta E'cloga è imitação do 2.º, e 3.º Idyllio de Theòcrito. A primeira parte contem as queixas de um joven pastor, que amava a Nisa, e a quem ella preferio Mopso. Na segunda uma mulher se esforça com seus encantos em reconquistar o coração de Daphnis, que ella perdéra. Damon canta as queixas do pastor; Alphisibeo recita os encantos feitos pela mulher amorosa, que elle faz fallar.

E' CLOGA 8.ª

Damon, Alphisibeo.

AS canções cantaremos dos pastôres
Damon, e Alphisibeo; certames delles
A novilha admirou da herva esquecida;

Pasmàrão ao ouvir seu canto os lynces ; (1)
Mudada a essencia os rios estancàrão ;
Damon, e Alphisibeo repetir vamos.
Oh tu , benigno ampara ao vate a lyra ;
Ou jà penhas transpões do grão Timavo , (2)
Ou percorres a beira ao mar da Illyria. (3)
Não virà nunca o dia por ventura ,
Em que eu jus tenha de cantar teus feitos ?
De teus versos levar pelo Orbe inteiro
Sòs do Cothurno de Sophocles dignos ?
Em ti meu canto estreei , em ti se accabe.
Versos acceita por teu mando urdidos ;
E da frente em redòr esta hera deixa
Entre os loiros serpear-te vencedôres. (4)
Assim que da atra noite a sombra frigida
Do Cèo se ia abalando , quando o orvalho
Aos gados grato appraz na molle relva ,
A' roliça oliveira reclinado
Soltou dest' arte a voz Damon afflicto :
Nasce , oh luzeiro , precursor do dia ,
O almo fulgor lhe appressa ; em quanto choro ,
Rasgado o vèo do engano , o amor indigno
De Nisa , esposa infiel , e attesto os Deuses , (5)
(Inda que fôrão testemunhas fùteis)
Votado à morte , na hora derradeira :
Menàlios versos , flauta , abre comigo. (6)

---

(1) Lynces , especie do lôbo cerval , maculado na pelle , e de vista agudo.

(2) Rio do Friul ; desàgua no Gôlfo de Venêza.

(3) E' a Esclavonia.

(4) Este è Pollion , battendo os Parthos no anno de Roma 715.

(5) Nise ainda não era espôsa ; mas estava contractada para o ser. Uso Latino.

(6) O verbo *abrir* aqui è começar. Poderà citar nos Clàssicos muitos exemplos anàlogos. Versos Menàlios , isto è , versos à imitação dos que Pan can-

Sempre o Mènalo tem resoante selva
De loquaces pinheiros, sempre escuta
Amôres pastoris, e Pan, que aos càlamos
A inèrcia affugentou, elle o primeiro:
Menàlios versos, flauta, abre comigo.
A Mopso da-se Nisa! De hoje em diante
Nòs amadôres que esperar devemos?
Jungir-se-hão jà c' os gryphos os cavallos; (1)
E na seguinte idade as corças tìmidas
C' os cães hão de beber no mesmo arroio.
Mopso, hachas novas corta; eis tua espôsa: (2)
Marido; tu prodigaliza nozes;
Deixa Hèspero por ti o monte Oeta. (3)
Menàlios versos, flauta, abre comigo.

---

tava no monte Mènalo deplorando a pêrda da Nympha Syringa, que elle amava. O erudito Ambrogio não poude pôr o verso Latino n' outro Italiano, e pol-o em dois deste modo:

Quale in Menalo un dì da Pan s'udia;
Meco incomincia, o mia zampogna, il canto.

(1) Grypho; animal fabulôso, semelhante ao leão, com a cabeça, e azas de àguia.

(2) Plutarco diz que era costume accompanhar na noite das vodas a noiva para casa de seu marido precedida de cinco archotes. O marido deitava nozes às crianças em signal da renuncia, que fazia aos vãos entertinimentos da mocidade.

(3) Não sou eu neste verso do geral sentir dos intèrpretes. O — *tibi descrit Hesperus Oetam* — segundo quasi todos quer dizer: — prepara-te para gosares dos encantos da espôsa; pois que a noite se approxima, jà annunciada por Hèspero, ou estrêlla da tarde, que começa a luzir, erguendo-se sôbre o monte Oeta.

Ambrogio diz:

Oh em consòrcio unida a varão digno! (1)
Em quanto os mais desprezas, minha flauta
Em quanto em òdio a tens, minhas cabrinhas,
Hirsuta sobrancêlha, e extensa barba;
Cres que os mortaes não tem um Deus, que os reja!
Menàlios versos, flauta, abre comigo.
Colher te vi pequena em seves nossas
Co' a mãe rociados pomos, e eu vos guiava;
No anno estava eu então depois do undècimo,
E os extremos dos ramos já podia
Toccar da terra com a anciosa dextra:
Vi-te, morri, turbou-me erro malèvolo! (2)
Menàlios versos, flauta, abre comigo.

. . . . . ecco dall' Eta
Alto sorge per te d' Espero il lume.

Des Fontaines diz: — Pour toi l' ètoile du soir commence à luir. Leonel da Costa segue o antigo Ascencio, que, segundo me parece, è o que mais claudica. Diz assim:

. . . . . Já da tarde a estrêlla
Desampara em teu damno o monte Oëta.

In damno tuo, quia debes persolvere dæbitum puellæ, quod facere impotentiæ causa non potes. Eu pois entendo-o deste modo: Sparze, Marido, nozes; alegra-te que tens uma espôsa formosìssima: parece que a estrella da tarde deixou o monte Oeta, donde costuma levantar-se, para vir ser tua espôsa.

(1) Ironia.

(2) Diz o texto:

Ut vidi, ut perii, ut me malus abstulit error!

E' a exacta imitação do verso 42 do 3.º Idyllio de Theòcrito, que diz assim na traducção Latina — ut vidit, ut periit, ut in profundum desiliit amorem — Dois versos fôrão necessarios a Ambrogio

Sei hôje Amor quem è. Nas pènhas duras
Rhòdope, ou Tmaro, ou Garamantes ultimos
A menino tão pèrfido alimentão,
Differente de nòs em prole, em sangue:
Menàlios versos, flauta, abre comigo.
O sevo Amor no sangue dos filhinhos
Ensinou a manchar-se a mão materna: (1)
Tu ès dura tambem, oh mãe, com tudo!
Mais dura foi a mãe, ou màd o menino? (2)
O menino mào foi, tu, mãe, ès dura.
Menàlios versos, flauta, abre comigo.
Por querer fuja ao gado o lôbo agora;
Os rijos robres dem pomos doirados;
Florido o chôpo c' o narcisso se orne;
A tamargueira sue o pingue alambre;
Môcho importuno emule ao cysne o canto;
Seja qual è Orpheo o pobre Tityro,
Arion entre os Delphins, Orpheo nos bosques.
Menàlios versos, flauta, abre comigo.
Converta-se em mar tudo: adeus, oh bosques:
Aqui da gruta deste aèrio monte
Jogo-me às ondas jà, precipitado.
Recebe o extremo adeus de um moribundo.
Cessa Menàlios versos, cessa, oh flauta.
Fallou assim Damon: dizei, Pièrides,
Como de Alphisibeo fôra a resposta.
Nem todos podem arrostrar com tudo.

---

para expressar no Italiano este famoso verso Latino. Eil-os aqui:

Il viderti, il perir fu un punto solo,
Tanto a me stesso il folle error mi tolse!

(1) Medea, filha de Ethas, rei de Colchos; matou os filhos, que tivera de Jason para se vingar da infidelidade delle.

(2) O Amor.

Deita fora, Amaryllis, esta lympha; (1)
Pingue verbena queima, e o macho insenso;
Cinge com branda fita esses altares
Para tentar co' a màgica sagrada
Alienar desse amante os sãos sentidos: (2)
Aqui nada mais falta do que os versos.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Daphnis. (3)
Versos trazer do Cèo a lua podem,
Com versos mudou Circe os sòcios do I'thaco, (4)
Fria a cobra c' o encanto na herva estoira.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Daphnis.
Primeiro vou cingir-te estes tres fios,
Cada um de triple cor, e em si diversos;
E em roda às aras tres levo esta effigie:
O ìmpar nùmero appraz ao Deus de agoiros.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Daphnis.

---

(1) A maga è quem falla à sua criada Amaryllis.

(2) Por que não estavão appaixonados de amor como os della.

(3) Diz o texto:

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnin.

para não affroixar o verso Latino pondo-o em dois Portuguêzes, supprimi na traducção a palavra — domum —, suprindo-a com o pronome — me —: e supprimi, sem a suprir, a palavra — ab urb —: Visto que o tudo era que Daphnis viesse do lugar onde estava longe da maga, para onde ella exercia os seus encantamentos. Forão precisos dois versos a Ambròggio:

Traete si, traete a questo albergo.
Dafni dalla Cittade, o versi mici.

(4) Circe com sua màgica mudou em animaes os companheiros de Ulysses, rei de Ithaca, para o reter junto della.

Ata, Amaryllis, ata as côres trìplices
Em tres nòs: ata jà; pressa, Amaryllis;
E dize assim — ato os vìnculos de Venus —
Trazei-me, versos meus, trazei-me Daphnis.
Como co' a mesma flamma se endurece
Este limo, e esta cêra fica fluida;
Em Daphnis meu amor tal poder tenha.
O farro sparze, e no bitume accende
O fragil loiro: o mào Daphnis me abraza;
Eu queimando este loiro, a Daphnis queimo.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Daphnis.
Tal amor côlha a Daphnis, qual por selvas
E por altas soidões colhe a novilha,
Quando cançada em procurar o toiro,
Cahir se deixa sôbre a vêrde relva,
Perdido o tino, às margens de um ribeiro,
Sem lembrar-lhe que està jà na alta noite;
Amor o côlha tal, e eu não o cure.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Daphnis.
Deixou-me outr'hora o falso estes despojos,
De sì caros penhôres, que eu agora
No mesmo limen tos entrego, oh terra:
Devem-me Daphnis estes seus penhôres.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Daphnis.
O mesmo Meris deu-me estes venenos,
E, hervas que para mim colheu no Ponto, (1)
No Ponto em pinhas crescem. Vi com ellas
Muitas vêzes tornar-se em lôbo Meris,
E se esconder nos bosques, muitas vêzes
Das fundas campas despejar os manes,
E transmudar as messes jà nascidas.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Daphnis.
Leva, Amaryllis, essas cinzas fora;
Lança-as por cima da cabêça ao rio:
Atraz não olhes. Co' ellas Daphnis urjo.

(1) O Ponto, região da A'sia menor.

Nem Deus algum, nem versos o commovem.
Trazei-me, versos meus, trazei-me Daphnis.
Repara: a mesma cinza não toccada (1)
Os altares lambeu com flammas trèmulas
Em quanto ia exportal-as. Feliz sêja!
Não sei de certo o que è; e là no limen
Ladrando Hylax se escuta. Posso crel-o? (2)
Ou quem ama vãos sonhos se affigura?
Basta, versos, jà basta; eis chega Daphnis.

(1) E' Amaryllis que falla. Signal era de bom agoiro quando as cinzas por si se accendião.

(2) Falla a maga inda duvidosa do seu triumpho; mas descançada ao ver Daphnis, pàra subito os encantos.

ARGUMENTO DA 9.ª E'CLOGA.

Virgilio, havendo obtido a restituição de suas terras no territòrio de Mantua, o qual com o de Cremona fôra destribuido pelos soldados veteranos de Octàvio, teve debates com o Centurião A'rio que contava ficar-lhe com as terras. Correu então risco de vida, e para salvar-se, foi obrigado a passar o rio Mincio a nado. Foi a Roma implorar de nôvo a protecção de Octavio, e deixou em casa um criado velho por nome Meris, recommendando-lhe o bem tratar o Centurião. Meris nesta E'cloga vai a Mantua levar a este alguns presentes, e no caminho encontra Lycida. Ambos fallão da desgraça de Menalca, isto è de Virgilio.

E' CLOGA 9.ª

Lycida, Meris.

Lycida.

PAra onde guias, Meris, os teus passos?
Vàs à cidade? Esta è a estrada della. (1)

Meris.

Oh Lycida, chegamos a ter vida
Para ouvir do agro o estranho dono
(Nunca o tememos!) com furor dizer-nos:
Isto è meu, emigrai anciãos colonos.
Agora, pois que a sorte inverte tudo,
Tristes, vencidos lhes levamos agnhos.
Não lhes proveitem, Cèo, suores nossos.

Lycida.

De certo ouvi que tudo desde o sitio,
Donde aquellas collinas vem descendo,

(1) Houve desta gente, que crê de leve, que criticou este lugar de Virgilio, dizendo: — para que pergunta Lycida a Meris se ia à cidade, se elle o via para là caminhar pela estrada direita a ella? — A meu ver quiz-se abocanhar uma sublimidade Virgiliana. Lycida encontra Meris na estrada indo para Mantua, e o vê levar cordeiros: Que è isso — lhe diz — vàs à cidade onde estão os inimigos? Levas presentes aos destruidôres da tua patria? Não podes negar este crime; pois que eis-te na estrada que là vai ter. Meris se desculpa dando-lhe rasão bastante do seu procedimento.

E o cimo agaixão em declive brando,
Athè este ribeiro, e antigas faias
De jà scachados topes, teu Menalca
Por seus mimosos versos conservara.

Meris.

Ouviste, e o dice a fama; porem valem
Tanto entre os Màrcios dardos nossos versos, (1)
Quanto, da àguia ao chegar, Chaònias pombas.
Se a esquerda gralha da cevada asinha
Não me dera signal que a todo o custo
Cortasse eu novas lides, não vivêra
Nem o teu Meris, nem Menalca mesmo.

Lycida.

Ai! Ai! Cabe em alguem tanta maldade!
Nossa consolação tôda, Menalca,
Ser-nos-hia comtigo arrebatada!
Quem as Nymphas cantara? Quem na terra
Hervas, e flôres pròdigo sparzira?
Ou verde sombra dera às frêscas fontes? (2)
Ou quem entoaria aquelles versos,
Que, sem de ti ser visto, ouvi-te hà pouco,
Indo Amaryllis ver, delìcias nossas?
„ Tityro, em quanto volto, as cabras pasce;
„ Não tardo; e fartas jà, leva-as à fonte:
„ Mas, Tityro, no emtanto tem cautela;

(1) Meris zelava tanto os interesses de seu amo como se fôssem seus pròprios; porisso chama tambem seus aos versos de Menalca.

(2) O nosso erudito Sà de Miranda imitou esta passage na sua E'cloga à morte do pastor Nemoroso:

. . . . . Quien cantarà d'amores
Quien de las Nymphas, quien d'otros cantares?

„ O bode è doido, com as hàsteas fere. (1)

Meris.

A Varo entoava hà pouco estes não findos : (2)
„ Teu nome, oh Varo, (se nos resta Mântua,
„ Mântua visinha à mìsera Cremona !)
„ Sublimal-o-hão nos Cèos canoros cysnes.

Lycida.

Fujão enxames teus de Cyrna os teixos ! (3)
Saciadas de codêço as vaccas tuas
Engrossem pingues têtas ! Principia,
Se alguns te lembrão mais. Tambem as Musas
Me fizerão poeta, e versos tenho ;
Os pastôres tambem me chamão vate ;
Mas eu não lhes sou crèdulo ; inda versos
Dizer dignos não creïo a Varo, a Cinna ; (4)
Mas sim grasnar qual ganso entre almos cysnes.

Meris.

De mim o mesmo julgo : entro em mim, Lycida,
E tàcito os procuro na memòria ;
Não è ignobil canto. „ Oh Galatea,
„ Vem cà ; nas ondas tu que brinco encontras ?
„ Aquì a primavera ri purpùrea,
„ Aqui vàrias produz a terra flôres
„ A's margens dos arroios ; à caverna

(1) Querem alguns que este bode seja o Centurião, e esta cantiga o consêlho de Menalca a Meris para que trate bem aquelle màu.

(2) Este Varo è o mesmo Quintìlio Varo da 6.ª E'cloga.

(3) Cyrna, hoje Còrsega, ilha no Mediterrâneo.

(4) Cinna, neto de Pompeo.

„ Aqui olha imminente o chôpo candido,
„ Tecìdas sombras de flexiveis vides,
„ Vem cà; deixa ondas loucas dar na praia.

Lycida.

Quaes fôrão os que ouvi, quando cantavas
Naquella clara noite, solitàrio?
Lembra-me o estilo, mas não sei a lêtra.

Meris.

„ Daphnis, por que rasão de antigos signos
„ O nascimento espreitas? Majestôso
„ Eis de Cesar Dioneo o amavel astro, (1)
„ Astro, que alegrarà com fructo as messes,
„ Que às uvas darà cor nessas encostas.
„ Os pereiros agora enxerta, Daphnis;
„ Dêlles os pomos colherão teus netos.
A idade tudo leva, athè memòria.
Lembro-me que a cantar inda menino
Longos sões muitas vêzes eu passava:
Agora tantos versos me esquecêrão;
Tambem a mesma voz jà deixou Meris:
Primeiro os lôbos Meris encaràrão. (2)
Mas vêzes contar-te-hia estes Menalca.

(1) Suetònio diz que quando se celebrarão os jogos fùnebres em honra de Jùlio Cèsar, appareceu pelo espaço de sete dias uma estrella nova — *stella crinita* — (um cometa) O pôvo accreditou que era a alma de Jùlio. Chama-se-lhe Dioneo pelo fazêrem filho de Jùpiter, e de Diòne, Nympha do mar.

(2) Cria-se que se os lôbos vião um homem antes que este os visse, perdia o homem a voz, ou ficava com diminuição nella.

Lycida.

A escuza tua augmenta os meus dezejos.
Callada por te ouvir jaz tôda essa àgua;
E attende que dos ventos o murmùrio,
Athè a mesma arage, te cedêrão.
No meio do caminho estamos quasi,
Que a campa de Bianor começa a ver-se. (1)
Aqui onde os agrìculas espalhão
Densas fôlhas, aqui cantemos Meris;
Aqui os anhos põe: là chegaremos.
Ou se hà temor que a noite deite chuva,
Ir athè la podemos descantando;
(Menos enfada a estrada) eu dèsse pêzo,
Para irmos descantando, te allivio.

Meris.

Deixa graças, mancêbo; cumpre agora
Fazer o que è mister. Melhòr os versos,
Quando elle mesmo venha, cantaremos.

(1) Bianor foi um antigo rei de Etrùria. Os antigos fazião os tùmulos ao lado dos caminhos: de là o encontrar-se nos epitàphios — Sta, viator — e outras semelhantes sentenças. Isto era para se ter em memoria as virtudes dos homens; e como todos dezejão que lhes sobreviva boa fama, era tambem um estôrvo aos vìcios, e crimes. Com que respeito religiôso se não veneravão estes túmulos! Augmentava aquelle quanto estes erão mais antigos, Diz Cicero Philip. 9.ª — *Sepulchra fiunt sanctiora vetustate* — Os Chinas os põem nos oiteiros para melhor se verem de longe.

ARGUMENTO DA 10.ª E'CLOGA.

PÙblio Cornèlio Gallo chegou, sahindo de familia obscura, a ser pelos proprios merecimentos uma das primeiras personages do reinado de Augusto. Foi Governador do Egypto, e Consul. Protegia declaradamente a Virgilio. Fazia versos. Pela soberba, com que se comportara no seu governo, o Senado o bania, e elle suicidiou-se.

Têve a mais cega paixão por Lycoris, còmica daquelle tempo, da qual tambem Marco Antònio estivera amorôso a ponto de a trazer sempre na seje ao seu lado. Ella, por não ser excepção de regra, foi infiel a Gallo, e seguio outro General Romano a uma expedição aos Alpes. Gallo têve a fraquêza de muito o sentir. Virgilio o pinta no estado o mais miseravel, a ponto de o fazer confessar que è incuravel a sua paixão, e que amarà sempre a desleal.

E' C L O G A 10.ª

Gallo.

DA-me, Arethusa, esta ùltima fadiga: (1)
Versos para o meu Gallo hão de ser poucos;
Mas que os lêa Lycoris: quem a Gallo
Versos recuse? Assim, quando escorregues
Por baixo dessas ondas Sicilianas, 5

(1) Arethusa, fonte na ilha Orthygia, junto a Sicilia. O rio Alpheo, do Peleponeso, amando Arethusa, esta o não quiz escutar e por baixo do mar fugio para Siracusa.

Doris não te amaruje a dôce lympha ;
Começa : em quanto as cabras nari-rombas
Roem pimpolhos nos arbustos brandos ,
De Gallo o amor sollìcito cantemos.
Não perdemos com surdos nosso canto ;
As florestas em tudo nos respondem.
Ou que selva , ou que bosque vos detêve ;
Donzellas Naides , quando o amor indigno
A' margem poz do tùmulo o meu Gallo ?
Nem cumes do Parnasso , nem do Pindo ,
Nem da Aönia Aganippe vos tiverão. (1)
Chorou-o a tamargueira , e os altos loiros ;
Do Lyceo frio as penhas o choràrão , (2)
E o pinìfero Mènalo , que o virão
Em lapa solitària reclinado.
Estão-lhe em roda as ovêlhas : coitadinhas !
Se està triste o pastor , ellas stão tristes. (3)
Os gados ama pois , poeta divino ;
Que tambem pelas margens dos ribeiros
Ovêlhas pascentou o lindo Adonis. (4)
Là veio o guardador do miúdo gado ;
Là vierão os vaqeiros vagarosos ;
Escorrendo tambem veio Menalca
Da colheita das landes hynvernosa :
„ Donde este amor te vem ? „ Tôdos perguntão :
Apollo veio, e diz : por que enlouqueces?
Lycoris , teu amor , segue outro , oh Gallo ,
Por neves , e arraiaes em armas hòrridos.
Veio Silvano ; trouxe o agreste ornato
Sobre entonada fronte , sacudindo
Florentes canas-flechas , grandes lìrios.

---

(1) Fonte de Beòcia : nasce no monte Elicon.
(2) Monte da Arcàdia , consagrado a Pan.
(3) Interpretação do P. Catrou. Creio-a a mais bonita.
(4) Foi pastor no monte Idàlio em Chypre , e amado de Venus.

Pan, Deus da Arcàdia, veio, que nòs vîmos
Rubro c' o vermelhão, co' as bagas do engo:
Onde irà tal paixão? Amor lhe è surdo:
De àgua, diz, não se farta a vêrde relva,
De fôlha a cabra, de codêço a abêlha,
Nem se farta de chôro o amor tyranno.
Mas elle triste — Oh A'rcades — exclama —
Meu fado cantareis nos vossos montes:
Sòs são peritos em cantar os A'rcades.
Oh como os ossos meus suave repoizem,
Se cantar vossa flauta os meus amôres!
Provera aos Deuses que um de vòs eu fosse,
Ou pegureiro dos rebanhos vossos
Ou vinhateiro da uva sasonada!
Phyllis teria eu certo, Amyntas fosse,
Ou outro amor qualquer. E' fusco Amyntas?
Fuscas hà violas, hà violêtas fuscas.
Sob a flexivel vide entre os salgueiros
Comigo fôra; Amyntas me cantasse,
Flòreas capellas colher-me-hia Phyllis.
Olha, Lycoris, estas frêscas fontes,
Olha este brando prado, olha este bosque;
Morrêra eu a um tempo aqui comtigo!
Detem-te o insano amor no meio de armas
De Marte duro, de remessos, de hostes.
Longe da pàtria, tu (è crivel tanto!)
Neves Alpinas vês, do Rheno os frios
Solitària sem mim, ah inhumana!
Ai! Não te offenda o frio! Ai! Não te corte
Do gêlo o buìdo gume as tenras plantas!
Irei, e os versos, jà por mim compostos
Em Chalcìdico metro, hei de na flauta (1)
Do pastor Siciliano modulal-os. (2)
De certo estou votado a crus tormentos

(1) Gallo traduzio pedaços de Euphorion, poeta Grêgo nascido em Chàlcide, cidade da ilha Eubea.
(2) No estilo de Theòcrito, poeta Siciliano.

Por essas brenhas, por soidões de feras,
E a amôres meus gravar nas tenras àrvores:
Crescerão ellas, crescereis, amôres.
Sòcio das Nymphas lustrarei o Mènalo
No emtanto, e caçarei acres javardos;
Nem hà-hi frio algum, que obstar me possa
C' os podengos cercar Parthènias brenhas: (1)
Ir jà por fragas julgo, e bosques soantes;
Vibrar folgo a arco Partho a dardo Tyrio; (2)
De meu furor em quanto este è o antìdoto,
Em quanto o coração do Deus tyranno
Apprende a embrandecer-se aos males do homem!
Jà não posso gostar das Hamadryadas,
Como de antes os versos não me apprazem;
Adeus segunda vez, adeus, oh bosques:
Não valem a mudal-o as minhas pennas;
Nem se do Hebro eu beber na alma do hynvero; (3)
Nem se eu atravessar Sithònias neves (4)
Depois de aquosos frios; nem se os gados
De Ethìopes guardar submisso a Cancro, (5)
Quando secca no alto ôlmo a casca exâmine.
Vence Amor tudo, e nòs a Amor cedamos.
Que o vosso poeta assim cantasse, oh Divas,
Em quanto em òcio està, e tece a cêsta
De tenue malvaisco, è bem, Pièrides.
Vòs màximo fareis tal canto a Gallo;

(1) Do monte Parthènio em Arcàdia.

(2) A arco Partho, em lugar de — *com arco Partho* — Os Clàssicos, e mesmo o uso familiar, se serve de *a* por *com* em algumas passages.

(3) Hebro, rio de Thràcia: nasce no monte Rhòdope, e desàgua no mar Egeo.

(4) Sithònia, ou România, provincia maritima de Mecedonia.

(5) O signo de Cancro tomado pela zona tòrrida, visto o sòl, quando entra neste signo, abraza o hemisferio Boreal.

Gallo, cujo me cresce amor câda hora,
Quanto ao vir Flora cresce o àlamo vêrde.
Levantemo-nos: ser nociva a sombra
Aos que cantão è de uso; e esta è de zimbro:
Faz mal a sombra às messes. Ide fartas,
Hèspero vem, a casa ide, cabrinhas.

FIM DAS BUCÒLICAS.

* * * * * * * * * * * * * *

OS MONUMENTOS.

IDYLLIO DE GESSNER. (*)

Milon , Dameta.

Dameta.

VEs como esse carneiro foi nos charcos ,
Seguido das ovêlhas , enlodar-se ?
So hervas doentias là verdêjão ,
Torpes insectos fervem-lhes nas aguas.
De tal sitio affastar vamos o gado.

Milon.

Eis o trêvo ; o tomilho , eis a alfazema ;
A hera abraça os arbustos deste plaino ;
E o gado lhes prefere junco , e lôdo :
Quanto è elle demente ! Mas , Dameta ,
Somos nòs sempre mais discretos que elles ?
Não hà quem deixe o bem, e ao mal se entregue ?

(*) Este Idyllio , que a meu ver è o melhor dos graciosos Idyllios de Gessner , è traduzido de prosa Francêza , em que fôra traduzido dos versos Alemães. Emprehendi este curto trabalho em obsèquio ao meu estimavel amigo o Senhor Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada Machado , por lhe agradarem as sublimes ideas desta peça , e ponho-a aqui por não desemparelhar com as precedentes E'clogas.

Dameta.

Que animaes tão estùpidos! Ante elles
Olha as rãs como saltão de entre as canas.
Desses charcos sahi, eis linda relva.
Ai, como elles estão os insensatos! . . . .
Tinhão hà pouco a lá que era uma neve!

Milon.

Em fim eis-vos aqui. Não mais vos quero
Fora dêste relvado tão florido.
Mas, dize-me Dameta, alem que vêjo?
De mìrmore columnas derribadas
Cheias de lôdo, e de juncaes no meio!
Por terra olha esta arcada. Occulta na hera,
Das fendas lhe rebenta espinho, e çarça.

Dameta.

Um tùmulo jà foi.

Milon.

Vêjo-o, Dameta.
No lôdo eis a urna immersa. Ornado o vaso
Tôdo em roda parece de figuras.
São guerreiros brutaes, corceis fogosos
Pateando homens na poeira confundidos.
Quem cobrir de horror tal quiz suas cinzas
Certo não foi pastor. Vaidôso humano,
Cujo alto mausoleo deixas em ruinas,
Terno amigo não foi destas choupanas:
Pouco estima o porvir sua memòria;
Sparzio-se poucas flôres no seu tùmulo.

Dameta.

Elle! Foi peòr que o tigre. Arruinou campos;
A homens livres lançou grilhões de escravos.
De seus torvos guerreiros os cavallos

Pizavão a esperança do ceifeiro,
E de nossos maiores c' os cadàveres
Elle semeou estes chorosos campos.
Qual corre em fome o lôbo ao gado tìmido,
Taes se lançavão seus armados bandos
A homens em paz, que nunca mal lhe urdirão.
Em marmòreos palàcios, orgulhôso,
Das provìncias, que bàrbaro estruìra,
Sangue, e prantos pausado saboreava:
Sua glòria fundou no horror dos crimes.
Com tal pompa, e trophèos de seus furôres
Mesmo elle profanou tão casto asilo.

Milon.

Que monstro! Mas admiro sua insania.
Ergue brazões aos pròprios attentados
Para que os não ignorem nossos netos,
Nem lhes deslembre, por aqui passando,
Com maldições cobrir delle a memòria.
Olha o tùmulo seu desmantelado;
Olha sparsas no lôdo as cinzas suas,
E a urna, que as tinha em sì, eil-a atra estancia
De infectos vermes. Que è de seu orgulho?
Ver-se-hà sem dor, sem mofa a horror unidas
Do heroe no capacête a rã sentada,
E o tardo caracòl passeando intrèpido
Ao longo sôbre a espada ameaçadôra?

Dameta.

No ar se esvaio grandêza tão funesta!...
Sò dura a nêgra fama de seus crimes.
E aos tractos crueis das vingadôras Fúrias
Sua Sombra chorosa foi entregue.

Milon.

Ninguem, Dameta, não, ao Cèo por elle

Ninguem ergue um sò voto. Eternos Deuses!
Quão triste è quem por crimes tolda a vida!
Morre; mas maldições lhe sobrevivem.
Não: se as riquêzas me off'recessem do Orbe
A prêço de um sò crime, eu mais quizera
Sò ter para guardar duas cabrinhas,
E em paz viver comigo: aos altos Deuses
Inda uma dellas immolar eu fôra
Grato à dita, que dêlles me emanava.

Dameta.

Sò imagens de horror tal sìtio mostra.
Vem comigo, Milon; quero que vej s
Um muito mais preciôso monumento,
O monumento de meu pai, de um justo.
Suas tão puras mãos mesmas o erguêrão.
No emtanto, Alexis, cuida em nossos gados.

Milon.

A celebrar com gôso te accompanho
De teu pai a memòria que respeitas:
A sua rectidão inda hoje vive
Nas mais longìquas choças venerada.

Dameta.

Vem, meu amigo: atravessando o prado
Esta verêda nos conduz ao sìtio.
Ao lado passaremos do Deus Têrmo,
Que de viçosos pampanos se enrama.
Partem. A' d'reita do caminho um campo
De herva se ornava, que lhes sobe ao cinto;
A' sestra àureas espigas se agitavão
Aos môços sobranceiras. O caminho
Levou-os a uma sombra socegada
Das mais frondosas àrvores fructìferas
Ao redòr de choupana alegre, e vasta.

Là fez Dameta pôr pequena mêza
De àrvore junto ao tronco a mais opaca ;
Um cheio canastrel de fructos novos ,
De frêsco vinho um cangirão a ornavão.

Milon.

Dize-me pois , Dameta , onde à memòria
De teu pai se vê sacro o monumento ?
Libar quero de vinho a prima taça
Do varão probo , e justo sôbre os manes.

Dameta.

Eil-o aqui , meu amigo. Liba o vinho
Sob estas sombras , onde a paz habita.
Tudo , o que ves , suas virtudes marca.
Selvage era este campo ; elle o fez culto.
Plantou co' a pròpria mão tão ferteis àrvores.
Nòs , filhos seus , e nossos netos ùltimos ,
Temos de abendiçoar sua memòria :
Seguir-nos-hão aquelles , que comnôsco
Do fructo de seus dias participem.
Do homem de bem os pròsperos momentos
Brilhão em nòs , em tôdo o campo brilhão.

Milon.

Oh manes do homem justo , e bemfazejo ,
Libação recebei , que ora vos sagro !
Deixar virtuosa prole na abundancia ;
Fazer bem , sem que mesmo o vede a morte ;
Que è de outro mais honrado monumento ,
Mais grato ao Cèo , mais util aos humanos ?

****

AS GEÒRGICAS,

POEMA

EM

QUATRO CANTOS,

OFFERECIDO

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor

D. FERNANDO JOSÈ DE PORTUGAL,

Marquez de Aguiar, Ministro assistente ao Despacho do Gabinete de Sua Magestade Fidelissima, o REI Nosso Senhor, Ministro Secretario de Estado dos Negocios do Reino, Estrangeiros, e da Guerra, etc., etc., etc.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez de Aguiar.

Debalde o primeiro Ministro de uma Nação quizera ser grande, se menoscabasse, ou fôsse indifferente ao progresso das Lettras. O Traductor de Pope, imbuido neste, e nos outros liberaes principios, que na bôa Logica esmerado bebéra, e que unicos fazem a dita dos povos, occupa hoje aquelle ponderôso lugar sob um Tito sem os morticinios de Hyerosôlima.

Sim, Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor, V. Ex. fez-me a tão subida honra de me acceitar a offerta da traducção da doutrina rural de Roma, que o sem-par Virgilio ornou a seu modo; mas sò em mim nũo se limita esta honra. Semelhante ao facho, que accêso nas trevas raia ao largo emanações Newtonianas, ella abrange todos os Portuguezes, que instem em abalizar-se no trabalho litterario. Tocca-me ella in actu, *e a elles* in potentia, *visto mostrar-lhes ao certo o acharem-no em V. Ex. logo que a procurem.*

Virgilio dedicou esta obra à Mecenas, que, cultivando, e estimulando o saber, levou ao galarim as Lettras Romanas; e eu, animado pelos sentimentos daquelle poeta, dedico a traducção della a V. Ex., em quem conhéço o coração bemfazejo, e o amor da patria, e do SOBERANO, os quaes tôdas as idades admirarão naquelle protôtypo dos Ministros, ficando eu ardentemente dezejando que, para gloria da nossa Nação heroica, o mesmo exito, que nelle tiverão tão altas virtudes, o tenhão em V. Ex. de quem me honro ser,

Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor,

De V. Ex.

Muito respeitôso, e obrigado servo.

Antonio Josè de Lima Leitão.

PREFACIO DO TRADUCTOR.

É O Poema das Geòrgicas o trabalho mais correcto de Virgilio, e o mais interessante da antiguidade sôbre a agricultura: excede muito ao de Hesìodo, intitulado — As Obras, e os Dias — que se diz ter sido antepôsto em Grècia à Ilìada, e Odyssea, por que mais util o julgàrão.

Sabe-se em que honra então se tinha esta arte a mais necessaria aos homens. Serà sempre venerada a memoria de Numa, de Anco Màrcio, de Cùrio Dentato, de Catão, de Camillo, e do gloriôso Deniz, Rei de Portugal, por dirigirem a relha com a mão mesma, que regia as rèdeas, ou consideravel parte dos negòcios do Estado, ensinando assim que este trabalho è o alicerce da Sociedade. A igual conducta devêrão parte de sua grandêza a Assyria, a Pèrsia, o Egypto, a Sicìlia, e a Grècia. Nesses tempos a terra produzia mais; não que tenha perdido em fôrças; mas, como diz Plìnio, por que os cultivadôres de então erão mais peritos do que os de hoje, que apenas vão atoados à rotina cega.

Começa o poeta, logo nos primeiros versos, a enunciar, e dividir as partes da Obra. 1.ª *Quid faciat lætas segetes;* a agricultura propriamente dita: 2.ª *Ulmisque adjungere vites;* o trato das vinhas, e do vinho: 3.ª *Quæ cura boum, qui cultus habendo sit pecori;* a creação, e conservação dos gados: 4.ª *Apibus quanta experientia parcis;* os cuidados necessarios para com as abêlhas.

Para mitigar algum fastio, que podessem causar os miudos datalhes, às vêzes àridos, como acontece em tôdos os poemas didacticos, soube Vigilio ornar o seu de episodios lindissimos. Olhe-se no 1.º Canto o poder de Jùpiter, os prodìgios da

morte de Jùlio Cesar : no 2.º o elogio de Roma, e dos prazêres campestres : no 3.º o templo imaginario de Augusto, e a peste dos animaes : no 4.º Aristeo, e Orpheo.

Concordou-se entre os litteratos que traduzir dignamente as Geòrgicas de Virgilio fôra emprêza quasi impossivel de desempenhar. O famôso Delille, ao annunciar tel-a emprehendido, ouvio que naufragaria na sua derrota ; porem mudou-se de parecer quando se virão os primeiros versos da sua traducção ; e è ella a que merece hôje a primasia. Com effeito, tem versos òptimos, tem rasgos de mestre ; mas parece-me ella mais imitação sublime do que perfeita versão. Muito raras vêzes copiou Delille as bellêzas da dicção Latina, ainda que mui bem as entendia ; porem estava capacitado, como o estão tôdos os litteratos Francêzes, que a sua lingua monòtona, e acanhada em poesia, não è susceptivel da concisão, e elegancias da Romana. Com tudo foi com a sublimidade, que lhe è pròpria, que elle exprimeu as ideias de Virgilio da sua alta dicção, e com ellas deu alma à dicção Francêza, na qual, semelhante a puro licor mudado de redoma de cristal para vaso de muito menos transparente vidro, ainda mostrão o que são, feito o necessario desconto. Haja vista logo ao comêço, e assim è tôda a Obra.

. . . . . vestro si munere tellus
Chaoniam pingui glandem mutavit aristâ,
Poculaque inventis Acheloia miscuit uvis.

„ Cérès, qui fis à l'homme abandonner les glands
„ Pour ces èpis dorés qui couronnent nos champs,
„ Bacchus, dont le nectar teint les eaux des fontaines.

Vere novo, gelidus canis cum montibus humor
Liquitur, et zephyro putris se gleba resolvit.

„ Quand la neige au printemps s'écoule des montagnes,
„ Dès que le doux zéphir amollit les campagnes.

Urit enim lini campum seges, urit avenæ,
Urunt Lethæo perfusa papavera somno.

„ Pour l'avoine, et le lin, et les pavots brûlans,
„ Ils dessèchent la terre, ils épuisent les champs.

Quantas bellêzas vão perdidas. *Chaoniam glandem*, e *pocula Acheloia* fazem nascer um montão de ideias negadas às simplices palavras *glands*, e *eaux des fantaines*. A graça de *gelidus humor* não está na palavra *neige*, nem a de *canis montibus* na *des montagnes*: o mêsmo acontece a *ils dessèchent*, *ils épuisent*, e *pavots brûlans* a respeito da repetição do verbo *uro*, e do *Lethæo perfusa papavera somno*. Antonio Ambrogio, Florentino, ainda que o julgo melhòr na traducção das E'clogas do que na das Geòrgicas, muitas destas bellêzas conserva; pois que a lingua Italiana mais se apresta a ellas, e nada deixaria elle a dezejar se gyrasse na esphera de Delille. Eis aqui a versão, que fez das passages citadas:

. . . . . se l'irsute ghiande
„ Già gli uomini cambiar per vostro dono
„ Nelle mutare spighe, e 'l ritrovato
„ Mosto tempraron d' Acheloo coll' onde.

„ Di primavera al ritornare, allora
„ Che sciolto liquifassi il freddo umore
„ Ne colli bianchiggianti, e se disfanno
„ Ammolite le zolle al respirare
„ De 'zeffireti . . . . . .

„ Perchè del lino il seme il campo ascinga,
„ La vena il secca, e di Leteo sopore
„ L' impastato papavero lo sfibra.

Em Hespanhol nenhuma traducção se pode comparar a esta Italiana, e muito menos à de Delille. O nosso sàbio Leonel da Costa não tem na sua nada de poesia; mas è fiel, e as suas notas são muito eruditas.

Antonio Josè Osorio de Pina Leitão tambem na sua è fiel; mas nimio se encostou à de Delille, sem com tudo conservar desta a concisão; quasi dobrou o número dos versos. As mais, que consultei são em prosa, por isso não entrão na questão presente.

ARGUMENTO DO 1.º CANTO.

Contém elle a divisão, e proposição de toda a Obra. Segue-se a invocação dos Numes, que presidem aos campos, e a de Octàvio Cesar. Divide-se depois o canto em seis partes: a 1.ª consta das differentes maneiras de cultivar a terra segundo as suas qualidades: a 2.ª da origem da agricultura: a 3.ª dos instrumentos do lavrador: a 4.ª do tempo dos differentes trabalhos: a 5.ª dos prognòsticos do bom, ou mão tempo: a 6.ª dos prodìgios, que precedêrão, e succedêrão à morte de Jùlio Cesar. Finalmente o poeta, em vez de epìlogo, supplica aos Deuses a felicidade de Octàvio, e a salvação de Roma.

AS GEÒRGICAS.

PRIMEIRO CANTO.

DOnde penda o vigor das sementeiras,
Em que signo convenha arar os campos,
E as videiras juntar com o ôlmo aèrio;
Qual a attenção, de que precisa o gado,
A industria para crear parcas abêlhas
Passo, oh Mecenas, a cantar dêsde ora.
Brilhantes fachos, que daes luz ao Mundo,
Que là dos Cèos formaes os leves annos;
Baccho, alma Ceres, se por vos a terra
Mudou Chaònia lande em pingues messes, (1)
Mesclou lympha Acheloia ao môsto achado; (2)
E vòs, Faunos, agrestes Divindades,
Vinde, Faunos, e Drìadas Donzellas;
Vossas dàdivas canto. E tu, Neptuno,
Para quem produzio primeiro a terra,
Batendo-a o grão tridente, ìgneo cavallo: (3)

(1) Chaonia, porção do Epiro, onde havia muita lande, que athè então era o alimento dos homens.

(2) Acheloo, rio da Etòlia. Baccho andando pelas margens delle, Oeneo, rei do paiz, lhe mostrou vides, que elle primeiro plantara, e tambem o sumo do fructo: o Deus lhe ensinou a melhorar a cultura da vinha, e a fazer o vinho.

(3) Houve disputa entre Neptuno, e Minerva sôbre qual delles daria nome à cidade de Athenas. Decretou Jove na Assemblea dos Deuses que o que produzisse uma dàdiva mais util aos homens, daria o nome à cidade. Neptuno bateu na terra com

Cultor das selvas, por quem nìveos pastão
Trezentos bois flor pingue em Ceas çarças : (1)
O caro Mènalo, e o Liceo deixando (2)
Tu mesmo, Pan Tegeo, guarda de ovêlhas :
Minerva, de oliveiras inventôra :
Tu, menino, instructor do adunco arado : (3)
Tu, pai Silvano, que na dêxtra empunhas
Tenro cipreste, emblema de altos gôsos : (4)
Deuses, e Deusas, que daes alma aos campos,

---

o tridente, e nasceu um cavallo ; e Minerva bateu com a lança, e sahio uma oliveira. A decisão foi em favor de Minerva.

(1) Aristeo. Foi pastor, filho de Apollo, e de Cyrene, filha do rio Peneo em Thessàlia. Amou Eurydice, e rivalizou com Orpheo. Attribue-se-lhe a invenção do uso das abêlhas, do mel, e do quêjo. Perdendo seu filho Acteon, deslacerado em forma de veado por seus mesmos cães em punição de ver nua no banho a Diana, retirou-se pezarôso para a ilha de Cea, hoje Zea, uma das Cyclades.

(2) Liceo, e Mènalo montes da Arcàdia consagrados a Pan.

(3) Triptolemo, filho de Celeo, rei de Eleuse cidade em A'ttica. Ceres, andando em busca de Prosèrpina, poisou em casa do rei, e agradando-se do filho, lhe ensinou a agricultura, e o mandou n'um carro tirado por serpentes a ensinar esta arte a tôdo o Mundo. Os habitantes agradecidos instituirão sacrificios à Deusa, e a chamàrão mãi Eleusina.

(4) Silvano amava ternamente o menino Cyparisso, o qual por descuido matou uma corça mansa, que tinha, e ficou pos isto inconsolavel. O Deus doendo-se dêlle, o transformou em cipreste, e traz sempre na mão uma destas àrvores inda tenra em memòria do menino.

Que do germen formaes os novos fructos,
Que do Cèo larga chuva enviaes às lavras,
Vinde benignos, aspirai meu canto.
Oh Cèsar! . . . Porêm onde irão meus votos?
Que Deuses quereràs para teus sòcios? (1)
Do myrtho maternal cingindo a frente
Quiçà, util ao Mundo, alto Deus sejas
Autor dos fructos, àrbitro dos tempos:
Quiçà rejas do mar o immenso espaço,
Que sò a ti por Nume adore o nauta,
Submissa te respeite a ùltima Thule, (2)
E genro Thetis para si te compre
Por tôdo esse caudal das ondas suas:
Quiçà no espaço entre a Balança, e Astrea
Nova estrêlla estival fulgir intentes:
Lugar sobejo te deixar no Olympo
Então vejo o Scorpião, que encolhe os braços, (3)
Irôso em te ceder: seja o que fôres:

(1) E' com effeito nimia adulação. Não sò fazel-o Deus, mas athè dar-lhe a escolher o lugar do seu dominio! Lucano tambem diz, e de quem? de Nero:

. . . . . tibi numine ab omni
Cedetur, jurique tuo natura relinquit
Quis Deus esse velio . . . . . .

(2) Não se sabe ao certo que ilha esta seja; porem sempre era a mais arredada, que então se conhecia, da parte do Septentrião. Dizem uns que era o paiz da Noruega chamado Tilemark; outros que erão as ilhas de Schetland; outros a Islanda.

(3) Aqui não posso concordar com o que os intèrpretes tem dito. Querem elles que Virgilio siga a doutrina dos Chaldeos, que sò admittia onze signos, fazendo um sò da Libra, e do Scorpião, chamando à aquella os braços dêste — *Chelæ* —: não attendendo a que a doutrina então mais

Mas o Orco jus não tem ao teu reinado,
Inda que a Grécia admire Elyseos campos, 45

---

seguida em Roma, principalmente sôbre a astronomia, era a dos Egypcios, que admittia os dôze signos, e que Virgilio abertamente a adoptara, como se vê no seguinte verso dêste Canto:

Libra die somnique pares ubi fecerit horas.

Catrou, e la Rue dão interpretação mais gratuita. Querem que Virgilio desse a Cesar o lugar das Chelas, e que esta quantidade de estrêllas se retirasse; não vendo que o poeta lhe assignara um espaço, que se achava vasio entre Erìgone, e Libra:

Qua locus Erìgone inter Chelasque sequentes
Patitur . . . . . .

Se elle diz que o Scorpião contrahira os braços è para dar mais pêzo à grandêza de Cesar, cuja elevação era o principal fito de Virgilio. Não lhe dava o Scorpião espaço necessario; pois que jà là o tinha; mas sim respeitôso se encolhia para lhe dar o espaço mais que bastante — *justa plus parte* — em signal de respeito. Isto è tirado do uso da vida, no qual vemos que os homens ao passar de pessôas, que a ordem politica alteara muito mais que elles, se arredão, e deixão-lhes espaço muito maiòr do que necessitão, e do que deixarião para passarem outros da sua esphera. O — *ardens* — não o tomo por — *luzente* —; mas, para avivar a pintura, o applico ao moral, e o tomo por irado; pois que è natural que uma constellação jà antiga cedêsse de màu grado a outra nova, mesmo conhecendo de grande mèrito o indivìduo nella transformado. Respeito melhòr juizo.

E surda à terna mãi seja Prosèrpina ; (1)
Vil ambição não tens : dà facil curso ,
A audàcia favoncia começada ;
Vem , protector , comigo compadece-te
Dos colonos , que errados se extravião ,
E a nossos votos a acudir começa. (2)
Assim que assoma alegre a Primavera , (3)
Correndo o frio humor dos alvos montes ,
E o zèphyro amollece a tèrrea côstra ;
Então jà principiem meus novilhos
Sob o pendor do arado a dar gemidos ,
E a gasta rêlha a reluzir nos sulcos.
De duplo estio o alqueive , e dubio hynverno
Responde aos votos do colono avaro ;
Celleiros lhe encherà colheita immensa.
Antes de a ferro abrir o campo ignoto
Convem do ar conhecer vària a tempèrie ,
Ventos , pàtria cultura , e uso dos sìtios ,
Câda região que dê , e o que recuse :
Seara aqui vem melhòr , alli as vinhas ;
Os arbòreos renovos n'outra parte ,
E as gramas espontâneas reverdecem.
Olha o Tmolo nos dar çafrões odoros , (4)

(1) Não se atina porque Virgilio diga que Prosèrpina recusara seguir a mãi , quando ella foi constrangida a não o fazer. Ceres , sabendo que a filha estava no Averno roubada pêlo tio , rogou a Jove licença de a tirar de là. Foi-lhe concedida , com tanto que Prosèrpina ainda là não houvesse comìdo. Com effeito , jà comêra uns bagos de romã. Jove compadeceu-se da afflicção de Ceres , e lhe permittio que a filha fôsse passar com ella seis mêzes do anno , e os outros seis com o tio.

(2) Augusto , por Decreto do Senado , teve honras divinas.

(3) Primeira parte. Differentes modos de cultura.

(4) Tmolo , monte em Lydia.

A India marfins, a molle Aràbia incensos: (1)
Olha os Chàlybes nus darem-nos ferro, (2)
A Pontina região virus castòreo, (3)
E'guas o Epiro em E'lide triumphantes. (4)
Aos sitios certa impoz a Naturêza
Taes leis, e pacto eterno, des que as pedras,
Jogando-as Deucalion ao vàcuo Mundo,
Fizerão homens, àsperos quaes ellas.
Eia ao trabalho. Assim que o anno começa,
Invertão pingue campo os bois valentes,
E o pulverôso estio, a sòes queimantes,
Revirados torrões no âmago enxugue;
Mas sendo esteril chão, fendel-o basta,
De Arcturo ao circular, com tènue rêgo: (5)

---

(1) India, grande região da A'sia, da qual se deriva o nome do rio Indo, que a banha: o Ganges corta-a pêlo meio. E' na Aràbia feliz onde estão os povos chamados Saqeos. O paiz è muito temperado, produz o incenso, e outras muitas resinas, e plantas odoras. Os habitantes são muito affeminados.

(2) Chàlybes, povos das margens do rio Thermodonte em Thracia, nas quaes havia muitas minas de ferro, e se trabalhava bem este metal. De là vem talvez que os Latinos chamem ao ferro puro, ou aço — Chalybs. —

(3) O Ponto, segundo Plìnio, estendia-se do Bòsphoro athè à lagôa Meòtide. Cria-se là um animal semelhante ao cão, a quem os habitantes dão o nome de Castòreo, do qual se tira o almiscar.

(4) O Epiro, porção da Albania, onde se conhecião as eguas mais velozes, e de là se tiravão para os jogos Olympicos, que tinhão lugar em E'lide, cidade de Achaia.

(5) Arcturo, grande estrêlla na cauda da Ursa maior. Nasce pouco antes do equinocio autumnal. Vid. Plìnio, Lib. 2.º cap. 49.º

Alli para que as hervas não empecem
O vingar da semente ; aqui para a àgua
Não deixar , sendo pouca , a terra infertil.
Soffre que fiquem de poisio as lavras ,
E que o campo dest' arte se robore ;
Ou no sitio onde viera a tènue ervilha ,
O bom legume de voluvel bage , (1)
E dos duros tremoços , que amarujão ,
Os côlmos frageis , murmurante messe ,
Iràs logo semear loiras espigas :
Do linho a sementeira queima os campos ,
Queima-os a aveia , queima-os borrifada
Dêsse somno Letheo a dormideira ;
Mas alternadas são de facil culto ,
Se adubar não te peja o àrido campo
C' o pingue estrume , nem a immunda cinza
Nas lavras espalhar enfraquecidas.
O agro descança c' o variar dos fructos ;
Mas com tudo o poisio o alteia em fôrças.
Frequente utilisou armar incendios
No campo esteril , e queimar de tôdo
Curto restôlho a crepitantes flammas :
Ou seja que daqui concebe a terra
Fôrças occultas , e nutrientes pastos ;
Ou que o fôgo lhe come o vìcio inteiro ,
E tôdo o humor inutil se evapora ;
Ou jà por que o calor vehemente expande
Muitos canaes , e poros entupidos
Por onde o suco chegue às novas hervas ;
Ou por que mais lhe cerra , e lhe endurece
As mores bôccas , pâra as tènues chuvas ,
Ou do ràpido sòl a fôrça ingente ,
Ou Bòreas frio , e agudo a não lesarem.
Muito os agros ajuda quem cuidôso
Torrões inertes c' os ensinhos quebra ,

(1) Cre-se serem os grãos , que vulgarmente se chamão de bico.

E os nivella a arrastar vemìnias grades.
Ceres flava o não que de nôvo a sulco oblìquo
Bem como ao que de nôvo a sulco oblìquo
Lavra o campo jà roto a recto sulco,
Escrupulôso exerce a miudo a terra,
E aos campos faz sentir que elle os commanda.
Claros hynvernos, hùmidos solstìcios, (1)
Agrìcolas, orai; a poeira hyberna
Alegra o campo, as lavras mais alegra:
Não de algum culto Mysia igual se jacta, (2)
E nem Gàrgara admira as pròprias messes. (3)
Que direi do que zela o agro semeado,
E abate os combros da infecunda terra,
De um rio lhe mandando àgua encanada?
E do que, se arde o campo, e as hervas morrem,
Do alto declive lhe allicia a lympha
Que nos lisos calhàos rouca murmura,
E a aridez interior tempera as lavras?
E o que do nìmio viço as messes livra
Do sulco estando a par, dando-as às rêzes,
Para o côlmo aguentar da espiga o pêzo?
E o que os charcos despeja à terra bibula,
E com dupla rasão se em dùbios mêzes
Transborda ao largo o rio, e enloda os campos,
Onde tèpido humor paùis exhalão?
Nem sò para medrar em culto a terra
Do trabalho de bois, de homens carece.
Convem affugentar-lhe ìmprobos gansos,

(1) O solsticio è o do verão, segundo o uso Latino; pois que nòs chamamos solstìcio hyemal, os Romanos davão o nome de — *brumæ* — O poeta acconsêlha o pedir os verões humidos, e os hynvernos claros, para que a intensidade em ambos seja modificada.

(2) Mysia, região na A'sia menor, hoje Natolia.

(3) Gàrgara, uma parte do monte Ida, muito fertil em trigos.

Strymònios grous, e de raìz amarga (1)
Nocivos almeirões, sombras nocivas.
Quiz Jove a agricultura não sem custo; (2)
Campos moveu por arte elle o primeiro,
Com cuidados picando o peito aos homens,
Não consentindo que em lethargo infausto
As suas possessões se entorpecêssem.
Ninguem antes de Jove arava os campos,
Nem jus havia de traçar limites;
Commum tudo era a tôdos: sem cultura
Davão mais a seu gôsto as terras tudo.
Na serpe atra elle poz virus damnôso,
Mandou mover-se o mar, roubar aos lôbos,
Das fôlhas sacudio o mel doirado,
O fôgo removeu, tancou o vinho
A câda passo em borbotões correndo; (3)
A fim que pouco a pouco meditando,
O uso fizesse rebentar as artes,
E a herva do pão nos sulcos procurasse;
A fim que dos canaes da dura sìlice
Obrigasse a saltar o fôgo occulto.
Então primeiro os rios presentirão
Os àlamos cavados; as estrêllas
Contou então o nauta, e poz-lhes nomes
De claro Arcturo, de Hyadas, de Peiadas: (4)

(1) Grous do Strymon, rio de Thràcia, onde hà muitas destas aves.

(2) Segunda parte. Origem da Agricultura.

(3) Ovidio tem sôbre este assumpto este bom verso:

Flumina jam lactis, jam flumina nectaris ibant.

(4) Arcturo (nota ao vers.) As Pleìadas erão sete filhas de Atlante, rei da Mauritania, e da Nympha Pleione: forão convertidas em estrellas por que o pai se atreveu a julgar do futuro pelo movimento das estrellas. Os Romanos chamavão-

Então foi que se achou colher a laço,
E com visco enganar a caça bruta,
E circundar c' os cães extensas brenhas;
Já um com a tarrafa o rio açoita,
E ousa na mòr altura estar sem mêdo;
Do pèlago traz outro hùmidas rêdes:
Então fez-se geral o uso do ferro;
Da serra ouvio-se a fôlha estrepitosa;
(Fendia-se a madeira outr' hora a cunhas.)
Parecêrão então as vàrias artes;
Tudo vencêrão ìmprobos trabalhos,
E a urgente precisão em àrduos casos.
Foi Ceres quem primeiro arar as terras
Mostrou com ferro aos homens, já faltando
Landes, medronhos nas Dodòneas selvas.
Trabalho então nasceu com taes favôres.
A damnosa ferruge roe os côlmos,
Faz-se hòrrido na lavra o cardo inutil,
O àspero abrôlho surge, as messes morrem,
E entre as doiradas ondas das espigas
Domina o triste joio, a aveia esteril.
Se a crebro arado a terra não retalhas,
Se estrepitôso as aves não espantas,
Se não derribas com a foice as sombras,
Se com votos a chuva não imploras;
Debalde, ai! Veràs de outro o grão celleiro,
Iràs matar co' a lande a fome aos bosques.

---

lhes — *Virgilæ* —, e as julgavão as sete estrêllas do collo de Tauro: hôje sò seis se avistão. Mostravão ao nascer, que è no meado de Março, o tempo da primeira navegação. As Hyadas erão outras sete filhas de Atlante, e de Æthrea; forão transformadas em estrellas por estarem inconsolaveis pela morte de seu irmão Hyas. Os Latinos lhes chamão — *Surculæ* —, e são as sete estrellas na fronte do Tauro: nascem no hynverno.

Os utencìs direi do duro agrìcola ; (1)
Sem taes não vai à terra , ou surge a messe :
Primeiro o curvo arado , e a grave rêlha ,
Tardos na volta os plaustros de Eleusina , (2)
Mangoaes , e ensinhos de pesada mole ;
Tambem de medronheiro as grades rudes ,
Movidas por Celeo com règia dêxtra ,
E de Lyeo a mystica joeira : (3)
Tudo isto de antemão deves ter prompto ,
Se anhelas juz de agricultor à glòria.
Para o côrpo formar do curvo arado
Com grandes fôrças dobra-se ôlmo eleito.
Temão de oito pès longo então se lhe une ;
Dois dentaes se lhe põe , duas aivecas.
Tis leves , altas faias melhòr cabem
A' rabiça , onde a mão rege o apparêlho :
Madeira tôda suspendida ao fôgo
O fumo a prove , e rigidez lhe entranhe.
Muitos mostrar-te posso anciãos preceitos ;
Não fujas , lições tènues não te ennojem.
Logo c' o grão cylindro a eira se applaine ;
Robore-a tenaz grêda em mão sollìcita
Contra as hervas , e o sol , que fendas lhe abre.
Mais imigos tem inda. O exìguo rato
Tem casa , e faz celleiros sob a terra ,
E a toupeira sem-olhos cava os ninhos ; (4)
Là se acha em toccas o nojento sapo ,
E muito outro animal , que as terras crião :
Despovôa o gorgulho ingentes medas ,
E a formiga , temendo a velhez triste.

---

(1) Terceira parte. Os instrumentos da lavoira.

(2) Eleusina , è Ceres. (Vej. a nota ao vers. 22.)

(3) Por que se usava della nos sacrificios de Baccho.

(4) A toupeira tem olhos ; mas mui pequenos , e cobertos de pello. Virgilio conformou-se com o vulgar prejuizo , que as crê sem olhos.

A amendoeira contempla, quando veste
O ornato branco, e os ramos curva odoros.
Se abunda em flor, igual succede às messes;
Grande calor dará colheitas grandes:
Mas se hà de folhas multidão sem fructo,
Sò côlmo baterão mangoaes baldados.
Para medrar o grão na fallaz bage
Preparar com esmêro vi sementes,
Com albufeira, e nitro borrifadas;
Mas, mesmo o germinar sendo avançado
Com tèpida humidade, bem revistas
Por tempo longo, com trabalho assìduo,
Vi-as degenerar, não se escolhendo
Cada anno a tôdo o custo as de mòr côrpo:
Assim vai tudo a peòr correndo ao têrmo.
Dest' arte aquelle, que se affinca a remo
Levar contra a corrente a barca fragil,
Se affroixa os braços, cil-o arrebatado
Pelo querer das àguas furibundo.
Devemos espreitar de Arcturo os lumes, (1)
A clara serpe, a conjunção dos Anhos: (2)
Como quem, indo à pàtria em mar ventôso,
Tenta de Abydo as fauces mariscosas. (3)

(1) Quarta parte. O tempo da lavoira.

(2) Tres constellações, que apparecem no horizonte da Europa no curso de Septembro.

(3) Abydo, cidade sobre o estreito deste nome, defronte da cidade de Cesto, cèlebres pelos amores de Leandro, e de Hero. Este estreito se chama hoje o dos Dardanellos. Lembrou-se Des Fontaines de dizer que traductor, que aspirasse a ser lido, não devia traduzir o tão bem trazido epìtheto de — ostrìferi, e outros assim, deixando-os para os escoliastes. Não acho aqui rasão a este erudito. E' em epìthetos desta naturêza, onde se acha grande parte da graça da dicção Latina; são elles, que amplião a ideia do substantivo, ou lhe

Fazendo a Libra ao dia iguaes as noites,
Dando meio Orbe à luz, e meio às sombras,
Toiros punge, varão; entrega às terras
Dormideiras Cereaes, cevada, e linho
Athè do hynverno duro ás primas àguas.
Urge o tempo, co' a mão no arado insiste,
Em quanto o campo to permitte enxuto,
Em quanto as chuvas là das nuvens pendem.
Semeia favas na sasão de Flora;
E quando co' as doiradas curvas hàsteas
As portas abre do anno o Toiro lùcido, (1)

---

ajuntão multidão de outras, que armão quadro encantador. — *Ostriferi fauces Abydi* — não me mostrão somente um estreito; mas tambem rochas irrisadas de mariscos, gente a trepal-as para os tirar, o modo prodigioso de nutrição destes animaes, &c., &c. — *Pocula Acheloia* — não me dà somente a ideia de àgua; mas traz-me à memoria as aventuras do rio Acheloo, a sua luta com Hèrcules, o uso antigo de se chamar — Acheloo — a todas as àguas correntes, &c., &c.

(1) E' no signo de Arìcte que principia a primavera, e consequentemente o anno astronòmico; porem Virgilio começa o anno rural pelo signo de Tauro, no qual entra o sol a 22 de Abril, nome derivado do verbo — *aperire* — como se se dicesse — *aperit terra sinus.* — Este signo è o em que se converteu o toiro, de que se vestio Jove quando roubou Europa. Diz-se que o — *auratis cornibus* — mostra duas estrellas mui luzentes, que figurão estas partes do Toiro; e Sèrvio acha pouco exacto que Virgilio diga — *aperit cum cornibus annum* — quando estas estrellas não são as primeiras, que apparecem da constellação; mas sim outras, que estão no meio do côrpo della. Sèrvio, querendo achar a exactidão mathemàtica n'uma pintura poètica, foge das bellèzas da poesia, e do —

E ve-se o Cão fugir, do Sìrio infausto, (1)

---

lege solutis — de Horàcio. A constellação representa um toiro; as principaes armas deste animal são as hàsteas; logo, que tem o poeta que seja esta, ou aquella estrella que apparêça primeiro? E' com as hàsteas que o toiro, farejando a novilha fora, abriria, ou se esforçaria em abrir a porta do seu presepe; è com as hàsteas que no quadro poètico o toiro constellação deve abrir as portas do anno.

(1) O — *adverso cedens canis occidit astro* — tem dado que fazer. Des Fontaines diz — *Quand la constellation du Chien descend sous l' horizont en même temps que le Soleil.* Delille exprime por outras palavras o mesmo sentimento:

. . . . . et quand l'astre du jour,
Ouvrant dans le taureau sa brilhante carrière,
Englontid Sirius dans des flots de lumière.

Antonio Ambròzio, seguindo o parecer de La Rue, lê — *averso* — em vez de — *adverso* — e allude à constellação da Nào Argos, que, vindo a poz o Cão appresenta na dianteira a poupa em lugar da prôa. Porem eu adopto antes o sentir de Leonel da Costa, por me parecer mais poètico; è este: — *Canis* — aqui è o Cão maior, ou estrêlla da lingua da constellação Cão, a qual estrêlla apparece pelo meado de Maio, e o Sìrio, ou Canìcula, estrêlla na cabeça da dita constellação, nasce em Julho. Assim: — *canis occidit* — a estrêlla da lingua põe-se — cedens — dando lugar — *astro adversso* — ao Sìrio infausto, por que no tempo delle acontecem muitas doenças. Por tanto mostra o poeta que o tempo de semear trêvo, e milho è entre os 22 de Abril quando o Sol entra em Tauro, e o fim da primeira metade de Maio, època da apparição do Cão maior.

Recêbão trêvo teu hùmidos sulcos,
E o milho te requer annuaes cuidados.
Mas se a nutriente farro, a ùnico trigo
A preparada terra sò destinas,
Antes deixa ir de Atlante a prole Eoa, (1)
E ver-se a Gnòsia c'rôa almas estrellas, (2)
Do que os devidos grãos mandes aos sulcos,
Com sôffrega ambição confiando em risco
Annual remèdio a lavras constrangidas.
Semear se ousa de Maia antes do occaso; (3)
E illude a messe então com vãs espigas.
Se ervilhas queres, se feijões humildes,
Se lentilhas Egypcias não despresas;
Certo ao por-se te dà signal Bootes: (4)
Começa, e leva o affan thè vir o hynverno. (5)
Rege o àureo sol, correndo signos dôse,
Em pacteadas porções medido o Glôbo.

---

(1) A prole Eoa de Atlante são as Pleiadas.

(2) Nesta constellação foi mudada a corôa, com que Baccho presenteou Ariadna em a ilha de Naxos, onde a achou abandonada por Theseo. Era ella filha de Minos, rei de Creta, onde havia a cidade de Gnos, da qual a corôa tomou o nome.

(3) Maia, uma das Pleiadas.

(4) Bootes, o boeiro, ou guarda da Ursa, estrella, que se põe aos cinco de Março.

(5) Diz o texto:

Incipe, et ad medias sementem extende pruinas.

Não quer Virgilio dizer, como pensão muitos, que se deve semear thè meio hynverno; mas sim athè topar com elle. Jà antes dice:

Usque sub extremum brumæ intractabilis imbrem.
. . . . . .
Dum sicca tellure licet, dum nubila pendent.

Abração zonas cinco o amplo dos ares.
C' o solar fôgo rubra arde uma sempre :
De um lado, e de outro, em par distancia della,
Outras duas põe meta a extremos do Orbe ;
Cerùleo gêlo as cobre, atras tormentas.
Entre estas e a do meio, em dom dos Numes,
Duas se derão aos mortaes chorosos :
Por marcos tem os mais distantes pontos,
Que oblìquo tocca o lùcido zodìaco.
Para os montes Rhipheos, e fria Scythia
Vai medrando em alturas o àrduo Mundo ;
Decresce quanto estende aos Austros Libyos. (1)
Visinho ao Cèo, sublime è nosso Polo ;
Mas o outro sob as plantas considerão
Profundos Manes, e Acheronte escuro.
Serpeando em theor de rio o Drago ingente,
Com largos orbes cerca ambas as Ursas,
As Ursas, que no mar banhar-se temem.
E' fama que alli sempre a triste Noite
No seio da mudez sò traja sombras ;
Mas quiçà quando a Aurora è de nòs longe
Là guie a Phebo o côche luminôso ;
E quando deste os pôtros luz nos soprão
Là rubro accenda Vesper as estrêllas. (2)

(1) Os antigos crião que a terra engrossava nos polos, e se achatava no equador, fundados, como diz Justino, em que todos os rios, que nascem do Norte, correm para o Meio-dia. O pensar dos astrònomos de hoje è o contrario sobre este ponto do que se cria no tempo de Virgilio.

(2) A existencia dos antìpodas era apenas então suspeitada, e cria-se em geral, que o polo antàrctico era da parte do Inferno. Com tudo, Manìlio, poeta do seculo de Augusto, ou mais certo de Theodosio, parece estar bem persuadido daquella existencia, como se colhe destes versos do seu poema astonòmico :

Lendo no dùbio Cèo com taes principios,
Tempos futuros antever se deve,
Conjunção de semear, quadra de segas,
Ou, para nàos, talhar no bosque os pinhos.
Não debalde espreitamos cuidadosos
Nascente, e occaso dos brilhantes signos,
Partido o anno em sasões quatro, e diversas.
Quando a chuva retem no òcio os agrìcolas,
Faz-se o que em claro sol far-se-hia à pressa:
Da gasta rêlha o dente se acicala,
Barcas se cava em troncos, ou nos gados
Signaes se põe, e medas se numera:
Outro aguça pontões, garfos bìdentes,
De Amèria appresta o esteio às vides novas; (1)
Jà tece a rubra vêrga em fàceis cêstos,
Jà torra ao fôgo os grãos, na pedra os moe. (2)
Tambem de festa aos dias leis, costumes
Certo trabalho marcão: nenhum rito
Veda o regar, e seve erguer às searas,
Laço às aves armar, arder espinhos,
Banhar balante grei na onda saudavel;
E com pomos aldeãos, com pingue azeite
Do tardio jumento sôbre o dôrso,
Vai-se à cidade appressurando a rota,
E traz-se a mò picada, ou pez em bruto.
Propicios ao trabalho marca os dias
Tambem a argentea lua. O quinto evita: (3)

Altera pars orbis sub aquis jacet invia nobis,
Ignotœque hominum gentes, nec transita regna,
Commune ex uno lumen ducentia sole, &c.

(1) Amèria era uma cidade de Umbria, onde se usava esteiar as vides.

(2) Era uso torrar o grão, e pol-o em pò para assim se comer.

(3) Virgilio è aqui astròlogo: segue, ou, me-

Naseêrão nelle as furias, e o Orco pàllido;
Nêlle em parto nefando a Terra dura
Pario Cèo, e Typheo, pario Japeto,
Reveis irmãos, que aos Cèos armàrão guerra.
Tres vêzes o Ossa erguêrão sôbre o Pèlio,
E rolàrão sôbre o Ossa o umbrôso Olympo;
Tres vêzes Jove c' o trisulco raio
Longe espalhou os montes sobrepostos.
O sèptimo è feliz, ganha-lhe o dècimo
Para as vinhas plantar, domar os toiros,
E à tènue tela unir c' o pente os fios;
Apto o nono a viajar, ladrões o temem. (1)
Muito hà, que mais requer gèlida noite,
Ou tempos, em que a Aurora orvalha os campos:
Cortar restôlho à noite, e àridas hervas
E' melhor; stão mais brandas co' a noite hùmida.
Muitos vigião em serões hybernos
Ao duradoiro lume, e a ferro buìdo
Pontões agução, que os exige o tràfico.
A esposa então c' o canto o affan encurta
Correndo as tellas c' o ruidôso pente,
Ou cose ao fôgo o humor do dôce môsto,
Com folhas espumando-o em bronze trèmulo.
Mas seifa Ceres rubra ao sol ardente,
Ao sol ardente bate as sêccas messes.
Da-te em bom tempo a affans, no hynverno a brincos.(2)

Jhor, finge seguir as ideas do seu tempo, e religião. Foi notado por Plìnio, que diz: *Virgilius etiam in numeris lunæ quædam digesenda putavit, Democriti secutus ostentationem.*

(1) A noite do nono dia de lua è tôda alumiada.

(2) Diz o têxto:

Nudus ara, sere nudus; hyems ignava colono.

E' imitação de Hesìodo, que diz na traducção Latina: *nudus ara, nudusque sere, et mete corpo-*

Gera o hynverno prazer, ansias rechaça.
Do ganhado então gosa ovante o agrìcola,
E mùtuas festas c' os collegas arma:
Assim, toccando ao pôrto a nào pejada,
Na pôpa o nauta põe c'roas alegre.
Mas de tôdo não para; colhe as landes,
A oliva, o myrtho cruento, as laureas bagas;
Arma laços aos grous, rêdes aos cervos
Segue orelhudas lebres, crava as côrças
Stùpea funda Balear calhàos vibrando, (1)
Quando hà neve a montões, em gêlo os rios.
Dos signos antumnaes, das tempestades (2)
Que hei de dizer? Da alerta necessaria
Quando è mais breve o dia, e o sol mais brando?
Ou quando rue aquosa a Primavera,
Jà erguendo-se em campo a messe verde,
Jà rijo o côlmo, tùmido de leite?
Na mesma sega dos doirados campos
C' o fragil côlmo jà ligada em feixes,
Pugnar frequente vi ruidosos ventos,
Desarraigando larga messe gràvida;

---

re nudo — Não julguei a propòsito traduzir aqui litteralmente, ainda que Ambròzio Florentino o fez, e o nosso Leonel da Costa. Pareceo-me bom cingir-me aqui à fraze de Delille, tendo jà della usado em prosa o Ab. Des Fontaines: è esta:

Donne aux soins les beaux jours, et l'hiver à la joie.

(1) Aqui apportuguezei o adjectivo — stupeus, a, um — coisa feita de estôpa; por que não achei outro modo de exprimir dignamente esta ideia. As ilhas Baleares são Majorca, e Minorca no Mediterraneo, onde se usava de certas fundas, que varejavão longe as pedras.

(2) Quinta parte. Os prognòsticos do bom, e mào tempo.

E em nêgro turvelino arrebatadas
Viras boiantes no ar nuvens de côlmo.
Frequente corre o Cèo vinda do polo
Immensa turma de appinhadas nuvens
De atros dilùvios, de coriscos prenhe;
O Ether furiôso rue, e raios de agua
Prostrão o affan dos bois, as pingues lavras:
Enchem-se as valas, e os cavados rios
Impellem com fragor torrentes grossas,
E em torbilhões fervendo os mares roncão.
Sentado então no horror das tempestades
Jove co' a rubra mão dardeja os raios;
Trème ao impulso a terra corpulenta,
Fogem os brutos, e no peito humano
Os corações medrosos esmorecem.
O Deus c' o dardo ardente abala irôso
Athos, e Rhòdope, e os Ceraunios altos; (1)
O ar co' a chuva se obumbra, os Austros medrão;
Là muge a praia, a selva alem retumba.
Cauto por tal temor nos Cèos estuda:
Vê qual vem de Saturno a fria estrêlla,
E o gyro, em que erra o fùlgido Cyllènio. (2)
Primeiro aos Deuses honra, e à grande Ceres
Sacrificios annuaes na relva instaura,
No fim do hynverno ao despontar de Flora.
O anho està pingue então, mui dôce o vinho,
Então è grato o somno, e o monte umbrôso.
Tôda comtigo a agreste juventude
Dê culto à Deusa, para quem dilue
Em leite, e meigo vinho o mel doirado:
Tres vêzes em redòr da nova seara
Com fausto agoiro leva a sacra vìctima;
Três vêzes tôdo o côro atraz ovante

(1) Athos è monte de Macedònia, Rhòdope da Thràcia, e os Ceraunios do Epiro.

(2) E' Mercurio, por que nasceu no monte Cyllenio.

Com devoto clamor brade por Ceres :
Nem à madura messe alguem se atrêva
A foice submetter, antes que à Diva,
Coroado de carvalho retrocido
Salte alegre sem theor, hymnos descante.
Para ao certo antever chuvas, tormentas,
E o vento, autor do frio, ordenou Jove
Fôsse a lua mensal quem desse annúncios
De em que signo ruiria Austro medonho,
E o previdente agricola vedasse
Ir longe dos corraes os armentios.
Ao surgir dos tufões sùbito os mares
Crêspos se agitão jà, jà se encapellão ;
Sêcco fragor rimbomba nas montanhas,
Ao largo as praias hòrridas remugem,
E o tôrvo murmurar nos bosques medra.
Ai das curvadas nàos nessa onda irosa !
Quando do seio della accelerados
Fogem os mergulhões, e a praia atrôão,
Brinca em sêcco a gaivota, e os notos lagos
A garça deixa, e monta às altas nuvens.
Se do Cèo despenhar-se estrêllas vires, (1)
Pêlas sombras da noite apoz deixando
Esteira longa de alvejantes lumes ;
Ou leves palhas voar, caducas fôlhas,
Ou brincar pennas sôbre a flor das àguas,
Vê precursôres de hòrridas borrascas.
Quando a Bòreas fuzila o tôrvo gesto, (2)

(1) Virgilio aqui accomodou-se à crença vulgar, que diz cahirem estrellas ao ver estas inflamações aèrias, que em certas noites apparecem ao correr dos ventos. Aristòteles as creu exhalações da terra aptas a se inflammarem. A Physica moderna vai mais adiante : esta flamma desenvolve-se, sem duvida, de combustões do phòsphoro por meio do oxigènio, &c., &c.

(2) Virgilio tirou de Arato estes presàgios. Pli-

E de Zèphyro, e de Euro os reinos tôão,
Tremenda inundação ameaça os campos,
E em mar o nauta ferra as velas hùmidas.
Nunca a chuva a ninguem colheu de súbito.
Ora dos imos vales foge ante ella
Dos grous o aèrio bando; ora a novilha
Apanha auras do Cèo c' as amplas ventas,
Ou no lago a andorinha galreadora
Vôa, revôa, roça a flor das àguas,
E coaxa a rã no lôdo a queixa antiga: (1)
Tambem de ìntimos tectos tira os ovos
Canta a formiga abrindo estreita via;
Iris bebe àgua ao mar, ao Cèo fulgôres, (2)

---

nio diz: *cum ab aquilone tantum fulgurat, in posterum diem aquam protendit.*

(1) Os camponezes da Lycia forão transformados em rãs, por fazerem zombaria, e injuriarem de palavras a Latona, que andando pejada de Apollo, e Diana, se chegava a um lago para matar a sêde. Ovidio amplamente o descreve na 6.ª Mæt, em que tem estes bons versos, que excedem os mais:

Nunc quoque turpes
Litibus exercent linguas; pulsoque pudore,
Quamvis sint sub aqua, maledicere tentant.

(2) Segundo a mà Physica daquelles tempos, pensava-se que o arco Iris era como uma bomba, que chupava àgua do mar, e fontes. Daqui veio o dizer-se que ella era a messageira de Juno, isto è do ar. Diz Lucano:

Oceanumque bibit, raptosque ad sidera fluctus
Pertulit, et cœlo diffusum reddidit æquor.

E' ideia muito favoravel à poesia. Este mesmo officio atribue o vulgo a certa disposição das nu-

E os grandes batalhões de negros corvos,
Largando os pastos, no ar grasnido espalhão.
Certas aves do mar, e outras, que indagão
Do Asiàtico Caystro as flòreas margens, (1)
Então veràs profiosas dar mergulhos,
Ora co' a frente as ondas apparando,
Correndo ora sobre ellas, e incessante
Em vão lidarem em branquear-se a alvura: (2)
Então por chuva grita a gralha esquerda
Passeando pelas praias solitària. (3)

---

vens, que finge uma manga. Camões ainda faz a excellente pintura, que começa:

Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e coisa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas àguas do Oceano.
. . . . . .
. . . . . .

E termina

Vejão agora os sabios na escriptura,
Que segrêdos são estes da Natura.

(1) Rio da A'sia menor, onde hà muitos cysnes; estas, e similhantes aves andão indagando pelas margens se achão algum nutrimento, como vermes, grãos, &c.

(2) Debalde instão em branquear-se por que a sua alvura não se pode fazer mais branca.

(3) E' neste sentido que Horacio diz:

. . . . aquæ nisi fallit augur
Annosa cornix . . . . . .

Lucano diz:

. . . . velut occupet imbrem
Instabili gressu melitur littora cornix.

Carmeando armeos nocturnos as donzellas
Tambem dão fè das chuvas, quando observão
Espirrar à torcida o azeite em flammas,
Crescer pôdres morrões, e a luz murchar-se.
Depois das chuvas vem o tempo ameno.
Podes prevel-a ao certo; então estrêllas
O largo enchem do Cèo mais fulgurantes;
Clara a lua do irmão raios emula,
Nem, quaes vellos de lã, jà vôão nuvens.
Cessa as pennas de expor a ave de Thetys (1)
Na praia ao brando sol, e o bruto immundo
Não mais roe, e dispersa à messe os feixes:
Mais desce a nuve, e appoio acha nos campos:
Expiando o occaso ao sol, no alto dos tectos
Não mais a voz teimôso allonga o môcho.
Niso erguido se vê no puro do Ether, (2)
E quer filial traição punir em Scylla;
Por onde ella a fugir o ar leve corta,
Ruidôso lhe vai sôbre em furia Niso.
Vôa Niso em tal rumo, e ella fugindo
Ràpida cortando o ar lhe furta as voltas.
Com voz mais clara então os corvos grasnão;
E não sei com que insòlita doçura
Entre a folhage aèria ovantes brincão
Depois das tempestades, e revoão
A' pequenina prole, aos caros ninhos.

(1) Esta ave è o maçarico, em cuja especie forão transformados Ceyx, filho de Lucifero, e sua mulher Halyone, filha de Eolo; do nome desta se chamou a estas aves — *Halcyones.* —

(2) Niso, rei de Megara, tinha um cabêllo purpùreo, de cuja conservação dependia a sorte de seus estados: Scylla, sua filha, pelo amor de Minos, que cercava a Niso em Megara, lhe cortou este cabêllo. Niso foi transformado em falcão, e Scylla em cotovia: aquelle sempre persegue esta como para a punir da perfidia.

Certo eu não creio que vidente ingenho, (1)
Sciencia mòr que a lei dada, o Cèo lhes preste:
Mas, tanto que mudou do ar a inconstancia,
E o hùmido sôpro dos ligeiros ventos
Condensa o raro, rarefaz o denso,
Nos animaes altera-se a existencia,
E pulsa o coração de theor diverso
Do que era em quanto o vento urgia as nuvens;
Por isso em flòrea quadra as aves trinão,
Salta a grei, mais alegre o côrvo grasna.
Mais; se o ràpido sol, se a lua observas,
Nunca te enganarão as horas càstinas,
Traições evitaràs da noite amena.
Se Phebe, ao renovar brancos fulgôres,
Deixa na escuridão bolear-se os angulos,
Urde-se à terra, ao mar chuveiro infausto:
Se virgìneo rubor no rosto espalha,
Prediz ventos: signal sempre infallivel.
Se ao quarto dia pelos Cèos passeia,
Luminosas mostrando ovante as pontas,
De certo em todo o mez, tal dia guiando-o,
Puros os Cèos serão, sem bafo os ventos;
E o nauta a salvo cumprirà seus votos

(1) E' para admirar com quanta sciencia Virgilio entra nos mais miudos detalhes neste difficil poema! Não crê elle, como o vulgo, que os animaes advinhão, nem, como alguns philosophos, que elles são capazes de combinar ideias, e deduzir consequencias em parallelo dos homens; porem conhecendo a influencia da atmosphera sôbre os corpos, que involve, diz que os animaes se modificão segundo as alterações daquelle fluido elàstico, onde hà continuas composições, e decomposições em rasão do maior, ou menor grào de calòrico pôsto em acção: phenòmenos estes que a Chymica moderna tem quasi inteiramente descuberto.

A I'noo Portuno, a Panopea, a Glauco. (1)
O sol nascendo, ou se occultando na onda
Certissimos signaes tambem presenta.
Se de manchas coberto, envôlto em nuvens
Veda ao nascer meio semblante ao Mundo,
As chuvas teme; que imminente o Noto
Vem às lavras sinistro, à grei, às àrvores.
Se então dispersos raios como a custo
Rompem por entre nuvens appinhadas,
Se do auri-conjugal purpùreo leito
Sahindo a Aurora, desmaiada surge,
Ai! mal podem gardar as fôlhas a uva;
Com ruìdo horrendo vem saltão graniso.
Mas mais à lerta quando o sol vai pôr-se.
Vàrias vemos-lhe errar côres no rôsto;
A azul denota chuva, a rubra ventos.
Se rubras manchas com azues se mesclão,
Veràs tudo ferver com vento, e chuva:
Largar ao mar, desafferrar do pôrto
Em tal noite ninguem me persuada.
Se luz todo ao nascer, luz todo ao pôr-se,
As tormentas então não me atterrorem;
Claro o Norte veràs bulir nas fôlhas.
Assim dar-te-hà o sol signaes precisos
Do dùbio Vesper, do sereno vento,
Ou das machinações de Austro chuvôso.
Quem hà de ousar ao sol taixar de falso?
Guerras, que se urdem no traidor segrêdo,
Trama imminente, muita vez denota.

---

(1) Glauco pastor, tendo pescado uma vez peixes, os vio saltar ao mar por haverem toccado certa herva. Elle curiôso a toccou, e saltou ao mar. Foi mudado em Deus marino. Panopea, filha de Nero e Doris. Portuno, ou Melicerta, filho de Ino, despenhado no mar com sua mãe, e ambos forão convertidos em Devindades.

Doeu-se de Roma vendo môrto a Cesar. (1)
O aureo rosto embuçou em sombra negra ;
Temeu tão impio tempo a noite eterna.
A terra então , o mar , cães ululantes ,
Aves de agoiro derão fè do crime.
Quantas vêzes ondeante , as forjas rôtas ,
Vimos o Etna alagar campos dos Cyclopes
Com flamma em glôbos , liquidadas penhas !
No ar todo ouvio Germania ruìdo de armas ;
Os Alpes fez tremer impulso insòlito ;
Voz hòrrida se ouvio nas selvas mudas ;
Vaguear se virão pela escura noite
Descorados , multìmodos espectros ;
Fallàrão animaes , oh caso infando !
Os rios parão , bôccas abre a terra ;
Nos templos sua o bronze , o marfim chora :
O monarcha dos rios , o alto Erìdano ,
Em rudo vòrtice allagando os bosques ,
Pelos campos levou corraes , e armentos :
Não cessou em tal tempo agoiro infausto
Da hostia sanguenta nas trementes vìsceras ;

(1) Sexta parte. Os prodigios da morte de Julio Cesar.

Plinio , o historiador , diz , *fiunt prodigiosi , et longiores solis defectus , qualis occiso Cesare ; et Antoniano bello , totius pene anno pellore continuo.* Seneca è deste parecer. Plutarco falla da apparição de um cometa durante sete noites , e da offuscação do sol. Appiano , contando os prodìgios , que precedêrão o triunvirato , diz : que os cães se ajuntavão como os lôbos a uivar. Suetonio diz que muitas aves sahirão de hum bosque proximo , e perseguirão um picanço , que , levando um raminho de loiro no bico , se refugiara no palacio de Pompeo. Estas narrações historicas autorisão assaz as ficções , que o poeta faz. E' encantador este quadro ; o que Ovidio fez não è muito somenos.

Manou sangue em vez de agua, e à noite os lôbos
Soltàrão na cidade hòrridos uivos:
No Cèo sereno fusilàrão raios:
Torvos cometas derão susto ao Mundo.
Tambem vio Macedònia hostes Romanas
Talhar-se vez segunda mutuas mortes:
Fartar de sangne nosso approuve aos Deuses
Segunda vez os vastos campos do Hemo. (1)
Um dia em taes confins o duro agrìcola,
C' o arado curvo revolvendo a terra,
Acharà dardos roìdos de ferrugem,
Vàcuos morriões arrastarà co' a rêlha,
E tem de atterrorar-se ao ver dispersos,
Rôtas as campas, dos heroes os ossos.
Oh Romulo, oh Mâi Vesta, oh patrios Numes,
Que guardaes a alta Roma, e o Tusco Tibre;
Não vedeis que este heroe soccôrra ao menos (2)
Nosso arruinado sec'lo; assaz pagamos

(1) Octaviano Cesar venceo a Bruto, e a Cassio nas planices junto ao monte Hemo à vista da cidade de Philippos; e Julio Cesar havia derrotado Pompeo junto à cidade de Pharsàlia. Para evitar todas as questões que os interpretes tem armado no desate deste nò, sou do parecer daquelles que comprehendem sob o nome de Macedonia, ou Emàthia ambas as cidades Philippos, e Pharsàlia, visto que, quando Virgilio escreveu, jà estas duas cidades havião feito parte do reino de Macedònia governado por Philippe, e depois por Alexandre, seu filho. O Hemo è um monte de Thessàlia. Lucano, Floro, e outros pensão que as duas batalhas forão no mesmo lugar — *ipsa arena* — E Ovidio diz, quasi vatìcinando:

. . . . . Pharsalia sentiet illum,
Ematiique iterum madefient cede Philippi.

(2) Octaviano Cesar.

C' o sangue nosso falsidades Teucras. (1)
Muito hà que o Cèo te inveja a nòs, oh Cesar;
Ciôso te vê cuidar triumphos de homens.
Não hà mais leis; nem um sò crime falta:
A honra digna do arado hoje è phantasma:
Foge o colono, fica a lavra esqualida: (2)
Torna-se em rija espada a foice curva.
O Rheno ira-se aqui, là ruge o Euphrates, (3)
Juntas nações a alliança a ferro estragão;
Corre o impio Marte a terra furibundo.
Tal das barreiras rompe ìgnea quadriga;
Vôa; em vão o cocheiro enteza as rèdeas;
Reveis ao freio, os brutos o arrebatão.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

---

(1) Como os Romanos descendião de Teucros diz o poeta que elles pagàrão assaz as falsidades de seus pais, que são estas: Laomedon, pai de Prìamo, e rei de Tròia, edificou esta cidade com o auxilio de Neptuno, e Apollo, com o ajuste de lhes fazer certas offrendas, que lhas negou depois de construida a cidade, pelo qual crime foi punido com peste, e inundações. Mandando-lhe o oraculo que, para applacar os Deuses, exposesse sua filha Hesìone a um monstro marino, Hèrcule lha livrou com a promessa de certos cavallos, que tambem o cavilôso rei lhos negou: Hercules arruinou-lhe a cidade.

(2) Allude às perturbações da Itàlia, em que cada Triunviro tinha um partido.

(3) O Rheno grande rio de Allemanha, em cujo paìz os Romanos tinhão a sustentar uma guerra. O Euphrates, rio famôso: nasce nos montes da Armenia, fecunda com inundações a Mosopotàmia, à maneira do Nilo, e por fim se une com o Tigre, e desàgua no gôlpho Pèrsico. O poeta allude à Guerra contra os Parthos, que Ventidio havia hà pouco vencido, a qual M. Antonio continuava então.

* * * * * * * * * * *

ARGUMENTO DO 2.º CANTO.

É Dividido em sete partes: a 1.ª dos modos naturaes, ou artificiaes de produzir as plantas: a 2.ª de suas differentes especies, e maneiras de cultura: a 3.ª do terreno, que convem a cada uma dellas: a 4.ª da arte de conhecer a natureza deste terreno: a 5.ª da cultura da vinha: a 6.ª da cultura das oliveiras: a 7.ª è o epìlogo da felicidade da vida campestre.

AS GEÒRGICAS.

SEGUNDO CANTO.

CUlto agrario cantei, e Olympios lumes;
Canto-te agora, oh Baccho, e agrestes bosques,
E a seròdia em crescer Palladia oliva.
Vem, pai Leneo; aqui reinão teus mimos:
O Oitono ornão por ti purpùreos cachos;
O môsto em cheias dornas ferve, e espuma:
Vem, pai Leneo, aqui; despe os cothurnos;
Tinge comigo os pès em nectar frêsco.
Em plantas crear è vària a Naturêza: (1)
Umas sem culto nascem espontâneas, (2)
Cobrem os campos; bordão curvos rios;
Taes são o brando amieiro, a humilde giesta,
O alto chôpo, e o salgueiro vêrde-cândido: (3)
Outras se elevão de semeado germen; (4)
Tal se altêa espinhôso o castanheiro,
A grande azinha assombra a Jove as selvas,
E o carvalho, que à Grècia aventa oràculos. (5)
N'outras, qual cereijeira, ou ôlmo opaco,
Pullulão da raiz bastos renovos; (6)

(1) Primeira parte. Os modos naturaes, ou artificiaes de produzir as plantas.

(2) Primeiro modo natural.

(3) De fôlha vêrde por um lado, e branco pelo outro.

(4) Segundo modo natural.

(5) O carvalho era consagrado a Jove. Debaixo desta àrvore os Gregos ião demandar o futuro, e ouvião as respostas.

(6) Terceiro, e ultimo modo natural.

Tal o inda-sem-vigor Parnàssio loiro
Da mãi sob a ampla sombra se agiganta.
Leis taes a Naturêza deu primeiras;
Com ellas enverdece a fertil àrvore,
Com ellas a floresta aos Deuses sacra.
O mestre uso depois fez novas plantas.
Aqui, do côrpo maternal rancando-as,
Tenras hàsteas despoz cuidôso em sulcos: (1)
Alli stirpes sotterra em campo alheio; (2)
Põe quadrìfida estaca, ou ramo agudo: (3)
Outras vem mergulhar, em forma de arco,
Seus vivos membros em natal terreno: (4)
Hà quem àrvores poda, e não duvida
As summidades entregar à terra. (5)
Existe um mòr prodìgio! Ao tronco estranha
Lasca olivar jà sêcca inda hàsteas brota (6)
Nascem tambem de um tronco alheios ramos; (7)
Enxertada maçãs cria a pereira;
Corão-se ameixas no pilrito duro.
Eia pois; o geral do culto agrario,
Colonos, apprendei; por sorte o tendes:
Bravos fructos maciai com culto assìduo.
Não jaza a terra inerte: a vinha no I'smaro, (8)
E a oliveira se appraz no grão Taburno. (9)
Oh gloria, oh mòr porção do meu renome,
Vem, Mecenas; tens juz à Eternidade:
Não vou deter-te com ficticio canto:
Não tento abranger tudo com meus versos,

(1) Primeiro modo artificial.
(2) Segundo.
(3) Terceiro.
(4) Quarto.
(5) Quinto.
(6) Sexto.
(7) Septimo, e ùltimo.
(8) O monte I'smaro, vid. E'clog. 6.ª
(9) Taburno, monte de Campânia.

A tanto eu não valêra, inda possuindo
Cem linguas, bôccas cem, e a voz de ferro:
Na carreira, que abri, vôa comigo,
Velas desfralda ao pego bonançoso;
Mas costa-costa; fique a terra à vista. (1)
A àrvore, que espontânea às auras sobe,
Grande alardêa, mas infertil pompa:
Compenson-a dest' arte a Natureza. (2)

(1) Mudei a ordem deste paragrapho; pois que a Latina me não cahia bem no Portuguez. Tenho exemplo em Delille; porem a que segui è differente da delle. Esta metàphora do — *primi lege littoris oram. In manibus terræ:* — tem dado que entender aos intèrpretes. Servio diz que ella explica que o canto è facil, e breve — *in facile, in promptu res posita est.* — Leonel da Costa o segue; mas eu não. Creio que o poeta diz: — vem, solta a vela; o vento è de feição; mas nada de amarar — a metàphora dà a entender: vem, o estro me favorece; mas nada de nos entranharmos na materia, que è muito profunda — E' com rasão que Plinio diz — *Videmus Virgilium, præcellentissimum vatem, flores modo rerum decerpsisse* — Com effeito o poema didactico não è um tratado; è a collecção das principaes regras para com o auxilio da poesia melhor se apprenderem. Des Fontaines traduz assim a metàphora acima — *Viens donc, et côtoye avec moi ce rivage. Ne le perdons point de vue.* Delille não a conservou; porem sò explicou o sentido simples:

Sur la fleur des objets glissons d' un pas rapide.

(2) Trata-se das àrvores sem cultura — *nullis hominum cogentibus* —. O — *quippe solo natura subest* — do texto tem dado que entender. Uns pertendem que — *solo* — explica a raiz da àrvore, e

Mas enxertada, ou posta em chão cuidado,

---

traduzem assim — a naturêza dà mais fôrça à àrvore inculta para chupar o succo da terra —. Outros tomão o — *solo* — pêla terra, e traduzem : a natureza faz que a terra dê a melhòr parte do seu succo à àrvore inculta. — Des Fontaines em lugar da melhòr parte do succo, diz mais quantidade — *leur fournit plus de suc.* — Delille explica este lugar com um excellente verso :

La nature se plut à parer son ouvrage.

Porem creio que lhe cabe aquelle dizer de Horàcio —

Purpureus late splendet panus, sed nunc non erat ei locus . . . . . .

pois que esta idea não è a de Virgilio. Não diz este poeta que a natureza põe mais empenho em ornar as àrvores incultas do que as submettidas à arte, como o dà a entender Delille; porêm, profundo investigador, diz que a natureza — *subest solo* — là està debaixo da terra, là preside com todo o seu poder; deixando-nos a pensar que se ella desta forma ahi està tudo prevê, tudo compensa, como em todas as outras partes. Com effeito persuado-me (respeito melhor parecer) que individuos da mesma especie vegetal tem igual quilate de vida, e se vemos uns mais corpulentos, e menos fecundos, outros vice versa, busque-se a causa na desigual repartição da fôrça vital pelos differentes systemas de orgãos de cada um delles, desigualdade dependente da influencia de causas externas. Deste mesmo modo julgo a vida nos animaes. Se vemos dois homens, por exemplo, dos quaes um nos parece de constituição muito robusta, e outro de muito debil, observemos, e acharemos que a fôrça, que a vida empregou de mais naquelle para

Perdeu a ìndole agreste, e a culto assìduo
Não tarda toma a educação, que deres.
Prêza à raiz da mãi è a hàstea esteril;
De frondìferos ramos obumbrada
Não medra em fructos, e acanhada murcha;
Mas fertil vinga nos patentes campos.
Semeado germen tardos ramos brota;
Là nossos netos lhes verão a sombra.
Degenera a maçã, seu succo esquece;
Agras as uvas vem ser pastos de aves.
Todas carecem de affanôso culto:
Planta-as no rêgo, a todo o custo as doma.
Cada qual tem seu modo; è mais conforme
Tanchão á oliva, mergulhia às cêpas;
De um ramo erguer se vê o Póphio myrtho; (1)
Dura a aveleira nasce transplantada,
Assim a palma altiva, o freixo ingente,
Assim a àrvore umbrosa, Hercùlea c'rôa, (2)
O vasto carvalhal do pai Chaònio, (3)
E a faia destinada ao mar, aos ventos.
Enxertão-se outras; a nogueira grata
No àrido medronheiro è basta em fructos,
Produz grandes maçãs o esteril plàtano,
Alvejão no orno da pereira as flôres,

---

desenvolver o systema muscular, e ossudo, deixou-a de menos no systema nervôso, e a que poz de mais a este no systema nervôso, lha tirou do systema muscular, &c., &c. Eis em summa a rasão do verso, que aqui puz, assumpto, que se podèra ventilar mais amplamente se a brevidade, que se exige de uma nota, mo permittisse.

(1) O myrtho è sacro a Venus venerada em Paphos, cidade na ilha de Chipre.

(2) E' o chôpo; delle se coroou Hèrcules ao sahir do Inferno.

(3) Jove, que presidia ao bosque Chaònio, ou Dodònio.

Na faia as da castanha, e o bruto immundo
Masca na lande sob os ramos do ôlmo.
Dois modos hà de enxêrto. Onde a borbulha,
Rompendo a casca ao tronco, sahe às auras,
Abre-se fenda estreita, e em si recebe
Borbulha estranha, que adoptiva medra.
Ou de outr' arte, sem nós cercêa um tronco,
E a unha lhe penetre o amago duro;
Là fertil ramo embebe, e vês que em pouco
Grande àrvore feliz ao Cèo se eleva,
Pasmando à nova fôlha, ao fructo alheio.
E' multìmoda a planta. Os fortes ôlmos, (1)
O salgueiro, o lodão, o Ideo cipreste (2)
Na raça mesma tem espècies vàrias.
Não mostra um só semblante a pingue oliva;
Hà longas, hà ovaes, e amarga prole:
Tal aos pomos succede em bosque Alcìnoo: (3)
Em Crustùmio, na Syria a pêra muda, (4)
E ainda differe do codôrno ingente.
Vedão-se a nosso tronco os mesmos cachos,
Que Lesbos colhe de Methymnea cêpa. (5)

---

(1) Segunda Parte. Das differentes especies de àrvores, e plantas, e dos differentes modos de cultura.

(2) Cipreste do monte Ida. Hà dois montes deste nome, um em Phrygia, outro em Creta: deste ultimo è que agora se falla, e a quem Plinio chama a patria dos ciprestes.

(3) Alcino, rei dos Pheacos tinha grande inclinação para os jardins frutìferos. Homero o elogia no liv. 7 da Odys.

(4) Crustùmio, cidade de Túrcia, Syria, ou Assyria, região em A'sia.

(5) Lesbos, ilha do mar Egeo, na qual està a cidade de Methymna, cèlebre pelo seu famôso vinho.

De uva branca se adorna o Epiro, e Thaso: (1)
Esta quer pingue terra, a outra a quer branda.
Da Psythia o rubro humor robora os passos, (2)
E o da alva ôlho-de-lebre descorado
Porà travo nos pès, e nòs na lìngua.
Com que estro cantar-te-hei, Rhètico sumo? (3)
Mas c' o Falerno nectar não contendas. (4)
O Ammìneo vinho è forte, e a primasia (5)
Lhe cede o rei Phaneo; lhe cede Tmolo. (6)
Pequeno cacho Argivo a todos vence (7)
Em render sumo, e entrar por longos annos.
Nem tu, oh Rhòdia, grata aos Cèos, aos homens, (8)
Oh coração de gallo entumecida,
A meu canto escapaes . . . Mas eu que intento?
Sem conto especies hà, nomes sem conto.
Quem sabel-os quizer numere areias,

---

(1) O — Mareotides — do texto pode referir-se ou a *Mareia*, lago do Egypto, ou a *Mareotis* parte da Libia, ou a Mareotis porção do Epiro. Refiro-me a esta por seguir o maior numero. Thaso, ilha do mar Egeo.

(2) Psythia è nome obscuro. Cerdano, e Columella chamão à vide Psythia vide Grêga, suspeitando ser este nome derivado de algum lugar, ou cidade da Grecia.

(3) Rhècia, região da Italia, junto aos Alpes.

(4) Falerno, monte, e campo de Campânia.

(5) Columella diz que a vide Ammìnea foi sò dos antigos conhecida. Aristòteles diz que fôra trazida de Thessàlia pelos Ammineos, povos daquella região.

(6) Tmolo, vid. Georg. 1.ª Phanco, monte no promontorio de Chio, ilha do mar Egeo. Rei, por ser muito cèlebre pêlo vinho.

(7) Uva assim chamada. A miuda era melhor do que a graùda.

(8) E' famôso o vinho da ilha de Rhodes, ilha no Mediterraneo.

Que Zèphyro ergue em Lìbya, e ondas ao Jònio,
Quando Euro as joga à praia hòrrido aos nautas.
A tôdo o fructo não hà propria terra. (1)
Junto dos rios os salgueiros nascem,
Os ôlmos ao pè da àgua adormecida,
E o orno infecundo em pedregosos montes;
Folga em praia um myrthal, c' o frio os teixos,
Ama Baccho as collinas descobertas.
Vê os cultôres dos confins do Glôbo,
O Gelono pintado, o A'rabe Eöo; (2)
Veràs que em cada clima hà proprias plantas.
A sò India produz o èbano nêgro,
São sò para os Sabeos do incenso os ramos.
Dos bàlsamos, que sua odoro tronco, (3)
Das bagas desse acantho sempre vêrde (4)
Que hei de dizer? E que do bosque Ethìope,
Onde cândidos flocos stão pendentes? (5)
Como os vellos penteie o Sere às fôlhas? (6)

---

(1) Terceira parte. Do terreno, que convem a cada especie de plantas, ou arvores.

(2) Os Gelonos erão povos barbaros da Thràcia, que costumavão pintar os corpos proprios. Chama o poeta Eoa à Arabia por que esta região fica ao Oriente de Roma.

(3) Falla de um arbusto, que nasce exclusivamente em Judea. Vespasiano, e Tito nas cerimonias de seus triumphos o fizerão ver em Roma. Uns querem que este arbusto se chamasse — *bàlçamo* —; outros, que elle fôra o que dera este succo chamado — *bàlçamo*.

(4) Não se trata do acantho arbusto, ou branca ursina, de que se fez menção na terceira E'cloga; mas de outro acantho àrvore, que sempre està vêrde. Julgão alguns ser a acàcia.

(5) E' a àrvore do algodão.

(6) E' difficil de determinar se os Seres erão Tàrtaros, Chinas, ou habitantes do Catai. Plinio diz,

Que das metas direi da praia Indiana ;
Que orla os tèrminos do Orbe ? Ir-lhes mais alta
A seta mais perita em vão se esforça.
Azêdo em succo, mas saudavel pomo (1)
Mèdia produz ; e se madrasta seva,
Malèficas mesclando hervas, palavras,
Ao entrado compoz mortal bebida,
A' vida o não chamou mais prompto auxilio.
A àrvore è grande, e similhante ao loiro ;
Fôra-o, se não lançasse odor diverso.
Tem flor tenaz, resiste a fôlha aos ventos :
Perfuma co' elle o Medo o hàlito ingrato,
E o anhèlito açodado aos velhos cura.
Mas nem a rica Mèdia em bosques nobre,
Nem do Hermo o àureo caudal, gemmas do Ganges, (2)
O Indo, a Bactra, a thurìfera Panchaia (3)

---

liv. 6 que pensa que estes povos habitavão a China Sptentrional perto da famosa muralha, que divide da Tartària a China propriamente dita. Os antigos crião que a sêda era um fêlpo, que os troncos, e fôlhas de certas àrvores produzião. No reinado de Justiniano è que se conheceu que ella era divida a certos vermes, que là a depunhão.

(1) Mèdia, região riquissima da A'sia, e um dos impèrios, que mais tem figurado no Mundo. Este pomo è o limão, a quem os antigos atribuião mil virtudes.

(2) O Ganges, Georg. 1.ª O Hermo, rio de Lydia, accrescentado com o Pactolo desàgua no golpho.

(3) A Bactra, capital da Bactriana região da A'sia entre a Pàrcia, e a India. Plìnio diz que os grãos de trigo ahi erão tão grandes que cada um ayultava como uma espiga nossa : lib. 18, 7, de tritico. O Indo, e Panchaia região da Aràbia feliz, ou dos Sabeos ; vid. Georg. 1.ª

Os louvôres a Itàlia não pleitêem.
Por flammivomas ventas horrorosos
Seu fertil solo toiros não rasgàrão ;
De hydra fatal semeados nelle os dentes
Não brotàrão morriões , messes de lanças. (1)
Mas a Màssica vide , a pingue seara (2)
Co' a oliva nelle brilha , e ovante o armento.
Corcel guerreiro alli campeia altivo :
Alli o niveo toiro , a mòr das victimas ,
Banhado em teu humor , Clitumno sacro , (3)
A's aras leva os triumphos da alta Roma.
Hà sempre estio , hà primavera sempre ;
Tem prenhez dupla a grei , a àrvore os fructos :
Não ruge o sevo leão , ràbido o tigre ,
Nem o acònito empesta a mão incauta ;
Nem cobra arroja squâmea immensos orbes ,
Nem avulta feroz quando se enrosca.
Tantas a puro affan quebradas rochas
Vê rios ir lambendo antigos muros.
E o pego , que lhe banha ambas as ribas ? (4)
E tanto lago ? Tu , màximo Laro ? (5)

---

(1) Allude a Colchos , região da A'sia junto ao Ponto. Jason là foi roubar o vello de oiro suspendido no bosque de Marte ; matou o dragão , que o guardava , semeou-lhe os dentes , dos quaes nascêrão soldados a prò delle conquistador , e domou os toiros , que lançavão fôgo pelos narizes , &c. &c.

(2) Vide do monte Mássico em Campânia. Vid. Ecl. 5.ª

(3) Clitumno , rio de Umbria , desagua no Tibre. Era no Clitumno onde se banhavão os toiros brancos , que nos triumphos se offerecião a Jove Capitolino ; por que se cria que aquellas àguas os fazião mais brancos possiveis.

(4) O mar Adriàtico do lado septentrional , e o Tyrrheno do meridional.

(5) Este è o lago hoje chamado *Lago di Como.*

Tu, Benaco? E's um mar em ruìdo, em ondas. (1)
E o Locrino, que o encerra o pôrto Jùlio,
Onde o Thyrrheno mar resvalla irôso,
Longo estridor ao largo hòrrido espalha,
E sò manda ao Averno ondas sem fôrça? (2)
Produz a Itala terra o bronze, o argento,
Seus rios vão volvendo areias de oiro.
Olha prole de heroes, Sabinos, Marsos, (3)
Ligùria affeita a affans, Volscos lanciferos;
Vê Dècios, Màrios vê, grandes Camillos, (4)

(1) O Benaco è hoje chamado o *Lago di Garda*.

(2) Como no lago Locrino, com quem se communicava o lago Averno, entrasse uma inundação do mar Tyrrheno muito damnosa, Julio Cesar no tempo do Triumvirato, ou, segundo outros, Augusto fez um dique entre o mar, e o lago Locrino, deixando-lhe sò entrada para os navios de baixo bordo. Este porto, que ficou muito commodo, se chamou porto *Julio*, ou por que foi feito por Julio Cesar no tempo do Triumvirato, ou por que fazendo-o Augusto lhe dera nome em memoria daquelle, como fez, segundo Suetonio, Plutarco, e Ulpiano, à lei sôbre os adulterios, que, sanccionando-a elle, não lhe chamou Augusta, mas sim *Julia* por esta mesma rasão.

(3) Os Marsos erão porção dos Samnites. Os Sabinos erão seus visinhos: Cicero lhes chama — *flos Italiæ robur Reipublicæ.* — A Liguria grande paiz era, e parte do qual formou os Estados de Genova. Os Volscos povos do Lacio: Vilitres foi a sua capital, e nella nasceu Augusto.

(4) Os dois Decios, pai, e filho, morrêrão pela republica. O velho Màrio destroçou Jugurtha, domou os Ambròmios, Teutònios, Cimbrios, e guerreou com Mithrìdates. Foi consul sete vêzes. O moço Màrio o foi uma vez, e se declarou contra Sylla: cercado em Preneste mandou a um

Scipiões, raios da guerra, e a ti, Augusto,
Que agora, vencedor nos confins da A'sia,
O Indo affugentas dos torreões de Roma.
Salve, prestante mãi, Satùrnia terra,
Grande em fructos de escôlha, em varões grande:
Honraste em prisca idade a arte, que entôo;
Por ti ousei abrir caudaes Aònios:
Deleito os filhos teus com o estro de Ascra. (1)

---

soldado que o matasse. M. Fùrio Camillo, e Lùcio, seu filho, fôrão cèlebres: o primeiro foi consul, e dictador, e venceu duas vêzes os Gallos: o segundo tambem foi consul, e dictador, e derrotou o resto dos Gallos, que seu pai lançara de Roma. O primeiro Scipião è o Affricano, que venceo Hannibal na batalha de Zama no anno de Roma 551, e em consequencia findou a segunda guerra Pùnica: tinha um irmão cèlebre chamado Scipião o Asiàtico. O segundo è Scipião Emilio, que destruio Carthago no anno de Roma 607, e terminou a terceira, e ultima guerra Pùnica. O poeta allude à derrota dos Parthos feita por Augusto no anno de Roma 734, sendo cônsules Apuleio, e Sìlio, e chama Indos aos Parthos. Lìpsio colhe de certas passages de Suìdas que o nome de I'ndios, ou Indos se dava tambem aos Scythas. Lacerda, cujos famosos commentàrios sôbre Virgilio me tem sido de tanta utilidade, observa em alguns lugares de Appiano que se dava este nome tambem aos Ethìopes. Ovidio chama negros aos Indios; è de crer quizesse explicar os Ethìopes. De mais, os Romanos não chegárão ao rio, que nòs chamamos Indo. Isto faz pensar que o nome de Indo era dado aos povos conhecidos os mais distantes de Roma de qualquer lado que fossem.

(1) Versos à imitação dos de Hesìodo, poeta nascido em Ascra, &c. Vid. Eclog. 6.ª, e 3.ª

Estudar vamos a aptidão dos campos, (1)
Cor vària, e vària a fôrça, e culto, e fructos.
Lapìdea terra quer, e àrido monte
De tènue argilla, de espinhaes coberto,
Palladia selva de vivaz oliva.
O indìcio è là crescer alto o zambujo,
Sparzindo ao longe em campo agrestes bagas.
Pingue c' o dôce humor a terra ovante
Onde o vigor alteia hervas sem conto,
Qual vemos longo valle ao pè de serras,
Para onde as àguas, vindas de altas penhas,
Trazem fecundo limo, e expôsto aos Austros
Produz feto importuno ao curvo arado,
Dar-te-hà vàlida cêpa em succos fertil,
Dar-te-hà nèctar, que brilhe em taças de oiro,
Quando, junto das vìctimas fumantes,
Gôrdo Tusco o marfim sopre ante as aras. (2)
Se o armento mais te appraz, e os pingues anhos,
Ou cabrinhas, que o culto campo escaldão,
Vai do farto Tarento aos vastos bosques,
Que perdidos chorou a infausta Mantua,
Que nìveos cysnes cria em rio hervôso:
Gramas, ou àgua pura à grei não falta,
E o pasto consumido em longos dias
De curta noite o supre o frêsco orvalho.
Quasi nêgra, mas no amago succosa,
Terra esboroada para trigo è òptima;
Poupa despezas, e mais fartos plaustros
Não trarão de outro campo os bois tardios.
Tambêm è bôa a que, em descanço hà muito,
Bosques fazendo erguer, dà fùria ao dono,

---

(1) Quarta Parte. A arte de conhecer a natureza dos terrenos.

(2) Os habitantes da Toscana, outr' hora — Turcia — erão tidos por muito gôrdos. Passava em provèrbio — ê tão gôrdo como um Toscano. Catullo lhe chamma — *obesus Etruscus.*

Que tôda abate a antiga estancia de aves ;
Que dos ninhos fugindo às nuvens montão.
Remoça o assìduo arar selvages campos.
O saibro nu em plainos inclinados
Sò rosmaninho , e orvalho a abêlhas presta ;
Tudo , que plantes , morre em tôpho ingrato ;
Na grêda andão pascendo hòrridas cobras ,
E não dà outro campo a taes venenos
Tão dôce pasto , azilos tão occultos.
Terra , que embebe em si subtìs humôres ,
E os exhala depois em tènues nèvoas ,
Trajando sempre ornato vicejante ,
Onde a ferruge deixa o ferro illeso ,
Dar-te-hà tecidos no ôlmo ovantes pâmpanos ,
Dar-te-hà formosa oliva , e assiduo culto
Dar-te-hà grei , prestar-te-hà do arado ao corte.
Taes ara Càpua rica , e olha o Vesùvio , (1)
E alaga o Clânio , infausto à vàcua Acerra. (2)
Como conhecer possas vou dizer-te
Qual seja a terra densa , ou qual a rara ;
Esta a Lyeo appraz , aquella a Ceres :
Cava experiente uma profunda cova ,
Com a terra tirada enche-a de nôvo ;
Calca-a thè por-se no nivel primeiro.
Se a chegar-lhe não basta , è rara a terra ;
Apta aos gados serà , de Bròmio às vides :
Mas se calcada sobra , a terra è densa
De côstra dura , de torrões rebeldes ;

(1) Càpua , capital da Campânia. Vesùvio , monte do mesmo destricto : lança labaredas do cume. Nunca fôrão tão vehementes como no impèrio de Tito , tempo em que Plìnio o Naturalista foi por ellas devorado chegando-se perto com o dezèjo de as observar.

(2) Clânio , rio , hoje chamado — *l' Agno* — banhava Acerra , cidade antiquissima de Campânia , e por frequentes inundações a fez inhabitada.

Só a podem arar vàlidos toiros.
Na amarga, ou salsa tôdo o culto è futil;
Nella esmorece a vide, a messe, os pòmos.
Conhece-a dêste theor: do fumo tira
Coador do ovante Lyeo, vimìneo cêsto,
Enche-o de terra, e o rega de àgua pura:
Lucta a lympha, penetra a massa tèrrea,
E entre os vimes se escôa em grossas gôtas:
Então a prova; o paladar enjoado
Signaes te mostrarà do ingrato solo.
Nunca em mãos esborôa a terra pingue;
Mas nellas, qual o pez, abranda, e adhere.
A hùmida è de alta relva, è nìmio fertil:
(Ah, tème o grão vigor das novas messes!)
Na mão vê se è pesada, ou se è ligeira.
Facil co' a vista as côres lhe percebes;
Mas custa a conhecer frieza infausta:
O pinho, alguma vez, nocivos teixos,
E hera nêgra nos diz o hòrrido vicio.
Isto entendido, a terra em montes corta; (1)
Volvel-os-hàs depois; o Norte os côsa:
E antes que a vide alegre lhes entranhes,
Dem-lhes fôrça interior a geada, os ventos,
E a mão cuidosa do robusto agrìcola:
Quem quizer fertil terra, assiduo a môva.
Transplanta, se ès experto, arbustos novos
Em solo igual ao que nascer os vira;
Não dem sùbito fè da mãi mudada.
Que parte olhou ao polo, ou qual aos Austros
Muitos marcão na casca, e taes os plantão:
Tanto da prima idade è forte o hàlito!
Que appraza mais à vide o plano, ou monte?
Planta-a cerrada em plano; è chão mais pingue;
Deixa-a rara dos montes nas encostas:
Com tanto que alinhada off'rêça aos olhos,

(1) Quinta parte. A' cultura da vinha.

Ou em valle, ou collina, ordem perfeita. (1)
Attenta a ampla legião, que em vàcuos plainos,
Posta em columna aberta aguarda os prèlios,
Raiando ondas de luz das bronzeas armas,
Inda entre ellas vagueando o dùbio Marte.
Na vinha imita a symmetria bèllica:
Não para que deleite o vão prospecto;
Mas por que igual vigor nas vides reina;
E os ramos medrão mais em livre espaço.
Fundo, que as covas devem ter, vejamos.
Ousa a vide entregar a tènue sulco; (2)
Mas a àrvore mais dentro à terra dêsça:
Sôbre tudo o carvalho, que alterôso
Tanto no ar se ergue quanto baixa ao Tàrtaro.
Rancal-o instão em vão chuveiro, e ventos;
Là jaz immoto, e, e os annos affrontando,
Muitas excede fero idades de homens:

(1) Sôbre a plantação rara, e densa das vides são do mesmo parecer Virgilio, e Plinio; mas pensão o contrario Theophrasto, e Columella. Theoph. (trad. Lat.) — *in locis enim montosis minora intervalla quam in planis relinquenda.* — Colum. — *seritur . . . macro solo quinis pedibus inter ordines; mediocri, senis; in pingui vero septenum pedum spatia danda sunt* — A rasão de Theophrasto è que, como as raizes encorpão menos nos montes, os arbustos podem estar mais unidos: à de Columella è que, como os terrenos pingues abundão em succos (*frequentes, prolixæque materiæ*) devem ter os arbustos mais separados, para os deixar escapar sem pêla sua nimia abundancia lhes causarem damno.

(2) Os interpretes canção-se em explicar que as vinhas, e àrvores não se plantão em sulcos, mas sim em covas. E' certo; mas estas covas fazião-se sôbre um sulco para ficarem em linha. Por isso o poeta assim se expressa.

De um lado, e de outro ao largo abre amplo braços ;
Colôsso vegetal grã sombra espalha.
Virada ao pôr do sol vinha não plantes ;
Aveleiras entre ella não desponhas :
Corta para plantar a hàstea mais nova ;
Mais a ama a terra, que mais perto a nutre.
Não a amasse ao cortar ferro embotado ;
Nem troncos planta là de agreste oliva,
Que muita vez o fôgo lhe entra a occultas,
Por incautos pastôres não previsto :
Na pingue casca envôlto mina o tronco
Thè que rompe a campear nos altos ramos,
No amplo do Cèos horrendo crepitando :
Jà vencedor abrange a selva inteira,
E tôdo obumbra o vasto espaço do Ether
Do fumo atro de pez co' a nuvem grossa :
Inda medra, se então A'quilo erguido
Leva com sigo as flammas appinhadas.
Então, lesada a stirpe, a planta morre,
Nem hà quem possa revocal-a à vida :
Sò o amargo zambujo è quem là resta.
Sê cauto sempre : a terra não revôlvas
Se o frio Bòreas rigidez lhe entranha ;
Seu succo então gelado não anima
Hàsteas plantadas ; mas as deixa inuteis.
Pôr bacêlo è melhor quando a ave candida,
Infausta às serpes, vem na fiòrea quadra ; (1)
Ou jà no oitono quando o sòl mais ràpido
Entre o hynverno, e o verão rege os Ethontes.
A primavera è fausta ao campo, aos bosques :
Na primavera a terra o grèmio amplia,
Sementes fecundar sôfrega anhela :
Em chuva creadôra o Ether potente
Desce, e da ovante espôsa entra no seio : (2)

(1) A cigonha.
(2) O Ether, ou ar, è tomado por Jove, e a terra por Juno.

Grande alma então dà vida ao côrpo grande;
A terra pare, e ri-se a Natureza.
Então impera Amor: de ramo em ramo
Sonoras aves, amorosas, brincão,
Brinca amorôso o gado em certos dias.
Abre os poros o campo ao môrno Zèphyro;
Fina humidade os cobre: então sem risco
Ousa confiar-se ao sol viçosa a relva;
Nem teme a vinha os furacões dos Austros,
Ou chuveiro, que os A'quilos remessem;
Mas fôlhas brota, e desabrocha flôres.
Certo a creadôra luz da primavera
Vio do Chàos surgir nascente o Mundo,
E o animou thè leval-o à mòr grandêza,
Livrando-o do rigor de hybernos Euros;
Primeira os animaes a respiràrão,
Fulgia, quando a fèrrea prole humana
De campo inculto ergueu a frente altiva,
E feras vio o bosque, e o Cèo estrêllas.
Não soffreria o Mundo o affan continuo
Se entre o frìgido hynverno, e estio ardente,
Por clemencia do Cèo, não descançasse.
Plantada a vinha jaz: cobre-a de terra
De pingue estrume sparsa, e experto ajunta-lhe
Bìbulas pedras, luzidias conchas:
Por ellas a àgua escôa, os ares passão,
Toma ânimos a terra. Vi colonos
De seixos a cobrir de têlhas rôtas;
Assim não damna a chuva, e o Cão ardente
Quando em rachas estala à sêde o campo.
Depois c' o duro alvião cumula em roda
Com grande esmêro a terra, ou move-a, os toiros
Passeando a relha entre as intactas linhas.
Leves cannas apprompta, hàsteas polidas,
Pontões de freixo, bìfidas estacas;
Nellas esteia as sem-vigor vergônteas:
Dest' arte apprendão a affrontar os ventos,
Dos montes ir trepando a àèreos topes.
Em quanto o primo viço abunda em fôlhas,

Em quanto sobe ao ar renôvo alegre
A' rèdea sôlta pêlos Cèos vagando,
Tem dò, não tomes ferro; inda são tenros;
Mas densas fôlhas sò co' a mão desbasta.
Depois quando jà forte abraça os ôlmos,
Comas lhe corta então, desponta os ramos.
Antes damnava o ferro: agora affoito
A fôrça coarcta às hàsteas luxuriantes.
Tece-lhe seve, que do gado o ampare
Em quanto è melindrôso: a cabra sôfrega,
A ovêlha, o bùfalo, a novilha o escalda
Alêm do hynverno rudo, e sol fervente.
Mas nem o alvo regêlo, que entorpece,
Nem àspero o calor, que abraza as rochas,
O damnão como a grei de ervados dentes;
Mordido o tronco, a cicatriz là fica.
Em todo o altar de Baccho o bode è vìctima
Por crime tal: de hà muito este uso existe.
Quando os Theseides sôbre theathro errante (1)
Embriagados saltavão de alegria
Por molles prados em untados ôdres,
Um bode era o seu prèmio; e, andando o tempo,
A gente Ausònia, que da Teucra nasce,
Nos jogos seus sem theor versêjão, riem,
Usando de cortiça horrendas màscaras;

(1) Os Athenienses tiverão por nome primitivo — *Theseides* —, por que Theseo foi o seu primeiro rei, que os fez edificar aldeias, e murar cidades. Entre estes povos foi onde houverão os primeiros theatros, taes que o poeta aqui os pinta. Horat. de art. Poet.:

Carmine qui tragico vilem certavit ob hircum
Mox etiam agrestes Satyros nudavit: et asper
Incolumi gravitate jocum tentavit. Eo quod
Illecebris erat, et grata novitate morandus
Spectator, functusque sacris, et potus, et exlex.

Por ti em metro ovante, oh Baccho chamão,
Pendurão no alto pinho imagens tuas.
Daqui logo rebenta a vinha, que enche
Os cavos valles, o baldio inferfil
Para onde o Deus virou risonha a frente. (1)
Honremos a Lyeo c' os pàtrios versos:
Pela hàstea às aras venha o sacro bode;
Por vara de aveleira traspassadas (2)
Torremos-lhe as entranhas gordurosas.
De renascente affan carece a vinha;
Cada anno a terra muita vez se rompe
A golpes do enchadão, e a folha inutil
Convêm que às varas tire a mão sollìcita:
Em roda sempre vai trabalho agràrio
Atoado ao gyro perennal de Phebo.
Quando a vinha depõe caducas fôlhas,
E A'quillo frio rouba o ornato aos bosques,
Jà fadigas começa o duro agrìcola
Fitando o anno, que vem, feições talhando
C' o dente adunco de Saturno às vinhas.
Cava o primeiro, queima as vides cèrceas,
E approrapta esteios; o ùltimo vendima.
Dupla vez è nociva à vide a fôlha,
Dupla vez denso espinho estorvos lhe urde:
São fadigosos os trabalhos ambos.
Louva a ampla terra; mas cultiva a pouca. (3)

---

(1) A imagem de Baccho.

(2) Como jà admoestara que se não plantem aveleiras entre as vinhas, por que a estas são nocivas; manda agora que deste modo se destruão, tomando assim vigança de dois inimigos a um tempo.

(3) O poeta acconsêlha ao lavrador que louve os grandes terrenos, incitando assim a que os cultive o numero proporcionado de braços; mas que para elle sò escôlha um pequeno terreno para ficar mais bem cultivado, dizendo que muito mais produz este d'est' arte do que aquelles não-devida-

Ao bosque o vime corta, a canna aos rios,

---

mente cuidados. Columella tambem ensina, que — *Nec dubium quin minus reddat laxus ager non recte cultus, quam angustus eximie.* — Xeneph. in Oecon. (trad. Lat.) — *Neque terra computanda est inter bona, si quæ debuit alere, cultorem affligit.* —

Por quantos pontos se não tocão reciprocamente todos os ramos do saber humano! A meditação sôbre este assumpto dà aso a cres-se que o methodo de adiantar um deve ser o mesmo para adiantar todos; que observações feitas neste servem ao progresso dos outros. Tem valido muito o methodo de descobrir as verdades geometricas ao adiantamento das sciencias moraes. Veja-se quanto bebeo Montsquieu nas obras de Hippocrates; quanto os mèdicos, e mais naturalistas modernos tem approveitado de Bacon, e de Kant. Que direi da Politica comparada com a Agricultura? Não deverei dizer que do genio desta, e das observações nella feitas tirou Numa as leis, com que additou Roma? E' com grande majestade que Virgilio faz a approximação destas duas artes:

Hanc olim veteres vitam *(agrestem)* coluere Sabini,
Hanc Remus, et frater: sic fortis Etrùria crevit
Scilicet, et rerum facta est pulcherrima Roma,
Septemque una sibi muro circumdedit arces.

A pouca terra bem cultivada confrontando-se com a muita sem ordem appresenta em quadro similhante à confrontação de um estado pequeno bem administrado com outro grande, onde reina o desarranjo. Que foi por numerosissimo o corrompido exercito de Dario ante a pequena, e desciplinada columna de Alexandre? A historia moderna tem factos anàlogos. Quão bem se applica à Polìtica o dizer de Pallàdius *(de re rustica) foecundior est culta exiguitas, quam multitudo neglecta.*

E tem cuidado no salgueiro inculto.
Jà c' o ôlmo junta a vide , jà podada ,
Jà tu cantando ao ver a lida extrema ,
Ao òcio inda não vàs ; volve inda a terra :
Perde uma chuva os sasonados cachos.
Diversa a oliva não exige culto : (1)
Extranha ao rudo ensinho , ao curvo gume ,
Tem tudo ao chão pegada , e erguida às auras.
C' o arado basta revolver-lhe a terra ;
Assim toma verdor , vàlidos fructos ,
Da paz a àrvore assim pingue se ufana.
Tanto que sente roborado o tronco ,
Por fôrça pròpria vôa recta aos astros
A àrvore fertil ; nem de nòs carece.
Assim se enche de fructo o bosque inteiro ;
Cora-se inculta co' as sanguìneas bagas
De aves a estancia ; à grei tenta o codêço ;
Nocturnos lumes nutre a selva altiva.
E inda do campo o affan repugna aos hòmens !
Para que hei de fallar das grandes àrvores ?
Offerece o salgueiro , a giesta humilde
Folhage à grei , aos pegureiros sombra ,
A's lavras seve , e succo ao mel doirado.
Appraz ver negrejar Narycios pinhos , (2)
E ondear nò alto Cytoro o buxo lùgubre ; (3)
Appraz ver essas matas , onde as artes
Permittem virgindade à Naturêza.
Os bosques mesmo nos Caucàsios topes , (4)
Que Euro fogôso assiduo quebra , e arranca ,
Inda que infertèis , utilizão sempre :
Dão pinho às nàos , cipreste , e cedro aos tectos ;

---

(1) Sêxta Parte. Cultura das oliveiras.

(2) Narìcio , cidade , ou pôvo dos Locros, onde havião muitos pinheiros.

(3) Cytoro , monte em Galàcia. Tambem assim se chamava uma cidade no mesmo paiz.

(4) O monte Caucaso. Vid. Eclog. 6.

Eil-os que rodão jà sobêrbos côches,
Eil-os pandos fendendo a instavel onda.
Presta à vide o salgueiro, è o ôlmo umbrôso;
Do teixo Ityreos arcos se affeiçôão, (1)
Do myrtho as hàsteas, do pilrito os dardos:
Muda de forma, cede ao ferro buìdo
Facil ao tôrno o buxo, o til ligeiro,
Do Pò nas ondas leve o àlamo nada, (2)
E incògnitos affans a abêlha esconde
No bôjo cavo do carvalho annôso.
De Baccho os dons com estes quem confronte?
Aso a crimes dà Baccho; elle ateou mortes
Furiôso entre os Centauros Rheto, e Pholo,
E Hyleo, que o copo alçou contra os Laphithas. (3)
Oh mui feliz colono a saber sel-o! (4)
Facil produz-lhe tudo a terra justa
Longe das armas, da discordia longe!
Elle em alto palacio não observa,
Raiando o sol, encher soberbos àtrios
De aduladôres vis a onda encorpada;
A ver em seus portões não pasme a plebe
Da linda tartaruga o rico engaste,
Mantos bordados de oiro, Ephyreos vasos; (5)
O aroma não corrompe o puro azeite;
Não tinge as nìveas lãs a cor de Tyro:
Mas paz tem certa, vida sem enganos,
Tôdos os bens, que a Naturêza outorga.

(1) Ityreos, povos da Pàrcia, ou da Syria, habeis no jôgo das setas.

(2) O Pò, rio de Itàlia. Vid. Geòrg. 1.ª

(3) O combate dos Centauros contra os Lapithas.

(4) Sèptima parte. O epìlogo da felicidade da vida rùstica.

(5) Corintho, cidade no meio do isthmo de Peleponeso, foi tambem chamada Ephyra, do nome de uma Nympha. Nesta cidade se fazião preciosos vasos de bronze.

Là stão regatos, grutas, frêscos valles,
Somno quieto, ampla sombra, e os bois mugindo:
Là stão covìs de caça, e a juventude
A fadigas affeita, affeita ao pouco;
Serve-se ao Céo, respeita-se a velhice:
A Justiça, fugindo a crimes de hòmens,
C' os colonos passou o ùltimo tempo.
Oh Musas, que eu prefiro a quanto existe,
A quem com grande amor erijo altares,
Sempre me protegei; mostrai-me o moto
Em que cada astro gyra, e a terra trème;
Os eclypses do sol, da luz fraterna,
Que impulso alteie o mar, prisões rompendo,
E o obrigue logo a entrar na antiga meta;
Por que ao mar vôe tão lesto o sol do hynverno,
Quem no estio demore as tardas noites.
Mas se no peito me arrefece o sangue,
Se em taes leis naturaes a entrar não valho;
Gratos ser-me-heis, oh campo, oh lympha pura:
Passarei sem renome a vida em bosques.
Oh do Spèrchio onde estão as flòreas margens, (1)
Taygeto affeito às virgens de Lacena! (2)
Quem do Hemo aos frêscos valles me transporte, (3)
E me cubra de sombra ingente, e amena!
Feliz quem sabe as leis da Naturêza!
Quem piza o mêdo, e o fado inexoravel,
E o fero ruìdo do Acheronte avaro!
Ditôso o que conhece agrestes Deuses,
Pan, e Silvano ancião, e as irmãs Nymphas!
Nem senatòria vara, ou règia pùrpura,
Nem dircòrdia, que ateia entre irmãos guerra;
Nem Daces vindos do Danùbio irôso; (4)

(1) Spèrchio, rio de Thessàlia.
(2) Taygeto, monte de Lacònia, cujas virgens erão dadas às festas de Baccho.
(3) Hemo, monte de Thràcia. V. Georg. 1.ª
(4) Daces erão povos, que occupavão os paizes,

Que Roma triumphe, que perêção reinos,
Nada o perturba; colhe os dôces fructos,
Que a seu gôsto lhe presta a àrvore, e o campo.
Là quieto ignora invejas, e contente
Não tem que se affligir de alheios males: (1)
Là fèrreas leis em Fôro tumultuôso
Por mercenàrio juiz pleitear não ouve. (2)

---

que nos chamamos hoje Transylvania, Moldàvia, e Valàchia. O Danubio, ou Istro, è o maior rio da Europa.

(1) Apezar de ter visto que todos os intèrpretes, que consultara, crião que Virgilio alludia ao parecer dos Stoicos de que o homem não se deve affligir dos males alheios, eu nunca me pude conformar com aquella crença. Sem combater a dita opinião Stòica, como elles fazem, a qual Seneca L. 2. *de Element.* assim exprime: — *omnes bonis . . . misericordiam autem vitabunt. Est enim vitium pusilli animi . . .* e que eu penso que approfundada deixa ver a mais activa philanthropia, sò digo que me parece imaginària aquella allusão. Assim como o poeta diz que o colono não ouve fèrreas leis, Foro tumultuoso, e mercenàrio juiz; não se move à pùrpura dos reis, à vara dos senadôres visto o campo estar livre dêstes objectos: assim creio que diz que o colono não vê males de que se affligir, não vê riquezas que inveje, e as notìcias dos triumphos de Roma, ou da queda de outros estados não chegão là, ou se chegão são jà tão frias, que lhe não dão abalo. Julgo que esta intelligencia dà mais alma ao quadro da felicidade campestre. Depois de eu ter assim pensado vi que Lacerda, fundado em Germano, era do meu parecer.

(2) Os Romanos davão o nome de — *Tabularium* — do texto a um lugar em Roma no àtrio da Liberdade, onde se guardavão os actos pùblicos, como de tributos, rendas, prèdios, &c. e onde os cen-

Hà quem com remo tente o pego incògnito,
Quem urda guerras, quem os reis adule;
Este as cidades com traições arruìna
Para em gemmas beber, dormir em pùrpura:
Um com sangue do irmão folga manchar-se,
E nova pàtria busca em terras longes;
Outro incuba thesoiros enterrados; (1)
Ante a brônzea Tribuna este se admira; (2)
C' o applauso crebro em scena outro se inflamma. (3)
Volve o colono a terra a curvo arado:
Este è o annual trabalho, este o que nutre
O estado, os filhos seus, os seus rebanhos,
E os bois tão benemèritos. Não falha
Jamais sua riqueza; agora os pomos,
Jà crias tem na grei; jà messe a montes,
Vinda dos sulcos, no celleiro peza.
Vàrios o oitono dà fructos ovante,
Amadurece o sol no monte as uvas;
No hynverno se desfaz Sicyònia oliva, (4)
Vem o medronho, vem Dodònea lande:
No emtanto os filhos, que no collo o abração,

---

sôres ventilavão os negocios do pôvo. Livii. Lib. 43. Cic. pro Ach. Vejo no dizer de Virg. a especie de metonymia, que toma o continente pêlo conteudo, por isto traduzi assim.

(1) Apportuguezei o — *incubare* — dos Lat., por que — *chocar* — pareceu-me termo chulo nesta passagem. Moraes, ainda que não traz este vocabulo no seu lugar, diz no artigo — *chocar* — que alguns eruditos delle usão.

(2) A Tribuna junto do Monte Palatino, onde se fazião os dircursos ao pôvo; era construida dos esporões de bronze das nàos tomadas aos Antìates.

(3) O poeta, que folgava ao ver as suas peças applaudidas.

(4) Sicyon, cidade de Achaia, muito abundante de oliveiras.

Seu turno anhelão de lhe dar mil beijos :
Reina o sacro pudor na casa inteira.
Seu gado lhe prodiga ondas de leite ,
E os pingues anhos na viçosa relva
Brincando enredão as nascentes hàsteas.
Passa no prado as festas , tendo diante
O fôgo religiôso ; os sòcios bebem ;
Com libações te invoca a ti , oh Bròmio :
Ergue aos pastôres no ôlmo o alvo das flechas ,
Enrija-os nus em camponez combate.
Levàrão vida assim anciãos Sabinos , (1)
Ròmulo , e Remo ; assim alteou-se Etrùria ; (2)
Assim dar leis ao Mundo alcançou Roma , (3)
Que abrange montes sete em muro envôlta.
Antes do Rei Dicteo , antes que os homens (4)
De animal pôlpa crus se banqueteassem ,
Na terra assim vivia o àureo Saturno : (5)
Não resonava então bèllica tuba ,
Não crepitava o alfange em dura safra.
Mas longo espaço decorrido havemos ;
Tempo è de dijungir corceis fumantes.

FIM DO SEGUNDO CANTO.

---

(1) Os Sabinos , povos visinhos de Roma , aquem os Romanos roubàrão as mulheres dentre os jogos.

(2) Ròmulo , e Remo , filhos de Marte , e de Rhea , fundadôres de Roma. Vid. Eneid. 8.

(3) Roma , que então abrangia sete montes , que erão o Palatino , o Quirinal , o Cèlio , o Capitolino , o Aventino , e o Viminal.

(4) O rei Dicteo è Jove , por ser educado no monte Dicteo em Creta.

(5) Chama o poeta a Saturno àureo , por que no seu tempo foi a idade de oiro.

ARGUMENTO DO 3.º CANTO.

O Exòrdio contém a invocação dos Deuses, que presidem aos pastos, o louvor de Octaviano, e finalmente outra invocação a Mecenas, por consêlho do qual o poeta emprehendeu esta obra; confessando-o assim jà pêla segunda vez. Seguem-se os preceitos sôbre o cuidado para com os animaes; são divididos em quatro partes: a 1.ª trata dos bois, e dos cavallos: a 2.ª das ovêlhas, e cabras: a 3.ª dos cães: a 4.ª de tudo, que è prejudicial aos animaes. Ultimamente descreve, em vez de epìlogo, a peste que fez desertos os Alpes, e as margens do Timavo.

Este Canto è geralmente julgado nêste grande poema o superior em imagens poèticas.

AS GEÓRGICAS.

TERCEIRO CANTO.

FAmosa Pales, grão pastor do Amphriso, (1)
Rios, bosques Lyceos, vinde a meu canto.
Assumptos de entreter mentes ociosas
Sabidos são assaz: Eurystheo duro, (2)
Do ìmpio Busiris as nefandas aras (3)
Acaso alguem ignora? Quem cantado
Não tem Delos Latònia, o joven Hylas, (4)
Hippodâmia fatal, o insigne Pèlops
Pêlo hombro ebùrneo, por domar cavallos? (5)
Para aos astros me erguer enceto estrada,
E vivèr vencedor no amplo futuro.

(1) Pales, Deusa dos pastôres, e dos pastos. Amphriso, rio de Thessàlia, onde Apollo pastoreou os gados do Rei Admeto.

(2) Eurystheo, rei de Mycenas: instigado por Juno expoz Hercules, a elle submettido por ordem do oràculo, aos mais difficeis perigos: Hèrcules sahio vencedor.

(3) Busiris, rei do Egypto. Costumava sacrificar os hospedes junto às aras. Hercules, a quem preparava iguaes insidias, là o matou, ao filho Amphidamante, e aos ministros.

(4) Delos, ilha no mar Egeo, onde Latona deu à luz Apollo, e Diana. Hylâs, vid. Eclog. 6.ª

(5) Hippodâmia, filha de Enomao, rei de E'lide, e de Pisa; o qual, sabendo pelo oraculo que o genro o mataria, propoz aos pretendedôres da

O primeiro eu trarei a ti, oh Mantua,
Do Aònio vèrtice as canoras Musas;
O primeiro eu trarei Idùmeas palmas. (1)
No almo prado altearei marmòreo templo,
Onde tardo serpeando ingente o Mìncio (2)
C'rôa de tenra canna as margens bellas.

---

filha um certame de côches, confiado nos seus cavallos velocissimos gerados do sôpro dos ventos, e deu por condição que aquelle, que o vencêsse, casaria com a filha, e os que por elle fossem vencidos, serião mortos. Venceu, e matou trêze. Pelops porem corrompeu com dinheiro a Myrtilo, cocheiro de Enomao para que posesse no côche dêste um eixo fragil, ou o deixasse largo. Desta arte Enomao cahindo do côche, morreu espedaçado. Pelops possuio Hippodâmia, e lançou no mar Egeo a Myrtilo, que affrontosamente exigia o premio da perfidia. Esta porção do Egeo ficou chamada — *mar Myrtoo.* — De Pelops foi pai Tântalo, rei de Phrygia, que hospedando os Deuses, e querendo indagar se de certo o erão, lhes deu a comer seu filho guisado. Elles se abstiverão de tal manjar, exceptuando Ceres, que lhe comeu um hombro. Jupiter o ressuscitou, e lhe substituio um hombro de marfim, e condemnou Tântalo a soffrer no Inferno sêde, e fome no meio de iguarias. O nome de *Peloponeso*, peninsula no Mediterrâneo, toma o seu nome de Pèlops, que a senhoreou.

(1) Idume, ou Idumea, região da Syria, abundante de formosas palmas. Allude o poeta ao costume dos vencedôres nos jogos Olympicos, que levão para as suas cidades os premios ganhados, pelos quaes tinhão jus a nellas entrar com pompa triumphante, e a gôsar de certo tributo vitalicio, que a republica lhes instituia.

(2) Mincio, rio, que banha os muros de Mantua — *il Menzo.* —

Pôr-lhe-hei Cesar no meio : o templo è delle.
Por elle eu fero , envôlto èm Tyria purpura ,
Là voar farei cem côches , cem quadrigas.
Deixando o Alpheo , e os bosques de Molorcho ,
Os combates Nemeos , carreira Olympica ,
Tem de vir admirar-me inteira a Grecia. (1)
Co' a frente ornada de Palladios ramos
Repartirei os premios : jà , jà folgo
De ao templo conduzir solemnes pompas ,
Truncados toiros ver , mudadas scenas
Pelo captivo Inglez nellas bordado. (2)
De Quirino as Gangèticas victorias
Retratarei nesses portões soberbos
De massiço marfim c' o engaste de oiro. (3)

(1) O Alpheo , rio perto de Olympia , cidade do Peloponneso , na qual se celebravão os jogos Olympicos instituidos por Hercules em honra de Jove : o premio era uma corôa de azambujo , ou de oliveira. Molorcho , pastor no campo de Cleonas , cidade de Achaia ; hospedou a Hercules , o qual em obsequio matou o leão do bosque Nemeo, junto àquella cidade. Daqui se instituìrão em honra de Hercules os jogos chamados — *Nemeos* — : o premio era uma corôa de aipo.

(2) Julio Cesar venceu duas vezes os Britannos, e trouxe dentre elles grande espolio , e numerosos escravos , os quaes em Roma servião. O poeta os faz trabalhar em mudar as scenas , onde se mostravão os seus destroços. Que differença entre os Britannos de então , e os de hôje ! Sempre chegarão a esplendor em proporção parêlho tôdos os povos, em que o homem seja , como entre elles , verdadeiramente homem.

(3) Quirino , nome dado a Romulo por andar sempre armado de lança , que em lingua Sabina era — *quiri* —. Virgilio dà por adulação este nome a Augusto , que , vencendo a M. Antonio , vencêra tam-

Veràs fervendo em guerra o Nilo ingente,
E o naval bronze hostil feito em columnas; (1)
O expugnado Niphate, a A'sia vencida, (2)
E o Partho em retirada a defender-se; (3)
Dois ganhados tropheos a dois contrarios; (4)
Victorias duplas n'uma riba, e n'outra. (5)
Veràs de Paros reviver no màrmore (6)
Tròs, Assaraco, Cynthio author de Troia,
E a prole delles, que começa em Jove. (7)
Veràs tremer a desgraçada Inveja
Ante o duro Cocyto, e as Furias sevas,
Ante as serpes de Ixion, e a grande roda,
Ante os esforços vãos c' o grão penêdo. (8)

---

bem povos do Ganges, que com elle se havião bandeado.

(1) O Nilo, rio do Egypto. Allude ainda a esta victoria, depois da qual Octaviano construio quatro columnas de bronze dos esporões das nàos tomadas.

(2) O Niphate, monte da Armènia: dà a entender os Armènios.

(3) Os Parthos, Ecl. 1.a

(4) Allude ao povo Romano ter vencido duas vezes por Julio Cesar os Britannos, e outras duas por Augusto a M. Antonio.

(5) As duas duplas victorias em pontos tão distantes: uma nos fundos do Mediterraneo; outra na parte mais remota do occeano conhecido então.

(6) Paros, uma das Cyclades, cèlebre pela alvura de seus marmores.

(7) Eis a ordem desta geração: Jove foi pai de Dardano; este o foi de Erichthon, e de Tros; este de I'lio, e de Assaraco. I'lio gerou Laomendon, e este a Priamo: Assaraco teve Capys, e este Anchises, o qual de Venus têve Eneas, pai de de Ascânio, ou Iulo, que è o cabêça da familia de Julia.

(8) Nota o poeta o pezar dos invejosos da for-

No emtanto a stancia intacta entro das Dryädas,
Teus àrduos mandos por cumprir, Mecenas.
Eia, vem prompto, dà calor à emprêza:
Sem ti meu estro ao grande não se arroja.
Jà com alto clamor brada Cithèron,
Jà do Taygeto os cães; jà de Epidauro
A terra batem os corceis alìpedes: (1)
Co' as crebras vozes as florestas mugem.
Depois a Cesar salvarei do Lethes
Cantando-lhe as victorias portentosas;
Fal-o-hei na duração igual à Aurora. (2)
Queres ìgneo corcel, que triumphe em Pisa? (3)
Queres para lavrar valentes toiros!

tuna de Augusto, os quaes erão todos os anciãos partidistas de Pompeo, e de Antonio, que ainda em Roma murmuravão. Ixion, filho de Phlìgia, rei dos Lapithas, como andasse vagabundo por ter dado morte inexpiavel a seu sôgro Deioneo, foi recebido no Cèo, e perdoado por Jove. Concebeu então paixão por Juno: Jove lha figurou n'uma nuvem, e desta teve por filhos os Centauros. Gabou-se elle depois no Mundo dos amôres com Juno, e Jupiter em punição (sem duvida da mà lingua) o fulminou, e o lançou no Tàrtaro, onde està ligado com serpentes a uma roda, que de contìnuo gyra. Sisypho, filho de Eölo, em consequencia dos rôubos que fazia em A'ttica, foi morto por Theseo, rei de Athenas. Os Grêgos em obsequio a este fingirão que Sisypho fôra condemnado a rolar para o cume de um monte uma grande pedra, e que esta chegada là tornava a cahir, e elle a subil-a.

(1) Cithèron, monte de Beòcia; Taygeto, monte de Lacònia. Aqui Epidauro è cidade do Peloponneso, onde Esculàpio era adorado.

(2) Promessa da Eneida em honra da gente Jùlia.

(3) Primeira Parte: dos cavallos, e bois.

Das mãis escolhe com cuidado a raça.
Vacca de tôrvo aspecto, enorme a fronte,
Pendente quasi ao chão barbella ondeante,
Grossa a cerviz desforme o longo dôrso;
Felpuda a orêlha, em theor de lua as hàsteas,
Pè, grande, tudo grande; a vacca è òptima.
Appraz-me vel-a maculada de alvo,
Co' as hàsteas ameaçar, sucudir jugos,
Ter de toiro o focinho, o porte altivo,
E os vestigios varrer co' a extrema cauda.
De lidas de hymeneos a justa idade
Começa aos annos quatro, aos dez termina:
Sò nella o jus prolìfico è valente,
Sò nella bem se tira o grave arado.
Em quanto dura à grei da idade o viço,
Solta os machos, dà logo o armento a Venus:
De uma co' a geração supre outra prole.
Dos mìseros mortaes o melhor tempo
Se vê então; mas bem depressa foge:
Succede-lhe a velhez, cançasso, e doenças,
E a dura morte sem clemencia os sega.
Mais; sempre hà rêzes, que mudar quizeras.
Cauto previne as pêrdas, e cada anno
Com recente progenie a grei refaze.
No gado equino reine a mesma escôlha.
Todo o cuidado principal applica
A educar desde a infancia o esteio à raça.
Pavoneia-se o pôtro generôso,
Trotando as pernas dobra airôso em prados,
Primeiro abre a carreira, e audaz se atira
A temerôso rio, a ponte ignota:
A sangue frio escuta o mòr estrondo:
Tem collo altivo co' a cabeça aguda;
O ventre è curto, e as ancas são roliças:
Pulão-lhe os musc'los no animôso peito.
Tem estes brios o cinzento, e o baio;
Mas no alvacento, e ruivo o animo è debil. (1)

(1) O — *albus* — do texto não quer dizer bran-

Se ouvio ao longe soar clangor guerreiro,
Logo salta, estremece, enteza a orêlha,
Das amplas ventas lança fumo em rôlos,
Densa a crina fluctua ao dextro lado,
Curva o duplo espinhaço, e grave toando (1)
O còrneo casco escava a terra dura.
Assim Cyllaro foi: o Amycleo Pollux
Domou, e a Musa Grêga lhe deu fama: (2)

---

co; mas sim esbranquiçado, ou pàllido como adverte Isidoro. Os cavallos propriamente brancos, ou cândidos, por provarem bem, servião para os Deuses, e triumphadôres. Homero, fazendo o elogio dos de Rheso diz, (tradu. Lat.) *candidiores nive.* Ovid. diz a Germano

Sic tibi mature fraterni funeris ultor
Purpureus niveis filius instet equis.

E a Augusto

Ergo erit illa dies, qua tu, pulcherrime rerum,
Quatuor in niveis aureus ibis equis?

(1) Xenofonte, e Varro se servem desta expressão, não por que isto assim seja, mas porque o parece. Quando o cavallo està magro a linha das vèrtebras se deixa preceber toda em rasão do quasi nullo volume dos mùsculos; mas quando està gôrdo, os mùsculos dos lados desta linha lhe excedem o nivel formando duas longas eminencias. Varr. diz: *sit spina maxime duplex; si minus, non extans.*

(2) Homero, Theòcrito, Horacio, Ovidio dizem que Pollux fôra insigne luttador, e Castor domador de cavallos. Virgilio aqui diz o contrario. Cyllaro foi o cavallo de Polux segundo Virgilio, e Propèrcio; e de Castor segundo Sèneca, Valèrio

Taes de Marte os corceis, taes os de Achilles. (1)
Em tal se transformou Saturno em breve,
Indo-o colher a espôsa em roubo incasto;
Fugindo o Pèlio encheu de rincho agudo. (2)
Se o cança a idade, ou se o defalca a doença,
Respeita o debil seu, poupa-lhe amôres:
Fraqueia o velho, esforça-se debalde,
Prazer tão dôce torna-se em tormentos.
Se pugnas tenta, seu furor è nullo:
Tal morre em côlmo o fôgo accêso apenas.
Nota-lhe o animo, a idade, a ìndole, a raça;
Se vencido tem dor, sè arde por glòria.
Não vês como à porfia em campo vôão
Ruindo das metas os ardentes côches?
Não vês dos môços a esperança aguda,
E o pavor, que lhes bate o peitò ansiôso?
Curvos fazem stalar o açoite ondeante,
Laxão as rèdeas; fuma o veloz eixo:
Jà c' o ventre os corceis o plaino roção,
Jà parecem querer subir às auras;
Sùbito partem, nunca mais descanção:

Flacco, e Claudiano. Amiclea, cidade de Lacònia, perto de Lacedemònia. Ora se diz que Castor, e Pollux nascêrão em Amiclea, ora em Lacedemonia.

(1) Os cavallos de Marte são chamados *Pavor*, e *Temor* segundo Sèrvio, e outros, pertendendo firmar o seu dizer em Homero, e Hesìodo: porem Germano mostra por estes mesmos que aquelles nomes erão dos cocheiros. Os cavallos de Achilles por nome *Bâlio*, e *Xanto* nascêrão de Zèphyro, e da Harpya Podarge.

(2) Saturno, gosando de Philyra, filha do Oceano, e vindo-o a espôsa Rhea colher no facto, se transformou em cavallo, e fugio para o Pèlio, monte de Thessàlia. Philyra pario delle a Chiron na parte superior homem, e na inferior cavallo.

Nuvem fulva de areia tolda o dia ;
Molha o vencido o vencedor co' a espuma.
Tanto è da palma o amor, e o amor da glòria !
Erichthon o primeiro ousou ao côche
Quatro frisões jungir, voar-lhe nas rodas. (1)
Em Pelethrònio affez ao gyro, aos freios
O montado Lapytha os feros pôtros,
Ensinou-lhes cadencia no galope,
E a no plaino saltar por entre as armas. (2)
Iguaes são taes affans : mas busca sempre
Novo, e ardente corcel, tenaz no curso :
Deixa o velho, inda a ser do Epiro, ou de Argos,
Ou ter forçado mil legiões à fuga,
Ou ser da raça do frisão Neptùnio. (3)
Isto entendido, toma, que urge o tempo,
Grão cuidado em nutrir em farta relva
O que elegêste à grei varão, e guia :
Corta-lhe o novo farro, a àgua franqueia,
De autr' arte não sustenta o affan gostôso,
E o debil filho prova um pai sem fôrças.
Pelo contrario, as femeas atenua,

---

(1) Eschylo pensa que o inventor do côche de quatro cavallos foi Prometheo ; Cicero tem esta ideia de Minerva ; Virgilio de Erichthon, ou este seja o rei de Athenas, filho de Vulcano, e da Terra, e anguìpede, que por esconder tal desformidade fabricou assim o côche ; ou seja um filho de Dardano. Diz Plinio : *Bigas primum junxit Phrygum natio, quadrigas Erichthònius.*

(2) Sophocles atribue a Neptuno a invenção dos freios, e da equitação ; o orador Lysias às Amasonas ; Virgilio aos Lapythas. Pelethrònio era cidade delles junto ao monte Pèlio.

(3) Os cavallos do Epiro, e de Argos, e os que se dizião da raça do de Neptuno, erão julgados os melhores ; mas apezar disso nada valião quando velhos.

Nega-lhes herva, priva-as dos arroios,
Mal que do amor as pique o almo dezejo.
Cança-as no curso ao sol quando contundem
Na eira gemente o grão mangoaes pesados,
E ao zèphyro se expõe a vàcua palha.
Assim do amor as vias se relaxão,
Perdendo o obstac'lo na gordura inutil,
E em si entranhão sôfregas o germen. (1)
Dos pais cessa o cuidado, e os das mãis segue

(1) Quanto mais se cava nas obras de Virgilio mais pèrolas se encontrão. Que sciencia profunda em todos os ramos da natureza! Cada palavra borbulha de ideias.

Esta questão physiològica, que o poeta desenvolve com a mais concisa elegancia, tem duas perspectivas. A primeira appresenta os meios de fazer perder às èguas o estado de gordura: a segunda as utilidades, que resultão do estado de magrêza na epoca do coito.

1.ª perspectiva. Mostra dois meios de chegar ao fim, e que devem ser empregados juntamente; são elles a privação do pasto, e da agua, e as carreiras ao calor. A privação do pasto, e da agua concorre de dois modos: o 1.º não substituindo as pêrdas contìnuas do animal dependentes do contìnuo attrito jà entre as partes, que o formão, jà do fluido, que, sempre em moto, o cerca: o 2.º o estômago contrahido por vasio, e estimulado pêlo fluido gàstrico em liberdade, causa uma sensação desagradavel ao princìpio, e depois dolorosa, a qual pela grande agitação, que produz no animal, como todas as causas moraes, augmenta aquelle attrito. As carreiras ao sol tambem concorrem de dois modos: o 1.º augmentando o moto natural, e este ao attrito, e este ao desprendimento das particulas roçadas: o 2.º o calòrico, que sempre tende a equilibrar-se, sendo então em grào maior na

Pêla inteira prenhez. Ninguem consinta
Que tirem plaustros, que nos plainos pulem,
Ou dem carreiras, ou com rios lutem.
Pastem em prado aberto onde amplo arroio
Em fiòreo-vêrde leito và descendo,
Onde as ampare um antro, e sàxea sombra.
Hà no asinhôso Alburno alados vermes;
E do Sìlaro em bosques. Quando zunem, (1)
Das selvas foge o armento amedrontado,
Ferido o vento c' os mugidos freme,
E do àrido Tanagro a selva, e as margens. (2)

---

atmosfera do que no côrpo nella mergulhado, força a superfìcie delle, e lhe abre as bôccas dos vasos exhalantes, e inhalantes, e dà livre sahida às molèculas desprendidas.

2.ª perspectiva. Tem duas utilidades: a 1.ª o systema cellular privado da materia oleosa, que o impregnava, contrahe as cellulas, e decresce, ficando mais facil o uso prolìfico: 2.ª utilidade: os filamentos nervosos, que athè então tinhão de premeio aquelle fluido macio, erão menos susceptiveis de irritar-se; agora, elle ausente, roção partes mais àsperas, e elles mesmos se entrechocão, adquirindo assim grào consideravel de irritação principalmente nos orgãos genitaes, onde a sensibilidade è tão exquisita, e tão desenvôlta, que tem feito dizer a celebres physiòlogos — *uterus sementis avidus* — *uterus cogitat*, &c. e agora Virgilio — *rapiat sitiens venerem usus genitalis arvi* —. Jà o sabio Lucrècio tinha dito:

Et commiscendo cum semen forte virile
Fœmina commulxit subita vi, corripuitque &c.

(1) Sìlaro, rio de Lucânia. O Alburno è o monte, do qual nasce aquelle rio.

(2) Tanagro, riacho, que no verão quasi se secca.

Com tal monstro excitou iras horriveis
Satùrnia meditando outr' hora a pêrda
A' novilha infeliz, Inàchia prole. (1)
Dêlles te apparta cõ o pejado armento:
(No estio instão mais acres.) Solta-o em prados
Ao frêsco da manhã, de Hèspero ao frêsco.
Depois do parto, applica o affan às crias:
Destino, e nome queima-lhes na frente;
Ou tenhão de procrear esteio à raça,
Ou de torrões volver fendendo a terra,
Ou de ir às aras. Livre paste o resto.
Tu ao tràfico agreste eleitos toiros
Insta em por grãos fazel-os, inda em quanto
A idade è mobil, o ânimo è flexivel.
Um folgado collar de tènues vimes
Começa por lançar-lhe ao collo ignaro.
Depois de affeito, dois iguaes novilhos
C' os mesmos vimes liga, e marchem juntos;
Jà tirem vàcuo carro a passos lentos,
Jà leves co' elle a areia apenas sulquem;
Logo em brônzeo temão puchem as rodas,
Ranja sob o pêso enorme o eixo de faia.
Não dês sò relva à joven prole indòmita,
Ou fôlhas do salgueiro appetitosas,
Ou hervas de paüis; dà tambem messes:
Nem das mãis munge então, jà prisca usança,

(1) Io, filha de I'nacho, rio do Peloponneso, ou melhor, rei dos Argivos. Jove, que a amava, a converteu em novilha para a occultar a Juno: esta presentida lha pedio, e a conseguio. Deu-a então a Argos pastor de cem olhos para a guardar. Neptuno o adormeceu, e matou. Juno irada excitou a môsca para a picar. Io fugio athè ao Egypto, onde, por auxìlio de Jove, tomou a forma antiga, e casou com o rei Osiris. Os Egypcios a tiverão por Deusa depois de morta, e a adorà-rão sob o nome de Isis.

Em nìveo tarro as abundosas têtas ;
Deixa-lhas tôdas para os doces filhos.
Se mais te appraz a guerra, e as feras turmas,
Ou n'um côche ir a par do Alpheo em Pisa, (1)
Ou nelle voar veloz de Jove em bosques,
Affaze o pôtro a ver armas, combates
A no estàbulo ouvir retinir freios,
Ranger carroças, e o clangor das tubas ;
Folgue câda vez mais com teus louvôres,
Se lhe bates no collo, ufano o entone.
Assim o educa apenas desmammado,
E inda debil, tremente, inda inexperto,
Venha espontâneo ao cabeção flexivel.
Mas feitos annos três, comece logo
A andar em gyro, a compassar o trote ;
Dobre as pernas alterno, e imite os mestres.
Depois no curso desafie as auras,
E, em campo a voar, como o fugido ao freio,
Passos na flor da areia apenas marque.
Assim rompendo de Hyperbòreos climas
Dispersa A'quilo denso as Scythias nuvens ;
Zimbra ruidôso as vagas da alta messe :
Rugem da selva os abalados topes ;
Vem de longe quebrar-se à praia as ondas :
Vôa, e campos, e mar no ìmpeto varre.
Veràs rociar com suor este ginête
Do campo Eleo as metas, e a amplitude,
Vel-o-hàs tascar espumas sangui-tinctas ;
Ou, mais util, em Bèlgicas planices
Farà rodar carroças guerreadôras.
Deixa em crassa ferrã que os jà domados
Tòmem carnes ; não antes ; que orgulhosos
Contra o flexuôso açoite se enc'lorizão,
Dar pêlo àspero freio então recusão.
Mas outra indùstria mais não firma as fôrças
Do que a de aos bois coartar, ou gado equino,

(1) Vid. vers. 21.

Do cego amor o deliciôso acùleo.
Monte inaccesso, ràpida corrente
Em solitario pasto empeça os toiros,
Ou fechado presepe bem provido.
Arde, e esväece o toiro ante a novilha,
Nem quer lembrar-se da herva, nem dos bosques.
Vêzes com dôce affago ella isto causa;
Mas muitas move à guerra ìgneos amantes.
Com recìproco anhêlo talha um no outro
Crebras feridas; rega-os atro sangue.
Fronte affincada em fronte, hàsteas em hàsteas,
Rugem feros; rebôa o bosque, e os ares.
Os que uma vez pelêjão não mais se amão.
Virando o olhar frequente ao campo avito
Vai-se longe o vencido a terra ignota
Chorar do vencedor a glòria ufana,
Os proprios golpes, a ignominia propria,
Chorar amôres, que perdêra inulto.
E entretanto a novilha descançada
Fica airosa pascendo em pingue relva!
Elle as fôrças então cuidôso exerce;
Transnoita sôbre duras penedias, (1)
Agudas cannas come, e hirsutas fôlhas:
Exp'rimenta-se, escorna os troncos de àrvores;
Dest' arte apprende acinte a enfurecer-se:
Com redobrados golpes cança os ventos,
Voar faz a areia preludiando os prèlios.

(1) Amador Arraes diz — pregando em hûas partes, e outras, perseguido em tôdas, e trasnoutado em oração — Ora eu, que me cancei em buscar um verbo para exprimir o — *jacet pernox* — do texto, não o achei: por tanto fil-o. Se Arraes creou o adjectivo — *transnoitado* — da preposição — *trans* — e do nome — nox — Latinos; eu derivo o meu verbo — transnoitar — do seu adjectivo. — *Transnoitado* — o que passou noites sem dormir: — *Transnoitar* — passar noites sem dormir.

Depois que recobrou o animo, e as fôrças,
Levanta campo, vôa a incauto imigo.
Tal longe em mar começa a embranquecer-se
Ruga leve, e eil-a jà vaga cavada,
Jà corre à terra, estoira nos penêdos,
Sobe ao ar monte fluido, e a cahir torna,
Remoìnha, traz à flor nêgras areias.
E' dèspota geral o Amor no Mundo:
A eito seu furor involve ardente
Homens, grei, feras, aves, prole equòrea. (1)

---

(1) Entre os muitos, e bons lugares communs sôbre o forçôso, e extenso poder do amor citarei este de Nazianzeno, — *de laude virginitatis* —

Quod si etiam ex coitu saxorum saxa creantur,
Ut memorant, lapidum quibus est perspecta facultas
Res quoque tangit amor rigidas, vitaque carentes.

Seneca, in Hip.

Hœc regna tenet puer immitis
Spicula cujus sentit in imis
Cæruleus undis grex Nereidum,
Flammanque nequit relevare mari.

Iterum

. . . amat insani bellua Ponti.

O nosso Bocage tem uma dècima improvisada, a meu ver a melhòr que elle podia fazer com o seu grande gènio improvisador, que è sem duvida imitada desta passage:

Amor, dôce flamma accêsa
Vibrada por mão de Jove,
Agita, transporta, e move
O seio da Naturêza:
O lëão despe a bravêza

Então è que dos filhos esquecida,
Mais seva a leôa pelos campos erra;
Como então tanto horror tanta carnage
Não dão hediondos ursos nas florestas,
Ou tigre pèssimo, ou feroz javardo:
Ai! Mal então se viaja em Lybios ermos.
Não vêz como o corsel tôdo estremece
Ao dar fè do femìneo, e noto faro?
Então nada os detêm; freio, azorrague,
I'ngremes rochas, hòrridos despenhos,
Rios, que rodão arrancados montes.
Então enraiva o javali Sabello, (1)
Os colmilhos aguça annavalhados,
Fatiga a terra, esfrega o dôrso em troncos,
Para a guerra endurece os lados ambos.
Que faz um jovem quando ondas de fôgo
O duro Amor lhe vasa nas medullas? (2)
Jà na alta noite de medonho escuro
Tira-se a nado em procellôso pego:
Em vão trovêja o Cèo, desfaz-se em raios,
E o fragorôso mar rebenta em rochas:

Se o vem lëôa amimar,
E no amplo bôjo do mar
Arde o mudo nadador;
O Mundo tôdo è amor,
Quem pode deixar de amar?

(1) O javalì de Sabella, ou Sabina, região visinha de Roma.

(2) Leandro, mancêbo de Abydo, amava ardentemente a Hero, sacerdotiza de Venus na cidade de Sesto. De noite elle passava a nado as fauces do Hellesponto, que separa as duas cidades. Uma vez passando-as, morreu destituido de fôrças, e oppresso de uma tempestade. Hero vendo na praia o cadaver do amante, se precipitou da torre, onde o esperava. À este facto, allude o poeta.

Repara, allucinado, que se morres
Que dor aos tristes pais, morre-te a amante!
Baldada ideia! O Amor não tem estorvos.
Por quem guerreia o cão, e o lôbo irôso,
Por quem de Baccho os maculosos lynces?
Por quem se batem mutuo imbelles cervos?
Mas das èguas a furia è sem parêlhas:
Devem-na a Venus quando em Pòtnia a Glauco, (1)
Tentando-lhes vedar do amor os gôsos,
Despedaçàrão c' os raivosos dentes.
O amor transpor as faz rios, e montes;
Vão do Gàrgara alêm, alêm do Ascânio. (2)
Tanto que as queimão àvidos desêjos,
Que a meiga primavera mais accende,
Abrem a bôcca ao Zèphyro fronteira
No alto de um monte, e a leve arage engolem:
Muitas vêzes dest' arte (è pasmo ouvil-o!)
O Zèphyro as faz mãis, da-lhes prazêres.
Então vagão por valles, por montanhas,
Não chamando por vòs, oh Sol, oh Euro;
Mas por Bòreas, por Cauro, e Austro medonho;
Pois que, os orgãos de amor lhes stimulando,
Nelle mantem as vibrações do gôso.
Daqui depende que destille delles
Viscoso humor, que tem por nome hyppòmanes,
O hyppòmanes, a que hervas, e palavras
Seva madrasta ajunta malfazêjas. (3)

(1) Glauco, filho de Sisypho, abstendo do coito as suas eguas, que erão velocissimas, foi por ellas espedaçado infuindo-lhes Venus indignada este furor. Pòtnia, povoação em Beòcia era sua patria.

(2) Gàrgara, parte do monte Ida: Ascânio, rio da Bithynia em A'sia.

(3) Aqui hà duas questões a ventilar: a 1.ª pertence à fabula, a 2.ª à observação a mais restricta.

1.ª Cria-se que na Lusitania junto de Lisbôa havião eguas, que concebião do vento. Columella, Varro, e Solino erão desta opinião; mas Justino

Vimos em tudo o amor, vamos ao resto;

---

tem este dizer por metaphòrico, e o faz alluair à ligeirêza daquelles animaes. Com tudo aquella fabula era tida por tanta verdade que Lactancio, chamado o Cicero christão, florecendo passados mais de trezentos annos depois de Augusto, quiz provar a conceição da Virgem N. S. pela que do vento tinhão as femeas dos animaes — Lact. Lib. 4, Cap. 12 — *Quod si animalia quædam vento, aut aura concipere solere, omnibus notum est: cur quisquam mirum putet, cum spiritu Dei, cui facile est quicquid velit, gravatam esse Virginem dicimus?* — La Rue pertende que Virgilio, seguindo a Aristòteles, pensa que o resultado de tal conceição não è um feto verdadeiro; mas sim a destillação de certo humor viscôso: — *Virgilius, duce Aristotele, ex illo conceptu non verum fœtum, sed lentum virus stillare ait* — Ruœus, Comment. Virg. Georg. 3 a Creio que este erudito se enganou aqui. Se no texto sò houvesse o — *vento gravidæ* — poderia passar a sua intelligencia; pois que as eguas recebendo em si os ventos para mais se estimularem, segundo Aristòteles, como logo veremos, vagarião em rasão da fùria venèrea: porem a admiração do poeta — *mirabile dictu* — e o — *sine ullis conjugiis* — dà ao — *gravidæ* — o rigorôso sentido da prenhez de feto verdadeiro. Por tanto; Virgilio accreditou aquella fabula crida verdade no seu tempo. Sìlio tambem a seguio;

. . . . grex . . . equarum
Et venerem occultam genitali concipit aura.

2.ª Esta passage tem sido pouco reflectida por uns, por outros nada, e parece-me que por nenhum intèrprete ainda entendida. Ora diz-se que o —

Diffugiunt; non, Eure, tuos, neque Solis ad ortus,

Que foge o tempo, foge, e mais não torna.
TOM. I. M

In Boream, Caurumque, aut unde nigerrimus Auster
Nascitur, et pluvio contristat frigore cœlum

dà a entender que as eguas fogem sò para o Zèphyro, e não para Euro, nem para Bòreas, &c. Ora diz-se que não è para Euro; mas sim para Bòreas &c. deixando ficar um vasio extremamente escuro, visto nos não darem a rasão deste acontecimento. Virgilio não ampliou mais esta questão por ella ser muito conhecida então pela vulgaridade da doutrina de Aristòteles. Este sabio, um dos mais sublimes intèrpretes da naturêza observou que os animaes em geral (pecus) no tempo do coito pastavão bocca ao vento, e dice que era para ficarem mais aptos à procreação; e, fallando das femeas em particular, continua, que appanhavão os sôpros do Austro para que o ùtero se pozesse em acção. Diz Columella, referindo-se ao mestre de Alexandre — *ut contra ventum gregem pascamus, et eum spectans admittatur pecus: ut si fœminæ generandæ sunt, Austrinos flatus capiare, ut eadem ratione matrices ineantur.* — Assim parece-me que ensina o poeta, que as eguas desejavão, e buscavão não os ventos humidos, e frios como o Euro, e outros, que soprão do Oriente; mas sim os sêccos inda que frios, como o Bòreas, e o Coro; mas sim os quentes ainda que humidos, como o Austro por que estes mais condensão os ares — *nigerrimus .... contristat cœlum* — visto desta condensação resultar maior desprendimento de materia electrica, que as estimula, entretendo-lhes nas molèculas nervosas certa titilação, que augmenta o vigor das partes reproductôras para melhor concebêrem, e formarem o novo animal, em rasão da affinidade, que hà entre aquella materia, e molèculas. Deste estìmulo, e do das carreiras das eguas

Basta de armentos : resta o outro cuidado
Na lanìgera grei , e hirsutas cabras :
Custa ; mas dar-te-hà glòria , oh forte agrìcola.
Não ignoro quão grande è minha empreza
No dar tal honra a assumpto tão escasso.
Mas là me impelle o dôce amor da Glòria
Pelos rudos desertos do Parnasso ;
Appraz-me ir por cabêços , que anciã pista
Por àrduos não trilhasse indo a Castàlia :
Deve hoje aos Cèos subir meu canto , oh Pales.
Perscrêvo por começo que as ovêlhas
Em còmmodos curraes se nutrão de hervas ,
Em quanto tarda em vir frondôso o estio ;
Com muita palha , e fetos enfeixados
Compassivo lhes cobre a terra dura :
Do frio abriga assim o tenro gado ,
Poupa-lhe a ronha , e a gôtta dolorosa.
Depois quero que às cabras se franqueie
A'gua a mais pura , vêrdes medronheiros ;
Que os seus curraes ao vento não expostos
Recêbão ao meio dia o sol do hynverno ,
Quando pondo-se o Aquàrio enregelado
A urna despêja sôbre o extremo do anno. (1)

---

faz o poeta depender o fluxo do humor chamado hippòmanes , que não è mais do que o muco natural às membranas, que forrão aquellas partes augmentado pelo accrescimo das vitalidades nellas no tempo da gestação. Eis a rasão por que me animei a ampliar a concisão do têxto com estes dois versos de mais :

Pois que os orgãos do amor lhes stimulando
Nelles mantem as vibrações do gôso.

Respeito melhor juizo.

(1) No signo Mancado Aquàrio , foi convertido Ganymedes , filho de Tros : Jove mudado em àguia

Não com mais leve affan te empenha nestas,
Nem servem menos, inda que alto vale
Milèsio vello imbuìdo em grã de Tyro. (1)
Seu leite è mais, em crias são mais ferteis.
Se, cheio o tarro, cres o ubre exhaurido,
Ordenha; manar-te-hà o leitè em ondas.
São estimadas do Cinyphio bode (2)
As alvas barbas, as commadas sêdas
Para arraiaes, e nàuticos velames.
Nos cumes do Lyceo pastem èm bosques
Hòrridas çarças, àsperos espinhos;
Depois vem dar co' a casa, è a prole guião,
Sobem c' o làcteo pêso a custo o limen.
Cuidôso aos frios do ar, da terra às poupa,
Prompto provê-lhes a mortal penùria:
No hynverno dà-lhes pasto dè vergonteas,
Nem sê avaro em feno prodigar-lhes.
Mas na sasão de Flora à voz de Zèphyro
Ambas as greis conduze à nova relva.
Pastem da Alva ao nascer em campos frêscos
Na grama alvi-mimosa, amor do armentò,
Em quanto brilha o matutino orvalho.
Mas na quarta do dia hora sequiosa, (3)

---

o arrebatou do monte Ida para lhe dar o officio de Hebe, que no Cèo lhe ministrava o nectar. Ellè è representado com uma urna na mão na acção dè vasar. Aquàrio nascè em Janeiro, e pôe-sè em Fevereiro, e como então o anno começava em Março, por isso o poeta chama a este tempo o extremo do anno.

(1) Milèto, cidade nos confins da Jònia, e da Cària: era cèlebre pêla bondade de suas lãs.

(2) Cinyfo, rio da A'sia, nas margens do qual os bodes são muito cabelludos.

(3) Os interpretes julgão que esta quarta hora do dia corresponde à nossa dècima da manhã. Então

Quando a rouca cigarra cança os bosques,
Beber as leva, junto ao lago, ao pôço,
Correntes àguas em canaes de azinha.
Vai buscar ao meio dia um valle umbrôso,
Como o onde ancião carvalho sacro a Jove
Os ramos longos abre, ou sombra estendem
De azinhas crebras negrejantes bosques.
Inda as manda ao sol pôsto ao pasto, às àguas
Quando frêsco tempera os ares Vesper,
E as gramas jà refaz ròscida a Lua;
Quando em prados o alcyon anda guinchando,
E nas çarças pipita o pintassilgo.
Dos zagaes que direi, e Lìbyos pastos,
E das aldeias de mui raras choças?
Pasce a grei noite, e dia, e o mez inteiro,
Nos largos êrmos sem curraes vagueia:
Tal a amplidão dos campos! Tecto, e Lares,
Armas, cao Amycleo, Cretense aljava, (1)
E tudo o Afro pastor leva comsigo. (2)
O acre Romano è tal sob pàtrias armas,
Quando corre com pêzo alêm das fôrças,
Rodeia, passa avante, e inesperado
A retirada corta aos inimigos.
Em Scythia assim não è, margens Mëòticas,
E onde o Istro flavas volve areias turvo, (3)

---

contava-se o dia de sol a sol, e se dividia em dôze partes, sendo o meio dia a sêxta hora.

(1) Amyclea, cidade de Lacònia, cèlebre pêlos bons cães de caça. Cretense aljava è a que se usava em Creta, cujos povos erão habeis no tirar das flexas.

(2) Indica o poeta a vida nômada, ou pastoral, que levavão os homens antes de serem unidos pelos laços sociaes.

(3) A Lrgôa Mëòtica, ou mar branco: recebe em si o rio Tanais. O Danùbio, ou Istro, vid. Georg. 2.ª

E onde o Rhòdope larga o rumo Eöo
Para em rumo do polo ir-se estendendo: (1)
Là os presepes sempre o gado encerrão:
No campo hervas não hà, na àrvore fôlhas,
Mas a côvados sete ao largo sobe
A neve, e o gêlo; jaz a terra informe. (2)
Hà sempre hynverno, hà sempre o frio Cauro.
Nunca o sol rarefez pàllidas sombras,
Nem levando-o os corceis ao alto do ether,
Nem na onda rubra entrando leve o plaustro.
Coalha sùbita côstra em grã corrente:
A àgua sustem então rodas ferradas;
Têve jà quilhas, tem agora côches;
A lã na veste enrija, estala o bronze,
O hùmido vinho parte-se a machado;
Tornão-se em gêlo sòlido as lagôas,
E aquosas gotas na empeçada barba.
Cahir vem-se em tôdo o ar flocos de neve;
E immersos nêlles ficão jà sem vida
A fraca ovêlha, o toiro corpulento:
C' o pêzo em pinha os cervos entorpecem,
E sò deixão de fora extremos galhos.
Là nem rêdes nem cães são necessàrios,
Nem os pavôres de Puniceas plumas; (3)
Porêm de perto a ferro aos tristes ferem,
Que um nìveo sêrro em vão c' o peito batem.
Morrem alto rugindo: então os Scythas
Com grão clamor de gôso os vão levando.

(1) O monte Rhòdope em Thràcia toma a direção do oriente athè que topa com o Hemo, e logo, quasi retrogradando, toma a direção do Septentrião.

(2) Esta pintura è hyperbolica: ella talvez ajustasse às terras entranhadas nos circulos polares.

(3) Punicea, ou Punica, de Carthago, ou de Tyro, de donde se tirava a pùrpura. Punìceas plumas são de cor encarnada, com que se amedrontava a caça.

Em seguro descanço estes a vida
Em fundos antros sob a terra passão;
Trazem aos Lares, dão por pasto ao fôgo
Carvalhos a montões, ôlmos inteiros:
Levão brincando a noite, e o vinho imitão
Com fermentados grãos, com agras sôrvas. (1)
Tal è a gente indocil submettida
A Euros Rypheos, ao Hyperbòreo plaustro:
Veste-se de animaes co' as fulvas sêdas.
Se a lanìgera grei mais te accommoda,
Foge o espinhôso pasto, e o nìmio pingue.
Gado alvo apparta de macio fêlpo;
Mas rejeita o carneiro, inda a ser nìveo,
Logo ao ver-lhe na lingua uns veios nêgros;
Não mosqueie dos anhos a brancura:
No amplo rebanho escolhe outro escorreito,
Da lã c' o branco dom, se honesto è crel-o,
Pan, Deus da Arcàdia, te enganou, oh Lua;
Chamou-te ao bosque; vàs; colheu-te o laço.
Se leite queres, aos presepes leva
Muito lodão, codêço, e salsas hervas.
Bebem mais àgua sim, mais o ubre engrossa,
Certo sabor de sal dà graça ao leite.
Hà quem prohiba as mãis a anhos taludos,
Com fèrreo açamo as bôccas lhes prendendo.
Leite ordenhado na manhã, no dia
O previsto pastor de noite o coalha;
E o tirado ao sol pôsto, e em quanto hà sombras,
Vai leval-o à cidade ao nascer da Alva,
Ou o salga pouco, e para o hynverno o guarda.

---

(1) Indica o poeta as bebidas hôje conhecidas sob o nome de cerveja, e de cidra; aquella è àgua, em que fermentou trigo, cevada, ou aveia: esta è o sumo de maçãs, ou outras frutas anàlogas depois da fermentação espirituosa. Ambas suprem o vinho naquelles paizes.

Não te seja dos cães ùltimo o tracto ; (1)
Mas cria de arte igual com pingue sôro
O ligeiro Spartano , o acre Molôsso : (2)
Não temeràs com estas sentinellas
Ladrão nocturno , ou lôbo nos apriscos ,
Ou cruel Ibero , que à traição ataca.
Tens de agitar c' os perros corredôres
O jumento montez , lebres , e côrsas ;
E faràs despejar toccas silvestres
Aos javardos c' o mêdo dos latidos ,
E ao cervo , ruindo à tôa , ir dar co' as rêdes.
Accende nos curraes cedro cheirôso , (3)
E com galbâneo oder urge os chelydros.
Frequente , sob immotas mangedoiras ,
C' o horror do Cèo se occulta a infausta vìbora ,
Ou cobra , peste aos bois , affeita aos tectos ,
Mora no chão , borrifa a grei co' a baba.
Vendo-a toma , pastor , ou pào , ou pedra ,
Mata-a ; vê que se assanha , e se ergue , e silva ;
Mas ella sùbito a cabêça esconde ;
O golpe teu divide cèrcea a epinha ,
E a cauda , bem que morta , inda serpeia. (4)

---

(1) Terceira Parte. Da cultura dos cães.

(2) O cão de Sparta è o que nòs chamamos *galgo* ; e o Molosso , natural de Molòssia , porção do Epiro , chamamos-lhes nòs *dogo* , ou de fila.

(3) Quarta Parte. Das coisas nocivas aos animaes.

(4) A maior parte dos intèrpretes tem julgado que o poeta diz — Mata-a ; e inda que ella esconde logo a cabêça , là te fica o corpo , que tardo o desenrola. — Não haveria sublimidade neste dizer. Eu tomando o verbo — *solvo* — pêlo — *abrumpo* — traduzo a passage assim , lembrando-me que este foi o sentir de Virgilio no 5.º Cant. da Eneida :

Qualis sæpe viæ deprensus in aggere serpens ,
Ærea quem obliquam rota transiit , aut gravi ictu

Hà torva serpe nos Calàbrios bosques,
Tem longo o ventre, e nelle extensas manchas,
Ergue o peito ao volver do squâmeo dôrso.
Em quanto a primavera humecta as terras,
Ou Austro tempestuôso engrossa os rios,
Ama os lagos, e, às margens lhes poisando,
De peixe, e roucas rãs glutona se enche:
Findo o charco, e c' o ardor gretada a terra,
A serpe salta em sêcco, ìgneo olhar volve,
Urge a sêde, arde-a a calma; è tôda fùrias.
Não queira eu pois ao ar somno pacato,
Nem na herva me encostar de bosque em dôrso,

Seminecem saxo liquit lacerumque viator,
Necquicquam longos fugiens dat corpore tortus.

Papin. Estac. no 5.º Canto da Thebaida

Sævior anfractu laterum sinuosa retorquens
Terga solo . . . . . .

E' isto um effeito da irritabilidade muscular, que, sobrevivendo à sensibilidade, da qual dimana, sò pouco, e pouco se extingue no animal, que se mata estando em seu vigor: da mesma forma que a ondulação de um lago, ou o movimento de um projectil continua depois que a impulsão cessou. Este phenòmeno è mais notavel em certas classes de animaes do que em outras principalmente nos reptis: ou elle seja devido ao menos complicado arranjo de seus mùsculos, ou a maior quantidade de certo gaz integrante, que mais affinidade tenha com a materia elèctrica da atmosfera, hypòthese, que talvez a Chymica realize um dia. O cèlebre mèdico Dumas, professor de Montpellier, diz, (Prinelp. de Physiol.) ter observado no sangue fora das veias signaes de irritabilidade tão marcados que a contracção, e dilatação erão bem preceptiveis.

Quando ella, jà deixada a pelle antiga,
Passeia luzidia, e remoçada;
Ou, na tocca deixando ovos, ou filhos,
Se ergue ao sol, vibra a lìngua trifendida.
Das doenças eu dir-te-hei signaes, e causas.
Cobre às ovêlhas a jojenta ronha,
Se a neve, ou frio humor, ou spinho hirsuto
Por entre os vellos penetrou ao vivo,
Ou se o suor na tosquia se não lava.
Oh pastor, tôda a grei banha em dôce àgua;
Deixa o carneiro mergulhar ao fundo,
E ao querer da corrente andar brincando:
Ou na albufeira funde unctuosa cêra,
Forte hellèboro, scilla, atro bitume,
Pez Ideo, vivo enxôfre, espùmeo argento,
E unta-lhes tôdo o côrpo jà tosquiado.
Mas nada convêm mais do que animôso
Da ùlcera os làbios dilatar a ferro;
Vive, e medra o veneno em quanto occulto.
Pastor, a culpa è tua, se às feridas
Recusando prestar mãos bemfazêjas,
Crês que as curarà Deus por teus vãos rogos.
Se a dor à ovêlha enraiva nas medullas,
E a febre os membros àrida consome,
Util è expellir o ardor interno
Ferindo sob o pè a veia tùrgida.
Tal usa o acre Gelono, usa o Bisalta, (1)
Para o Rhòdope se indo, e êrmos dos Getas,
E quando bebe o leite, em que diluira
Ondas de sangue equino em vez de coalho.
Se ao longe a vês frequente ir para as sombras,
Ou mascar sem vontade extremos de hervas,
Andar a ùltima, e pascer deitada,

(1) Os Bisaltas fôrão povos da Thràcia, ou de Macedònia. Porem todos os povos Scythas, Sàrmathas, Getas, Messagetas, tiverão aquelle uso, segundo Plìnio, Claudiano, &c.

E fugir solitària na alta noite ;
Corte-lhe o ferro logo a doença, e a vida,
Antes que lavre o mal na grei incauta.
Não ergue em mar procella tantas ondas.,
Quantas doenças fataes o gado investem :
Livre não fica rez ; morre a esperança :
Gados, filhos, e pais, vai tudo a eito.
Crer-me-hà quem vir desertos, e hà que tempos, (1)
Aèrios Alpes, Nòricos castellos, (2)
Amplas lavras do Jàpide Timavo, (3)
Que fôrão jà dilìcias dos pastôres.
Nasceu do vicio do ar tão triste ruina,
E por tôdo o ìgneo oitono exasperou-se ;
Corrompeu a àgua, envenenou os pastos,
Deu tôdo o gado à morte, e as feras tôdas.
Que morte ! Hôje a não vês : tôda era horrôres.
Ignea sêde no sangue ardia em fùrias,
Thè que myrrhava os miseràveis membros ;
Eis dos poros rompia humor em ondas,
Trazendo em si os ossos dissolvidos.
Frequente junto da ara estando a vìctima,
Ao cingir-se-lhe a fita lânea-branca,
Sùbito cahio morta entre os ministros.
Ou se antes a matara o antiste a ferro,
Nas fibras não pegava o sacro fôgo,
Ficando ignaro o interrogado aurùspice :
Vem o cutello apenas tincto em sangue,
E sânie nêgra, e pouca humecta a areia.

---

(1) Principia a ùltima parte, ou o epìlogo da narração da peste, que affligira os Alpes, e se estendêra a mais regiões. Havia muito tempo que ella tinha accontecido ; mas inda no de Virgilio restavão vestigios.

(2) Norìcia, nação Germânica junto, e alêm dos Alpes, e agora Baviera, e talvez Austria. (3) O Timavo, rio do Friul, appellidado Jàpide dos Jàpides antigos povos daquelle paìz.

Assim morre o novilho em pingues pastos,
E em curral farto exhala a dôce vida:
Assim commette a raiva os cães fagueiros,
Abala os cerdos a anhelante tosse, (1)
E os affoga c' as fauces infartadas.
Tomba o cavallo; foi ufano outr' hora,
São-lhe hôje nullos os ganhados loiros;
A'guas foge, a herva esquece, a terra escava;
Sêcca a pelle resiste dura ao tacto;
Orêlhas baixa, tem os olhos lânguidos,
Suor frio entre calor, nùncio da morte. (2)

(1) Ainda que o Dicionario de Moraes não traga a palavra — *cerdo* —; ainda mesmo que no Portuguez a não haja, uso aqui della, por não têrmos palavra com que decentemente possamos dizer — sus —. Tirei-a do Hespanhol, com a mesma liberalidade com que os nossos Clàssicos de là tiràrão — cerdôso —

(2) Dos commentadôres, que consultei, sò La Ruc commentou o — *incertus sudor.* — Diz elle: — *Vel cujus causa incerta est, cum nulla præcesserit fatigatio: vel potius, varius, instabilis, qui modo oritur, modo definit* — Uns abração um dêstes dois parecêres, outros o outro; mas a mim nenhum agrada. Virgilio era insigne em tôdos os ramos de sciencias naturaes para aquelle tempo, principalmente na Medicina, a cujo estudo muito se dera. — *Sudor incertus, et frigidus — aret pellis — ad tactum dura resistit* — mostrão o suor frio no tempo de febre intensissima, referindo-se a Hippocrat. Sect. 4.ª Aphor. 37 — *Frigit sudores, cum acuta quidem febre mortem significant* — O adjet. — *incertus* — na significação de — *não correspondente* — e não natural — applicado ao suor frio na intensidade da febre pinta grandemente a desordem, e o perigo da màchina animal. Acho-o um rasgo de pincel de mestre.

Mas dentro em poucos dias cresce a doença ;
Então o olhar se inflamma ; geme , e ansiado
Pucha dos bofes o hàlito difficil ;
Alarga o ventre c' os suspiros longos ;
Corre-lhe nêgro sangue dos narizes ,
E apperta as fauces a infartada lingua.
Sumo Leneo lançar-lhe na garganta (1)
Julgou-se o sò remèdio ao moribundo ;
Porem mortal se declarou em breve :
O vigor dado se tornava em furias ;
E o triste , jà nos ùltimos arrancos ,
(Cèo , livra os bons de males tão horrìveis !)
C' o dente espedaçava os proprios membros.
Fumando o toiro sob o arado tomba ,
Vomita espuma , e sangue , e geme , e morre.
Triste o colono vai-se , e o jà sem canga
Co' elle lamenta do parceiro a morte :
Cravado o ferro fica , e o affan em meio.
Nem sombra de alto bosque , ou suaves prados
Podem mover os ânimos do toiro ,
Nem rio , que por seixos murmurando
Corre os campos mais puro do que o alambre ;
Derreado marcha , o olhar quasi è vibrado ,
E sem fôrça a cerviz trèmula pende.
De que lhe servem bens , que nos prodiga ?
De que ter-nos volvido as terras duras ?
Nem Màssico licor , Bacchico mimo, (2)
Nem manjar adubado lhe urdio males :
Sò se nutre de fôlha , e frèscas hervas ,
Sò bebe em pura fonte , e àguas correntes ;
Cuidados não lhe quebrão dôce o somno.
E' fama que em tal tempo nêsses sìtios
Faltassem bois para Junonias festas ,
E que bùfalos ìmpares tirassem

---

(1) Leneo, sobrenome de Baccho.
(2) Màssico, monte de Campânia. Vid Cant. 2.º

Athè aos altos templos as carroças.
Então com custo a arado a terra se abre ;
Entezando a cerviz tira o colono
Stridente plaustro em ìngremes cabêços ;
Ara mesmo co' as mãos em vez de ferro.
Insìdias nos curraes não tenta o lôbo ,
Nem nocturno em redòr da grei passeia ;
Doma-o mais acre anhêlo : entre os cães vaga
Tìmida a côrça , e o cervo fugitivo.
Junto à costa , quaes corpos naufragados ,
Bòião entes de tôda a espècie equòrea :
Entranha-se no rio o phoca insòlito.
Em vão occulta nos covìs profundos ,
A vìbora perece , e em àguas a hydra ,
Que co' as ansias da morte irrissa a escama.
E' o ar , que mesmo as aves inficiona ;
Cahem , perdendo a vida entre altas nuvens.
Mudar de pasto jà não approveita ;
O remedio melhor augmenta os males ;
Co' a cura não atinão da arte os mestres
Sendo inda qual Chiron , ou qual Melampo. (1)
Das Stygias trevas sahe à luz do Mundo
A furibunda , e pàllida Tisìphone :
Traz adiante de sì terror , e doenças ;
Cada vez mais se eleva a àvida fronte.
Bala a grei , muge o armento , e o echo responde
Nos rios , nas florestas , nas montanhas.
Jà a Fùria ao morticìnio os leva a bandos ,
Nos curraes os cadav'res amontôa ,
Que breve em pôdre sânie se desformão.

---

(1) Dois medicos cèlebres. Chiron foi Centauro , filho de Neptuno , e Philyra , e mestre de Achilles ; foi mudado no signo de Sagittàrio , rogando a morte aos Deuses com a dor da de Achilles. Melampo filho de Amythaon , e de Dorippes. Curou da mania as filhas de Preto.

As lãs, as pelles, tudo se sepulta;
Nen a àgua, nem o fôgo as purifica:
Taes vestiduras ficão venenosas;
E se alguem as trajou, vio-se coberto
De suor fètido, e pûstulas ardentes;
E dentro em pouco tempo os ìgneos herpes (1)
O contagiado corpo devoràrão.

FIM DO TERCEIRO CANTO.

---

(1) Sèrvio tomou o — *sacer ignis* — do texto pelo — *sacer morbus* — ou Epilepsia, da qual falla Platão in Timæo, Lib. 11 — outros querem que seja o fôgo de S. Antònio, que è a erisipela. Não sou eu deste parecer. O — papulæ — faz desvanecer a idea de erisipela, e è o — pemphingas — de Hippoc. de morb. vulg. comm. 1.º, e de Galen. Lib. 6. Virgilio servio-se da expressão de Thucydides, que n'uma passage da descripsão da peste de Athenas diz (trad. Lat.) — *erat corpus subrubum, fuscum minutilis pustulis et papulis scatens.* — O — *sacer ignis* — tirou-o de Luc. Lib. 6. —

Nec nimio cuiquam posses ardore tueri
Corporis in summo summum ferviscere partem:
Sed potius tepidum manibus proponere tactum,
Et simul ulceribus quasi inustis omne rubere
Corpus, ut est per membra sacer cum diditur ignis.

O — sacer — tomo-o aqui como naquelle dizer de Virgilio: — *auri sacra fames* — Creio que elle, Lucrecio quizerão dar-nos idea do intensissimo ardor das ùlceras — *papulæ* — que sem dùvida erão lèrpes phagedènicos, symptoma daquellas pestes.

ARGUMENTO DO 4.º CANTO.

Depois de breve proposição, e da dedicatoria da obra, divide-se o canto em oito partes. Trata-se na 1.ª *da habitação das abêlhas: na* 2.ª *dos pastos, enxames, e guerras: na* 3.ª *das duas especies de abêlhas: na* 4.ª *da sua quasi civil prudencia, e repùblica: na* 5.ª *do tempo de recolher o mel: na* 6.ª *das doenças das abêlhas, dos signaes, e remedios: na* 7.ª *da maneira de ter novas abêlhas em caso de pêrda: na* 8.ª *de Aristeo, que achou esta maneira; cuja fàbula diffusamente narra o poeta juntando-lhe a outra de Orpheo, e de Eurydice.*

AS GEÒRGICAS.

QUARTO CANTO.

POr fim, Mecenas, vou levar aos astros
O mel aèrio, dàdiva dos Numes: (1)
Tambem olhar te digna este meu canto.
Veràs em leve objecto altos portentos:
Das abêlhas direi affans, costumes,
Raças, pugnas, magnânimos monarchas.
Se Apollo me ouve, e Deus não hà contràrio, (2)
E' tènue o assumpto meu, não tènue a glòria.
Logo às abêlhas busca sitio, e estancia (3)
Não sujeitos a ventos, que aos cortiços
Lhes prohibão levar melìfluos pastos.
A ovêlha, o anho brincão não trilhe as flôres;

(1) Os intèrpretes dizem que o poeta chamou aèrio ao mel por que do ar vem o orvalho, que adhere às flôres, e fôlhas de donde as abêlhas o recolhem para o fabrico do mel: e que lhe chamou celeste ou por esta mesma rasão, ou para melhor exprimir as delicias delle.

(2) Entre os idòlatras havião tambem Deuses màos, que sò se occupavão em contrariar as acções dos bons Deuses. Os Romanos lhes tinhão tal respeito que a um delles por nome *Vejove* construìrão um templo na mesma Roma.

(3) Primeira Parte. Da habitação das abêlhas.

Vaga a novilha não sacuda o orvalho,
Não pise hervas nascentes. Longe affasta
O lùcido lagarto auri-verdôso,
Procne c' o peito tincto em filial sangue, (1)
O melharuco, e mais nocivas aves.
Devastão tudo ao largo, e a voante abêlha
Levão, dôce manjar, aos crüeis filhos.
Põe os enxames junto a fonte pura,
Junto ao lago, que o cubra o musgo vêrde,
E à tènue veia, que entre a relva fuja:
Palma, ou zambujo lhes obumbre os pòrticos.
Assim, quando a brincar fora dos favos
Guie o rei nôvo suas jovens turmas
Na primavera, quadra pròpria dellas,
Perto as convide a repoisar ao frêsco
Essa onda clara, essa àrvore frondosa.
Ou jaza, ou côrra o humor lança-lhe em meio
Ingentes seixos, transversaes salgueiros:
Possão assim poisar em pontes crebras,
E hùmidas enxugar ao sol as azas,
Se o ràpido Euro as sparze ao vir aos côrchos,
Ou nas àguas as lança. Là florêça
Serpão de largo odor, vêrde alfazema,
Tracto amplo de tomilho recendente:
Bêba a violeta cristalinas àguas.
Seja armada a colmeia em cava côrcha,
Ou de flexivel vime entretecida,
Estreita tenha a entrada; o mel não sôffra;
Liquifal-o o verão, condensa-o o hynverno.
Um, e outro em grão igual são preniciosos.

---

(1) Procne, mulher de Thereo; por se vingar deste matou o filho e foi mudada em andorinha. Vid. Eclog. 6.ª Ovid. Met. 6.

. . . . Nec adhuc de pectore cædis
Excessere notæ, signatuque sanguine pluma est.

Assim logo as abêlhas à profia
Calafetão com flôres, com sargaço,
Encerrão não debalde as tènues fendas,
E guardão p'ra tal uso espêsso glùten
Mais pegajôso do que o pez de Phrygia. (1)
Tambem frequente o lar (a crer-se a fama)
Na terra minão fundo; e tambem se achão
Em ôcca penha, em troncos carcomidos.
Ajuda-as; barra com delgado luto
Gretados côrchos; rara fôlha os cubra.
Longe o odor dos assados caranguêjos,
Paùl profundo, emanações de lôdo;
Longe os teixos, e os concavos penedos;
Là quebra, e salta o som, reflecte, augmenta.
Eis o àureo sol impelle do Orbe o hynverno, (2)
E a luz do estio brilha em Cèo patente;
Ellas correm então prados, e bosques;
Ora chupão alêm purpùreas flôres,
Ora libão aqui ondas de prata.
Destas, não sei com que doçura ovantes, (3)
Nutrem a prole, os ninhos lhe edificão;
Trabalhando com arte as novas cêras,
Tirão mel denso, que dà visos de oiro.
Quando as vires ao Cèo, deixando os côrchos,

(1) Phrygia, região da A'sia menor, na qual està o monte Ida muito abundante de àrvores de pez muito estimado.

(2) Segunda Parte. Do pasto, enxames, e guerras das abêlhas.

(3) . . . Hinc nescio qua dulcedine lætæ.

Esta passage faz lembrar a outra do 1.º Canto tratando-se dos corvos.

Nescio qua præter solitum dulcedine læti.

Subir em pinha, e em theor de nuve escura
Nadando no èther ao querer dos ventos,
Expia-as, vão p'ra a sombra, e àguas mimosas:
Là sparze o chupamel, a herva cidreira
Em poeira saborosa trituradas:
Sìtios promptos assim estima o enxame:
Para os guiar às colmeias, como è de uso,
Da Mãi Phrygia retine as campaïnhas. (1)
Se pugnas tentão, que a discòrdia insana
Frequente entre dois reis lança estrondosas,
Prevê logo de longe a ira do pôvo,
Da guerra o amor, que os corações inflamma.

---

(1) Não concordão os naturalistas sôbre se è o mêdo, ou alegria, que faz juntar as abêlhas ao tinido dos metaes. Aristòteles, seguindo a Platão è do ultimo parecer — *gaudere somitu apes videntur, quapropter timitu æris convocari eas in alveum aiunt* — Hist. Lib. 9, Cap. 40. — *Varro è do parecer oppôsto — circum tinniendo ære perterritas, quo voluerit, producet* — Lib. 13. O Pad. Lacerda pensa que Virgilio è desta opinião visto o verbo — condere — do texto, que significa esconder, e quem se esconde tem mêdo; mas este verbo tambem significa *edificar — pôr em ordem* — Assim parece-me que não è mêdo, nem alegria; porêm sim um estìmulo, que anima as abêlhas perguiçosas a tornarem ao seu tràfico; e tambem me parece que este è o sentir de Virgilio, bem como o è de Lucrec. Lib. 9, fallando de Caton:

Huad aliter medio revocavit ab æquore puppas
Quam simul effœtas liquunt examina ceras,
Atque oblita favi non miscent nexibus alas;
Sed sibi quæque volat, nec jam degustat amarum
Desidiosa thymum; tum si sonnus increpat œris
Attonitæ posuere fugam, studiumque laboris

Eis estampido rouco as esporeia,
Finge, em quebrados sons, Marcial trombêta.
A' pressa então se appinhão animosas,
Agução os ferrões, azas ensaião,
Tomão ar de pelêja, o rei circundão,
Desafião o imigo a grandes brados.
Ao ver sereno o Cèo ruem das portas;
Dão signal, arde a guerra, o èther retumba;
Confundem-se em theor de orbe, em terra cahem:
A seraiva fatal vem menos basta,
Ou landes da azinheira saccudidas.
Destinctos pelas azas os monarchas (1)
Sentem pular, mesclados nos combates,
A'nimo grande em pequenino peito: (2)

Floriferi repetunt, et sparsi mellis amorem.
Gaudet in Hiblæo securus gramine pastor
Divitias servat casæ . . . . . .

(1) Crêrão os antigos que era macho a abêlha, a que nòs hoje chamamos mãi, ou mestra; por isso lhe chamavão rei. Reaumur, e Swamerdam fizerão por acintosas observações mudar de opinião àcerca de quasi tudo o que se dizia das abêlhas. Com effeito, cada côrcho è um serralho masculino, onde a abêlha mestra, qual o grão Sultão, escolhe o feliz, que mais lhe agrada. Ella è a ùnica fêmea do córcho, e por consequencia a ùnica mãi da immensa prole, que na sasão seguinte deve apparecer. N'uma ninhada hà muitas fêmeas, porêm em chegando a idade de procrearem o enxame mata tôdas exceptuando uma, qué è sempre a que julga mais apta para a geração. E' esta pois que è a abêlha mestra, e que em cada cèlula pòe o seu ôvo.

(2) Germano atribue este phenômeno a causas puramente physicas, fundado, sem dùvida naquel-

Teimão em não ceder, thè que um dentre elles Urja o vencido em fuga a dar-lhe as costas.

---

le dizer de Aristòteles, Lib. 3 de part. anim. Cap. 4 — *pavida sunt, quibus cor magnum: audentiora, quibus minus aut mediocre* — Virgilio explica-se aqui por este famôso verso:

Ingentis animos angusto in pectore versant.

Pap. Stecio o imitou no 1.° Canto da Thebaida com este bom verso:

Maior in exiguo regnabat corpore virtus.

Esta ideia abre um largo campo ao philòsopho. A història prova que as maiores emprêzas do espìrito humano se tem achado em individuos de pequena, ou mediana estatura; isto è nos que os systemas ossudos, musculares, e celulosos se desinvolvêrão muito pouco, ou não muito. Serà por ventura por que a fôrça vital esteja em rasão inversa da quantidade da matèria? Serà por ventura por que individuos da mesma espècie, devendo ter igual quantidade de matèria, são uns mais volumosos de que outros segundo que as molèculas desta estão mais ou menos appinhadas, dependendo assim a energia vital do estìmulo mutuo destas molèculas? Cabanis, e talvez Barthez appontàrão uns longes deste assumpto, e quiçà sem o quererem. E' pois muito vasto à indagação o espaço, que estas ideias appresentão, no qual se acharião novos fructos para as sciencias moraes, physicas, e mesmo politicas. O mais accalorado Kanciano pudera emprehendel-a sem mêdo de ser taixado de materialista como o è por alguns phanàticos o cèlebre Cabanis, que de certo nem pensou em tal ridicularia, que tanto degrada o ser de homem.

Tantos certames, tanto incendio de animos
Cede ao lançar-se-lhe alguns grãos de areia. (1)
Chama os dois reis, o peòr entrega à morte;
O màu não coma o pão, que aos bons se deve:
Reine o melhòr no libertado impèrio.
Um è màis lindo, nelle o oiro rutila: (2)
Feio o outro inglòrio traz grão ventre ignavo.
Dupla raça hà nos reis, dupla no pôvo.
Hediondas umas são qual sputo expulso
Da àrida bôcca do empoeirado andante:
Outras reluzem, o oiro lhes flammêja,
E ornão-se todas de parêlho esmalte.
Esta raça è melhor; na quadra dellas
Dar-te-hão o dôce mel, qual fluido alambre,
Que te amacie a rispidez de Baccho. (3)
Mas se os enxames voando brincão no èther,
Deixão no côrcho, o tràfico suspendem;
De vadio folguêdo hàs de estorval-os.
Custar-te-hà pouco; aos reis priva das azas:
Ninguem, se o rei stà firme, o desampara,

S. Jerònimo, que juntava a inspiração divina aos maiores conhecimentos adquiridos em eloquencia, e em moral dice a Leta, dama Romana, filha do grande Pontifice Albano escrevendo-lhe sôbre a educação da filha, que Deus lhe dera de seu marido Torax, filho de S. Paulo: principia — *Apostolus Paulus scribens ad Corinthios . . .* e depois — *in parvis corporibus ingentes animos in una tueri.*

(1) Diz Plìnio Cap. 7. — *quæ dimicatio in jactu pulveris, aut fumo discutitur* —

(2) Terceira parte: das duas especies de abêlhas.

(3) Entende aqui o poeta ou uma bebida, que então se fazia com duas partes de vinho, e uma de mel, ou o vinho, no qual, quando era rìspido, se deitava uma porção de mel.

Ninguem do lado seu levanta campo. (1)
Encante-as multicor jardim de aromas:
A's aves, e aos ladrões Priapo infesto
Guarde-as com lìgnea foice qual no Euxino. (2)
Plante o colmeeiro em derredor dos côrchos
Pinhos, tomilhos; traga-os de altos montes:
Calêje as mãos co' affan, là ferteis plantas
Desponha, e regue com feliz arroio.
Se junto à meta da final derrota,
Não colhêsse eu a vela, e approasse ao pôrto,
Quiçà dos hortos fôsse lei meu canto:
Nelle verias desbotoar-se a rosa
Do odoro Pesto em bifecundos plainos; (3)
Nelle verias a chicòrea, e ö aipo
A'guas beber alegre em vêrdes ribas,
Tôrto o pepino crear roliço bôjo.
Não passara em silencio o molle acantho,
Pàllidas heras, tardiflor narcisso,
E o myrtho da àgua apaixonado amante.
Vi sob as tôrres da elevada Ebàlia, (4)

(1) Metàphora trazida dos exercitos accampados; quando largão uma posição diz-se que levantão o campo. Assim, fallando do toiro no 3.º Canto:

Levanta campo, vôa a incauto imigo.

(2) Era costume pôr nos jardins, e hortas uma estàtua de Priapo com uma foice de pào duro, como o salgueiro. Prìapo era adorado em Lampsaco, cidade na Mysia menòr junto ao estreito de Gallìpoli ou do Hellesponto, que è tambêm chamado Ponto Euxino.

(3) Pesto, cidade de Lucânia, cujo terreno è muito fertil em rosas, e as dava duas vezes no anno, em Maio, e Septembro.

(4) Tarento assim chamada de Phalante seu instaurador, vindo de Ebàlia, ou Lacònia.

(Inda na mente o vêjo) onde serpeia
O atro Galeso em campo àureo de messes, (1)
Corycio ancião em pouca, e ociosa terra, (2)
Não grata ao pasto, a Baccho, inapta a Ceres.
Aqui, spinhal outr' hora elle plantara
Um canteirinho de ortaliça, e em roda
Verbenas, alvo lìrio, alva papoila;
E voltando à cabana, alta jà a noite,
De manjar não comprado enchia a mêsa:
Cria-se assim mais rico que os monarchas.
Na primavera a flor, no oitono o fructo
Em seu jardim mais temporões colhia:
E quando o frio inda partia as rochas,
E as carreiras tolhia dos arroios,
Jà do acantho elle a coma desbastava
De tardos increpando o estio, e o Zèphyro.
Assim primeiro via-se abundôso
Em mãis abêlhas, em povoado enxame,
Dos favos espremia o mel em spumas:
Possuia tis, e sempre hùmidos pinhos: (3)

---

(1) Galeso, rio de Calàbria: desàgua no gôlpho Tarentino. O poeta chama-lhe — *nêgro* — ou por assombrado das àrvores, que o bordão; ou por assim parecer em rasão da sua fundura. Propercio diz:

. . . . Umbrosi subter spineta Galesi.

(2) Este ancião ou tinha por nome Corycio, ou era habitante do monte Coryco, ou da cidade deste nome em Cilìcia, região da A'sia. Esta cidade foi tomada por Pompeo, parte dos seus habitantes fôrão mortos, e parte mandados para os campos de Tarento.

(3) Os pinheiros hùmidos pêla abundancia de gluten, de que usão as abêlhas para as bases dos favos.

Tantas flores tomava a àrvore fertil ,
Quantas no oitono em pomos se tornavão.
Elle em ordem posera os tardos ôlmos ,
Espinhal jà de ameixas abundante ,
Duros pereiros , plàtanos sombrios.
Mas cante outro os jardins ; que viela estreita
Não deixa escoar-me do encetado rumo.
Recebe attento estas lições , colono.
Jove às abêlhas mesmo deu o instincto , (1)
Por que no antro Dicteo ellas o creàrão
Entre os ruidosos bronzes dos Curetes. (2)

---

(1) Quarta Parte : da quasi civil prudencia , e repùblica das abêlhas.

(2) Saturno , ou por pacto com o irmão Titan , ou por mêdo pròprio visto ser decreto do Fado que êlle seria desappossado de seu impèrio por seus filhos , tôdos quantos tinha devorava. Rhea , Opis , ou Cybele , sua mulher , parindo a Jove em Creta , o escondeu n' uma caverna do monte Dicteo , visinho do Ida , e mandou que os Curetes , Corybantes , ou Dàctilos , ministros de seus sacrificios , com campainhas , e ruìdos de outros instrumentos de bronze estrugissem em redor do bêrço para que o pai não ouvisse chorar o menino. Reinava então Melisso naquella ilha , e suas duas filhas creàrão Jove com mel , e leite de cabras. Daqui se diriva a fàbula da cabra Amalthea , e das abêlhas crearem a Jove excitadas pêlos bronzes dos Curetes. O Deus em recompensa poz a cabra no nùmero dos astros , e uma das suas pontas com o nome de — Cornucòpia — deu às filhas de Mèlisso , de sorte que quanto dezejassem da Cornucòpia lhes sahiria em abundancia : e às abêlhas , que athè então não erão mais sagaces do que as outras môscas , dotou-as de fina sagacidade.

Lucrècio , fallando dos sacrificios de Cybella ,

Dos brutos ellas sòs tem leis immotas ;
Constroem fixos , e sociaes penates ;
Provêm-se no verão prevendo o hynverno ;
Bens , filhos , tectos , pàtria , è commum tudo.
Regrado è seu affan. Umas cuidosas
Vôão de flor em flor buscando os pastos ;
Outras aos favos põem bases primeiras
De gluten spêsso , e prantos de narcisso ,
De cêra logo impondo-lhes muralhas :
Parte educa da grei tenra esperança ;
Parte do mel condensa as puras ondas ,
De tal nectar as cèllulas enchendo :
A estas da porta as sentinellas toccão ;
Outras do Cèo espreitão nuvens , e àguas ,
Recebem cargas , que de fora chêgão ,
E em pinha affastão os zangões inertes. (1)
Ferve o affan ; c' o tomilho o mel recende.
Os Cyclopes são taes quando abelhudos
De aço em braza flexivel forjão raios ;
Uns , dando aos folles , o ar prendem , e soltão ;
Na àgua outros banhão o metal ruidôso :
Alli com grande esfôrço erguem martellos ,
Cadencia regular nos golpes marcão
Sôbre aços , que a tenaz contìnuo volve :
Gème baqueada a safra , o Etna remuge.

---

tem uma das mais famosas onomatopeias , que nos deixàrão os bons poetas Latinos :

Tympana tenta tonant palmis : et Cymbàla circum
Concava raucisono que minantur cornua cantu.

Acho-a igual a esta de Virgilio :

Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum.

(1). O poeta quasi sempre segue Aristòteles , que

Da ordem parêlho amor tem por instincto,
Em ìmpar tràfico, A'tticas abêlhas, (1)
Se pequenos comparo a altos objectos.
Ao cargo das anciãs tocca a polìcia,
Favos munir, feiçoar Dedàleos tectos; (2)
As jovens vão ao pasto, e lassas tornão
C' os pès prëando globos de tomilho;
Colhem aqui o verdemar salgueiro,
O medronheiro alli, til, alfazema,
Rubro açafrão, jacinto aperolado.
Tôdas n'um tempo o affan começão, findão.
Mal que a Alva aponta, sahem; morre ö òcio,
Mal Vesper surge, os pastos abandonão,
C' o fito no repoiso aos tectos volvem:
Zunem; da porta em tôrno o ether murmura.
Eil-as nos leitos jà; reina o silencio:
O dôce somno alenta os membros lassos.
Se ameaça a chuva, longe não se affastão;
Não se confião no ar se Euro presentem;
Mas c' os muros dos côrchos abrigadas,
Fazem aguada, tentão breves cursos;
Tomão um calhàosinho, e, voando em lastro,
Qual nào do instavel mar temendo os choques,
Nas correntes dos ares se equilibrão. (3)

---

fallando dos zangões tambêm lhes chamou perguiçosos.

(1) Na A'ttica havia o mel, que então era julgado o melhòr.

(2) Dedalo ingenhosìssimo Atheniense, que edificou o labyrintho de Creta. Chama o poeta: Dedàleos aos cortiços por serem artificiosamente feitos.

(3) Aristot. Lib. 9. Hist. diz — *Cum ventas ingruit, lapillum gestant, quo se quasi fulcra stabiliunt* — Plutarch. de solert. anim. è do mêsmo parecer; porêm o que modernamente se crê è que esta areia serve para as construcções dos favos.

E' pasmo a procreação entre as abêlhas :
Do amor o gôso , e a languidez ignorão ,
Também ignorão dolorôso o parto.
Mimosas flôres , e herva esquadrinhando
Tirão co' a bôcca os filhos de entre aromas : (1)
Substituem o pôvo , e o rei dest' arte ,
Reinos , salões com cêra reedificão.
Muitas vêzes vagueando despedação
As tenras asas em squinadas penhas ,
E de bom grado sob a carga expirão :
Entre ellas quanto pode o amor das flôres !
Do mel gerarem quanto pode a glòria !
Inda que breve o têrmo è-lhes da vida ,
Que alêm não passa do verão seteno ,
São de raça immortal ; prole sem conto
Conhece os seus avòs , e os avòs dêstes.
O Egypto , a grande Lydia , a Pàrcia , o Medo ,
Como ellas , não venerão seus monarchas.
Vivo o rei , de um pensar è tôdo o pôvo ;
Reina a anarchia logo que o rei morre :

---

(1) Com effeito , è de notar o êrro em que nesta parte cahio o famôso Aristòteles. Plìnio seguindo-o diz — Lib. 11 cap. 16 — *Apum coitus visus est nunquam* — Lactancio , Sant. Ambròsio , e outros Santos Padres o crêrão tanto que propuserão as abelhas às virgens como modêlo de castidade. *Quandoque bonus dormitat Homerus* — O sàbio , e incansavel Reaumur foi quem no sèculo 17 dice o primeiro ter visto o còito das abêlhas — Reaum. Hist. des insect. T. 5. Mem. 1.ª Estes animaes seguem os mêsmos gràos de metamorphose que os mais insectos papilionàceos. Os insectos alados põem ovos dos quaes sahe um verme branco chamado Nympha , ou Chrysalide , que se enrola n'uma espècie de teia , e depois de certo tempo rompe este casulo , e sahe um insecto alado.

Dão saque ao mel, derrocão o edificio.
Preside êlle ao trabalho, ellas o admirão;
Com grão murmùrio o cercão appinhadas,
Levão-no aos hombros, em seu prò combatem,
De golpeadas morrer buscando a glòria.
Fundado nêstes factos hà quem pense
Na abêlha haver porção da Divindade. (1)
Deus (dizem) enche o Cèo, o Mar, e o Mundo:
Tudo ao nascer recebe dêlle a vida,
Que torna ä êlle ao dissolver-se o côrpo,
E acha n'um astro a celestial vivenda:
Mudança em formas eis o que è a morte. (2)
Não vaz crestar o enthesoirado nectar
Sem na mão fumo ter, que urja as abêlhas,
E àgua na bôcca, que as borrife em ondas.
Seu ardente furor não tem limites;
Sendo offendidas mordem venenosas,
Mata-as nos golpes a ansia no vingar-se,
Deixão nas veias os ferrões occultos.
Tem dupla messe o mel; hà cresta, e estinha. (3)

---

(1) Aqui segue o poeta a opinião de Pythàgoras explicada nestas palavras de Sèrvio: „ tôdos os animaes constão dos quatro elementos, e do espìrito divino. Da terra tem a carne, da àgua os humôres, do ar a respiração, do fogo a actividade, do espìrito divino o ingenho, o qual està nas abêlhas em igual quilate ao dos homens, &c. &c. „

(2) Esta è a opinião de Platão, que diz que quando Deus creou o Mundo fez igual o nùmero de astros, e de almas, as quaes descião aos corpos, e quando dêlles sahião, voltavão para os astros conhecidos a entranharem-se na alma do Mundo, isto è Deus. Eis a rasão por que Virgilio diz que a mudança em formas è o que constitue a morte.

(3) Quinta parte: do tempo de recolher o mel.

Quando às terras a Pleìade Taugeto,
C' os pès batendo o despresado Oceano,
Mostra o semblante lindo; então tu cresta. (1)
E quando ella tristonha foge da Hydra,
Do Cèo jogando-se às hybernas vagas,
Então convêm que estinhes sem tardança. (2)
Se tèmes duro o hynverno, e se ès sensivel
A's afflicções, às ruìnas das abêlhas,
Deixa algum mel; perfuma-as com tomilho,
E sò as priva da sobêja cêra.
Cuidado; estraga-as o sardão occulto;
Là se acoita a lucìfuga barata;
Gosa immune o zangão de alheios pastos;
De mores dardos vem a àspera vêspa,
Ou a roedôra traça, e teias bambas
A's portas pende a aranha odiosa a Pallas. (3)

---

(1) Taygeto uma das Pleìadas. Vid. Cant. 1.º Nota dois tempos de recolher o mel: o primeiro no nascimento, o segundo no occaso desta constellação, aos quaes tempos chama metaphoricamente messes (— *messem* —) Nascem no ùltimo de Abril, ou no principio de Maio, e põem-se no fim de Outubro, ou principio de Novembro. A' primeira colheita do mel chamamos em Portuguez — *cresta* —, e à segunda chamo eu — estinha — nome derivado do verbo — *estinhar* — que nos nossos Clàssicos significa — *crestar o ùltimo mel* —

(2) Deixando de parte tôdas as interpretações, que se tem dado ao — *piscis aquosi* — do têxto, sigo aqui a la Rue, que o tòma pêla constellação da Hydra, que no occaso das Pleìadas parece ficar-lhes imminente.

(3) Arachne, mulher Lydia, ousando contender com Pallas na arte de tecer lãs, e vendo que as suas erão sumenos às della, se matou: a Deusa, a transformou em aranha.

Quanto as exhaures mais, da prole a ruìna
Em reparal-a tanto mais se esmerão,
Enchem mais favos, vão colher mais flôres.
Se triste doença as fôrças lhes quebranta, (1)
(Dorida tem, qual nòs, sua existencia)
Por não dùbios signaes podes sabel-o.
Logo o vivo das côres se lhes murcha,
Magrêza hòrrida o vulto lhes deforma;
Tirão do côrcho as que de luz fallecem,
Instão em lhes prestar funèreas honras:
Jà implicando os pès, pendem do limen, (2)
Jà ficão nos cortiços encerradas:
Tolhe-as a fome, o frio as interiça.
Mais grave zune o som, longo susurrão,
Qual nas selvas murmura o Austro chuvôso,
Ou ruge o mar co' as ondas ressacadas, (3)
Ou fôgo estua irôso em forjas prêso.
Então gàlbano accende; o odor lhe inspirem;
Lança-lhes mel por cannas, tu, colono,
Mêsmo as convida aos conhecidos pastos.
Infunde nêsse mel galhas contusas,
Tomilho A'ttico, rispida centàurea,
Rosas sêccas, ou de uvas dôce arrôbe,
Ou grandes passas da videira Psythia. (4)
Hà no prado uma flor por nome amello;

(1) Sêxta parte: das doenças das abêlhas, signaes, e remedios.

(2) Não se deve aqui entender que ellas pegadas umas nas outras fiquem pendentes do limen, a modo de cachos de uvas, o que è indìcio de alegria como se verà neste Canto, vers. ; mas sim que uma a uma ou morta, ou lânguida de fome là fique pendurada.

(3) Temos em Portuguez a palavra — *ressáca* — e eu della fiz o adjectivo — *ressacadas* —, e talvez faça o verbo — *ressacar* —.

(4) Sôbre a uva Psythia vid. Canto 2.º

Mui còg̃nita è a planta: de um sò tronco
Grande còpia de ramos se sublima:
No disco è aurea a flor, fulge-lhe o limbo
De bastas fôlhas de aviolada pùrpura.
Tecida orna em festões frequente as aras.
Tem àspero o sabor: zagaes a colhem
Do curvo Mella nos tosados valles. (1)
Em vinho odoro cose-lhe as raìzes;
Enche amplos canastreis, põe junto aos côrchos:
Tal pasto refocille abêlhas tuas.
Se sùbito perdida a prole inteira, (2)
Outra stirpe não hà, que as reproduza;
Apprende a alta invenção do Arcàdio mestre,
Como de mortos bois o pôdre sangue
Novas abêlhas deu à luz do Mundo.
Remontarei da fama às altas fontes.
A fausta gente do Pelleo Canopo,
Que do espraiado Nilo habita as margens,
E em pintados bateis vaga em seus campos;
E a que êlle, vindo dêsde os Indos nêgros
Athè romper no mar por sete fozes,
Banha pròxima ao Persa pharetrado;
E o Egypto, que o fecunda areia escura;
Tôdos nesta arte põem certa esperança. (3)

(1) Mella, rio da Gallia Cisalpina do qual, segundo Sèrvio, tòma a flor o nome.

(2) Septima parte: da maneira de ter novas abêlhas em caso de pêrda.

(3) O poeta nesta perìphrase tenta explicar o quanto se extendia a crença do facto, que vai narrar, pois que tôdas as nações das margens do Nilo a tinhão. No tempo de Virgilio não se conhecia a nascente do Nilo; hôje sabe-se que nasce de duas fontes juntas às raìzes dos montes da Lua, ao meio dia do grande lago, chamado Zembre, que depois atravessa. Os Indos negros são os

Adapta de antemão pequeno espaço ;
Cinge-o de muros , de telhado o cobre :
Os quatro geraes ventos tendo em frente (1)
Quatro abre frestas ; passe a luz oblìqua
Quando o Zèphyro primo enruga as àguas ,
Antes que o prado novas flôres vista ,
E que a andorinha gàrrula suspenda
Da alta cimalha o ninho ; eis pròprio o tempo.
Busca um novilho , que ja curve as hàsteas ;
Ventas , bôcca lhe tapa , amassa o dôrso ,
Inteira a pelle , as vìsceras desfaze :
O reluctante bruto assim perêça.
Fique encerrado là ; cobre-o de ramos
De alfazema , e tomilho vicejantes.
Tèpido ferve o humor , delie os ossos ;
Surgem vermes então , è pasmo vel-os !
Sem pès primeiro , logo os mostrão , e asas ;
Tentão câda vez mais vôo estridente ,
Athè que pelas tènues auras rompem ,
Qual cahe em pò do estio a chuva grossa ,
Ou qual seta , que trème de expedida
Quando as pugnas enceta leve o Partho. (2)

Ethìopes : vid. Canto 2.º Cyro , rei da Pèrsia , filho de Cambyses conquistou n'outro tempo a Aràbia , e a Syria , regiões visinhas às que banha o Nilo. Chama pharetrado ao Persa por êste andar sempre armado de aljava. Canopo era cidade do Egypto , pròxima de Alexandria. Alexandre , rei de Macedònia , nascido em Pella , edificou a cidade de Alexandria : o poeta pois em rasão daquella proximidade lhe chama Canopo Pelleo , ou Alexandrino.

(1) Os ventos geraès são Euro , que sopra do Oriente , Zèphyro do Occidente , Bòreas do Septentrião , Noto do Meio dia.

(2) Os habitantes da Pàrcia insignes no jôgo das flechas.

Que Deus nos deparou esta arte, oh Musas?
Donde êste manancial correu aos homens?
O pastor Aristeo, deixando afflicto (1)
Os frêscos valles de Peneo outr' hora, (2)
Mortos de fome, e doença os seus enxames,
Parou do rio junto à sacra fonte,
E entre ais dirije à mãi estas palavras:
„ Cyrene, oh minha mãi, que aqui dominas;
„ Se è, qual dizes, meu pai o Thymbreo Apollo, (3)
„ Por que da clara stirpe das Deidades
„ Me geraste ludìbrio da Fortuna?
„ Teu generôso amor tinha tal fito?
„ E' êste o Cèo, que tu me promettêste
„ O cuidado tenaz de grãos, e armentos
„ Esta honra humana apenas deparara
„ A mim, que instava nos tentames tôdos;
„ Tudo agora perdi: e ès mãi por certo?
„ Finda: co' a mão as plantações me arranca;
„ Abraza-me os curraes, florestas, searas;
„ Prostra as vinhas co' a vàlida bipenne:
„ Sim; que è tal tèdio o teu de meus louvôres.
Do rio ouvio no thàlamo profundo
A terna mãi o lastimôso accento:
Em tôrno della fiavão leve as Nymphas
Tinctos de verdemar Milèsios vellos:
Luz-lhes coma fluctuante em nìveo collo.
A tenra Opis là stà; o olhar tem dôce;
E Clio altiva, e sua irmã Beroe,

(1) Oitava parte: da fàbula de Aristeo, e de Orpheo.

(2) Peneo, rio de Thessàlia, pai de Cyrene, e avô de Aristeo.

(3) Thymbreo, sobrenome de Apollo, derivado de Thymbra cidade em Tròade, onde tinha êlle um templo cèlebre, no qual diz-se que Pàris matou Achilles.

Ambas prole do Occano, ornadas ambas
De lindas pelles recamadas de oiro;
A loira Phyllis, a morena Xantho;
Thalia, que alardeia tez de rosas;
Drymo, que lhe arfão de jasmim os peitos;
Lygea refeita, a delicada Ephire;
Nèsia, que diz não dar a flor virgìnea;
Lycoris, que de amor jà gosta os fructos;
Arethusa, que, em fim, outr' hora em bosques
Despedia veloz certeiras flechas. (1)
Entre ellas a dulcìsona Clymene
Cantava de Vulcano os vãos esmêros, (2)
Jucundos furtos do dolôso Marte,
E os frequentes amôres das Deidades
Thè ao antigo Chaos remontando. (3)
Embebidas no canto vão torcendo
Em fuso argenteo os fios delicados;
Eis de Aristeo o dò outra vez se ouve:
Tôdas na vìtrea estancia estremecêrão.

---

(1) Aqui tomei uma liberdade talvez perdoavel. O quadro de Virgilio sò appresenta uma assemblea de Nymphas, e eu atrevi-me a amplial-o acrescentando a câda uma dellas qualidades jà physicas, jà moraes, que as distinguissem. Delille me mostrou o exemplo; mas cotejando-se esta passage na sua traducção, e na minha ver-se-hà que seguimos vias differentes.

(2) Venus, espôsa de Vulcano, amou a Marte, e foi com êlle surprehendida em adultèrio pêlo marido, que os involveu em cadeias subtilìssimas, e os expoz ao ludìbrio dos Deuses. Chama o poeta vãos a êstes esmeros por que nada valêrão à emenda de Venus.

(3) O Cahos, mole informe de que tudo se fez. O poeta adopta aqui o parecer de Hesìodo, que toma por Deuses progenitôres o Cahos, a terra, e o Amor. Vid. Theog. vers. 116.

Arethusa, a primeira em dar soccorros,
Levanta fora da àgua a loira frente;
E brada ao longe: „ Oh minha irmã Cyrene,
„ Não debalde atterrada a clamor tanto:
„ Teu afflicto Aristeo, teu mòr disvelo,
„ Do pai Peneo à marge està chorando,
„ E como mãi cruel diz que o maltratas.
De nova ansia Cyrene então pungida:
„ Traze-o (lhe diz) jà, eia, a nòs o traze:
„ Elle tem juz de entrar limen de Deuses.
Logo affastar-se ao largo as àguas manda
Abrindo via aos passos do mancêbo.
Vel-as hias curvar-se em theor de monte,
Guïal-o em vasto seio às fundas grutas.
Admira jà da mãi o hùmido impèrio,
Paços, lagos em rochas, bosques soantes.
Das àguas ao grão moto êlle espantado,
Via de vàrias partes ir volvendo
Sob a terra espaçosa os rios tôdos. (1)
Rompe de là primeiro o irôso Enìpeo, (2)
Depois o A'nio, o pai Tibre, o Lyco, o Phase,

(1) Havião então duas principaes opiniões a respeito da origem dos rios, uma de Platão, outra de Aristòteles. Aquelle julga que os rios tem um receptàculo commum no centro da terra: Virgilio o segue aqui. Aristòteles pensa que êlles são filtrados do mar: Homero è dêste parecer.

(2) Enìpeo, rio de Thessàlia, que banha os famosos campos de Pharsàlia. O A'nio, e o Tibre correm em Itàlia. Hà muitos rios com o nome de Lyco; o principal è na Colchìdia. O Phase tambêm è desta região; nasce nos montes da Armènia, e desàgua no Ponto Euxino. O Caïco è em Mysia, e o Hypane na Scythia. O Pò, ou Erìdano; chama-lhe o poeta toiro no vulto por que se bifurca, e doirado por que êlle està no nùmero dos astros.

Mysio Caïco, Hypane soante em penhas,
O Pò, toiro no vulto, e hàsteas doiradas;
Do que êlle mais violento em pingues campos
Outro rio não corre ao mar purpùreo.
Chegou por fim de pomes às abòbadas:
Là vio Cyrene o vão do filial pranto.
Do môço dão às mãos pura àgua as Nymphas,
Trazem-lhe toalhas de tosado fêlpo.
Corre o vinho, os manjares enchem mêzas;
Ardem no altar aromas de Panchaia.
„ Toma essa taça de Mëònio Baccho; (1)
„ Libemos, (diz-lhe a mái,) do Oceano em honra.
Ella então chama o Oceano, pai do Mundo, (2)
E as irmãs Nymphas, que nomeou o Fado
Soberanas dos rios, das florestas.
Tres vêzes lança o nectar sôbre o fôgo,
Tres vêzes salta ao ar a flamma em lìnguas:
Recebe o agoiro, e rompe em taes palavras:
„ O vidente Proteo, que o mar percorre
„ Em carroça de bìpedes cavallos,
„ De Scarpantho no golpho tem morada; (3)
„ Hôje à pàtria Pallene inclina a rota.
„ O ancião Nereo, e as Nymphas o venerão:
„ Com a profunda sciencia o vate abrange
„ O passado, o presente, o porvir, tudo.
„ Tal approuve a Neptuno, de quem guarda,

(1) Meònia foi o antigo nome de Lydia, onde havião excellentes vinhos.

(2) Orpheo, Homero, Thala de Mileto julgavão que a àgua formava tôdos os entes.

(3) Proteu, filho de Neptuno, e de Phenice, ou de Nereo, e Thetys, nasceu, segundo Homero, no Egypto, e segundo Virgilio, em Pallene, peninsula de Macedònia. A sua habitação era no gôlpho de Scarpantho, parte do Mediterraneo, que banha a ilha daquêlle nome situada entre as ilhas de Creta, e de Rhodes.

„ Os armentos de phocas sob as ondas.
„ Com cadeias o força a dar-te, oh filho,
„ Rasões do damno teu, dizer-te o antìdoto.
„ Nada te ensinarà se o não violentas;
„ São inuteis com êlle as preces tôdas.
„ Com valor nas prisões tem-no captivo;
„ Nellas se quebre o vão de seus enganos.
„ Eu, quando no zenith arder Apollo,
„ A herva seccar, e à grei for grata a sombra,
„ Eu mêsma te guiarei do velho aos antros,
„ Onde lasso repoisa ao sahir da onda.
„ Facil surprendel-o-hàs do somno em braços.
„ Cuidado; apenas mãos, ou vinc'lo o prendem,
„ Arma phantasmas de diversos monstros;
„ Eis hòrrido javardo, eis tigre em fùrias,
„ Drago escamôso, ou leão, que as crins entona;
„ Jà fôgo estalla, jà corrente foge.
„ Mas quanto mais tòme êlle as formas tôdas,
„ Oh filho, tanto mais lhe apperta os laços,
„ Athè que torne à prìstina figura.
Fallou assim: e sôbre o filho espalha
Da suave ambròsia os lìquidos perfumes:
Eis dôce aura lhe exhala dos cabêllos,
E àgil vigor lhe adapta o côrpo às lutas.
Grande antro aberto em monte carcomido
Recebe o mar jogado pêlos ventos,
E que aos seios tortuosos se reparte;
Das nàos em p'rigo outr' hora asilo certo.
Là sconde a Nympha n'uma gruta o filho,
E envôlta em nèvua põe-se longe à espia.
Vibrando fogos aos sequiosos Indos
No Cèo ardia jà ràpido o Sìrio,
E o sol bebia o humor do meio do orbe;
A herva morria, e os raios aquentavão
Athè ao lôdo em sêcca marge os rios.
Quando Proteo, do pèlago sahindo,
Ia buscando a sòlita caverna:
Do mar lhe salta em tôrno a hùmida gente,
Longe esparze salpicos amargosos.

Na praia aquì, e allì se encostão phocas.
Elle, (qual o pastor em combro erguido,
Quando ao stàbulo os pastos guia Vesper,
E excita os lôbos o balar dos anhos)
N'um pico senta-se, e os rebanhos conta.
Apenas dorme o ancião sem que inda ao somno
Bem desposesse os fatigados membros,
Eis Arìsteo com grão clamor o investe,
E com cadeias o ata. Então o vate,
Dos artifícios seus não deslembrado,
Em tôdos os phantasmas se transtorna;
E' fôgo, è fera horrenda, è ràpida onda.
Mas tanto que achou nullos seus enganos,
Vencido torna a sì, e diz como hòmem:
„ Quem te manda, audacìssimo mancêbo,
„ Vir a meus antros? Que de mim pertendes?
Responde o môço: — tu, tu mêsmo o sabes;
„ Ninguem, douto Proteo, pode enganar-te.
„ Digna-te ouvir-me: vim de ordem dos Deuses
„ Buscar orac'los sôbre as pêrdas minhas.
O vate então com ìmpeto retorce
Os olhos flammejando em luz cerùlea,
Os dentes range, e desentranha os fados.
„ Seva em ti, (diz-lhe) um Deus os seus furôres:
„ Expias crime ingente. Orpheo sem dita (1)
„ Taes penas te imprecou; mas mais mereces:
„ Elle a espôsa perdeu por causa tua.
„ De um rio à beira te fugia a bella
„ Sem ver ante os pès seus a àspide irosa,
„ Que se escondia sob as altas hervas.
„ Matou-a o monstro: enchêrão as mais Drìãdas
„ De alto clamor os empinados montes.
„ O grão Pangeo, do Rhòdope os penhascos,
„ De Rheso a Màrcia terra, a Àttica Orìthya,

(1) Orpheo, vid. Eclog. 3.ª

„ O ràpido Hebro, o Geta então choràrão. (1)
„ Elle, na cava cìthara alliviando,
„ Dôres, que o malfadado amor lhe urdira,
„ Sò se entranhou por solitàrias brenhas,
„ E a ti, oh dôce espôsa, te cantava
„ A' luz ampla do sol, da noite às sombras.
„ Entrou do àspero Dite os portões fundos, (2)
„ Tenàrias fauces, e medonhos bosques; (3)
„ Foi ter c' os Manes, com Plutão tremendo, (4)
„ Que nunca cede a sùpplicas humanas.
„ Mas a tal canto então se commovêrão
„ Do imo E'rebro os phantasmas, vàcuas sombras:
„ (Aves nos bosques tantas mil se acoitão,
„ Se dos montes as lança Hèspero, ou chuva.)
„ Mãis, meninos, varões, heroes, donzellas,
„ Mancêbos, que ante os pais na pyra ardêrão;
„ Vìctimas, que o Cocyto, e a Styx escura

---

(1) Pangeo, monte da Thràcia. Rhòdope, vid. Ecl. 6, e Georg. Canto 1.º Pheso foi rei de Thràcia, que viveo no tempo da ruìna de Troia, e por consequencia muito posterior a Orpheo. Assim o poeta usa aqui da prolepsis, ou anticipação de tempo. Orìthya è o substantivo adjectivado concordando com A'ttica, por ser desta região que Orìthya, filha de Erechtheo, rei de Athenas, foi roubada por Bòreas, do qual têve dois filhos. O Hebro, vid. Ecl. 6.ª O Geta, Georg. Canto 2.º

(2) Dite, nome dado a Plutão, dirivado — a divitiis —

(3) O Tènaro, è o nome de um promontòrio no Peloponneso, que os Grêgos fingirão ser as bôccas do Inferno.

(4) Os Manes são as almas dos mortos. Plutão, Deus do Averno, irmão de Jove &c. Sôbre tôdos êstes nomes pròprios vejão-se as notas do sêxto Canto da Eneida.

„ De onda dormente, e canaviaes lodosos
„ Involve em gyros nove, encarceradas.
„ As Eumènides torvas, que se arreião
„ Dé crêspa coma de cerùleas serpes,
„ Derão signaes de tardas na ferêza;
„ Cessou Cèrbero os ùivos horrorosos,
„ Ficou quêda de Ixion a roda ingente;
„ Tudo pasmou na estancia atra da Morte.
„ Jà vencedor dos Fados torna do Orco,
„ Trazendo à Luz Eurydice atraz dêlle;
„ Mas sem a ver: Prosèrpina o mandara. (1)
„ Eis no incauto amador surge ansia louca,
„ De perdão digna, se pesdoasse o Averno.
„ Quasi às portas da Luz vence-o a saudade;
„ Pàra esquecido, oh dor! Olha a alma espôsa...
„ Là se esvaìrão os trabalhos tôdos,
„ Rompeu-se o pacto do feroz Tyranno;
„ Tres vêzes toou fragor no abismo do Orco.
— Ai de mim! (lhe diz ella) oh triste espôso,
— Teu desmedido amor perdeu-nos a ambos!
— De nôvo o fado cruel me arrasta ao Tàrtaro:
— Meus braços, que te estendo, desfallecem;
— Somno Lethal me tolda os froixos olhos;
— Foge-me o dia, oh Cèos!.. Jà não sou tua...
— Adeus... Ai caro espôso!.. Eis noite eterna.
„ Dice, e sumio-se, qual o fumo na aura.
„ O espôso a segue, e sò abraça sombras:
„ Em vão a chama que o barqueiro Stygio
„ Não mais passar taes àguas lhe consente.
„ Privado dupla vez da terna espôsa,
„ Onde o levara a dor? Que pranto, ou lyra
„ Amaciara do Tàrtaro o Tyranno?
„ Eil-a jà fria no batel do Lethes.
„ E' fama que chorara o triste amante
„ Por mêzes sete do Strymon às margens,

(1) Vid. Canto 1.º

„ Sob gèlidas cavernas solitàrio.
„ A seu canto amançava o hòrrido tigre,
„ E se inclinavão do carvalho os topes.
„ Tal Philomela entre os popùleos ramos
„ Chora os filhinhos, que o colono duro
„ Inda implumes sagaz tirou do ninho:
„ Ella poisada passa a noite em pranto;
„ Enternecem seus ais a Naturêza. (1)
„ A amôres, a hymeneo foi insensivel.
„ Sò percorria os Hyperbòreos gêlos,
„ E as longas ribas do Tanais nivôso, (2)
„ Pranteando a espôsa, e os dons fùteis de Dite.
„ Por taes desprèzos as mulheres Thràcias,
„ De Lieo sagrado nas nocturnas O'rgias,
„ O moço pêlo campo espedaçàrão.
„ Em si o Hebro levando ensanguentada
„ Cèrcea a cabêça da cerviz marmòrea,
„ Jà nos arrancos da visinha morte,
„ Jà fria a lingua a Eurydice chamava,
„ Logo — Eurydice — os echos repetião.
Assim fallou Protheo, e de repente
Formou um salto, e se escondeu no pego,
Em spùmeo gyro remoinhando as ondas.
Eis Cyrene a Aristeo vem dar alìvio:
„ Oh filho, (diz-lhe) livra a alma de susto;
„ Esta a causa a teus males; della mana
„ Darem à morte o teu enxame as Nymphas,
„ Com que a bella cansava outr'hora os bosques:
„ Tu sùpplice as abranda, e dons lhes presta:
„ Facil as Nymphas a bons rogos cedem.
„ De orar attende ao modo, que ora expendo.

---

(1) O roxinol, ave, em que se mudou Philomela. Vid. Ecl. 6.a

(2) O Tanais, rio, que nasce nos confins de Moscòvia, desàgua na Lagôa Meòtis, e divide a Europa da A'sia.

„ Escolhe os quatro toiros mais airosos,
„ Que hôje teus pastão no Lyceo virente,
„ Novilhas quatro de cerviz intacta.
„ Junto aos altos alcàçares das Deusas
„ Quatro altares às vìctimas erige:
„ Là das gargantas vasa o sangue sacro,
„ E deixa-as no atro fundo das florestas.
„ Depois, quando assomar a nona Aurora,
„ De Orpheo aos Manes dà Lètheas papoilas:
„ Immola uma novilha à branda Eurydice,
„ E uma cordeira nêgra; e torna aos bosques.
Sem demora os maternos mandos cumpre:
Aos alcàçares chega, arma os altares;
Immola os quatro toiros mais airosos,
Novilhas quatro de cerviz intacta.
Depois, quando assomou a nona Aurora,
Pagou os dons a Orpheo, tornou aos bosques.
Então sùbito vio prodìgios grandes:
Dentro do côrpo as vìsceras desfeitas
Produzirão abêlhas murmurantes:
Ruem em nuvens dos costados rôtos,
Jà nos topes das àrvores se ajuntão,
Pendem, quaes uvas, dos flexiveis ramos. (1)
Campos, àrvores, greis desta arte entôo,
Em quanto às margens do profundo Euphrates,
O grande Cesar, fulminando guerras,
Dà leis aos povos, que venceu, que o adorão,
E vai montando ao estellante Olympo. (2)
E eu, dado ao quieto estudo de artes bellas,

---

(1) Parece que è um signal de bem-estar entre as abêlhas, quando ellas, pegando-se umas às outras, tòmão a forma de cachos de uvas.

(2) Octaviano havia pouco antes destruido M. Antonio, e Cleòpatra, e então consentia que se lhe edificassem templos em Nicomèdia, e em Pèrgamo.

Vivo obscuro em Parthènope mimosa, (1)
Tendo, audaz na puerìcia, sob a faia,
Oh Tìtyro, cantado os teus amôres.

FIM DO QUARTO E ULTIMO CANTO.

(1) Hôje chamada Nàpoles.

VENDE-SE na Loja de Manoel Joaquim da Silva Porto, Mercador de Livros na rua da Quitanda á esquina da de S. Pedro; e se adverte que fica no prelo a traducção de toda a Eneida feita por este mesmo traductor, a qual fará dois volumes de igual formato, que depois se venderáõ juntamente com este, ou separados.

13-159-1

XX

A818
V816d
v.1